



2001

UMA ODISSÉIA
NO ESPAÇO

Arthur C. Clarke

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NO PRIMEIRO ANO DO SÉCULO XXI

Você é o comandante do Discovery, uma imensa nave espacial viajando a milhares de quilômetros por hora. Seu destino é um planeta nos limites mais longínquos do sistema solar. Seus companheiros de viagem são um navegador, três hibernautas congelados, e HAL, um computador muito falante, que está guiando o curso da nave e também de sua vida. A missão a cumprir — através do abismo do espaço — começou com o encontro de uma estranha formação monolítica numa das crateras lunares. Não há a menor possibilidade de ser este monólito uma formação natural, principalmente porque ele emite sinais inexplicáveis. Seria um cartão de visitas deliberadamente enterrado na Lua, deixado por uma Inteligência alienígena há milhões e milhões de anos?

E você deve descobrir QUEM, QUAL A MENSAGEM, AONDE e POR QUE...

Prólogo

Erguem-se trinta fantasmas atrás de cada homem vivo. É esta precisamente a proporção entre os que ainda vivem e os que já morreram. Cerca de cem bilhões de criaturas humanas já pisaram o planeta Terra desde que o mundo existe.

É uma cifra interessante, pois, por coincidência, há aproximadamente cem bilhões de estrelas nesse universo particular, a via-láctea. Portanto, para cada homem que viveu corresponde uma estrela em pleno brilho.

Mas cada uma dessas estrelas é um sol, freqüentemente muito mais brilhante e resplandecente do que a pequenina e vizinha estrela a que chamamos Sol. É em torno de muitos deles, da maioria, talvez, desses sóis desconhecidos, que giram os planetas. É quase certo assim haver no céu terra suficiente para proporcionar a cada membro da espécie humana, incluindo o homem-macaco, o seu paraíso — ou inferno — particular, do tamanho do mundo.

É impossível saber quantos desses paraísos ou infernos em potencial são habitados e por que espécie de criaturas o são. O mais próximo deles está situado um milhão de vezes mais longe que Marte ou Vênus, essas metas ainda remotas para a próxima geração. Mas as barreiras dessa distância desmoronam. Chegará o dia em que haveremos de encontrar entre as estrelas os nossos semelhantes — ou os nossos mestres.

Os homens custaram a enfrentar essa perspectiva. Alguns ainda continuam esperando que ela nunca se torne realidade. Entretanto, cada vez é mais freqüente a pergunta: Não será possível que já tenham acontecido tais encontros, visto nós mesmos estarmos prestes a aventurar-nos ao espaço?

Por que não? Este livro bem pode ser uma resposta para pergunta tão razoável. Mas, por favor, lembrem-se de que é ele apenas ficção.

A verdade, como sempre, será muitíssimo mais estranha.

A.C.C.

S.K.

I. NOITE PRIMITIVA

1. O Caminho da extinção

Há dez milhões de anos que a seca perdurava e fazia já muito tempo que terminara o reino dos terríveis lagartos. Aqui, no Equador, no continente que um dia seria denominado África, a luta pela vida atingira um novo clímax de ferocidade, não havendo ainda vencedor à vista. Na terra seca e desolada, apenas os pequenos, ou os ágeis, ou os valentes, podiam desenvolver-se ou mesmo ter esperança de sobrevivência.

Os homens-macaco da savana não eram assim e, portanto, não se desenvolviam. A verdade era que a sua raça estava a caminho da extinção. Uns cinquenta desse tipo de homens ocupavam algumas cavernas que dominavam o vale pequeno e ressecado, cortado por modesto riacho cujas águas provinham da neve das montanhas situadas a trezentos quilômetros do norte. Havia ocasiões em que o riacho se evaporava completamente e a tribo vivia então sob o espectro da sede.

A fome era constante, estando todos agora famintos. Quando a primeira claridade da aurora esgueirou-se para o interior da caverna, Amigo da Lua viu que seu pai morrera durante a noite. Não sabia que o ancião era seu pai, pois tal relacionamento estava muito além da sua capacidade de compreensão. Ao olhar, porém, para aquele corpo magro sentiu certo desassossego, que é o ancestral da tristeza.

Os dois bebês choramingavam de fome, mas calaram-se quando Amigo da Lua rosnou para eles. Uma das mães, defendendo a criança que não podia ser convenientemente alimentada, também rosnou ferozmente à sua volta e ele não teve forças para dar-lhe um bofetão pelo seu atrevimento.

A claridade tinha aumentado e podia-se sair agora da caverna. Amigo da Lua pegou o cadáver encarquilhado e o arrastou ao atravessar o teto baixo da entrada. Chegando ao lado de fora, arremessou o corpo sobre os ombros e endireitou-se. Era o único animal do mundo que podia manter-se ereto.

Amigo da Lua parecia um gigante junto de seus companheiros. Tinha mais de um metro e meio de altura, e, apesar de subnutrido, pesava mais de quatrocentos quilos. Seu corpo peludo e musculoso colocava-o entre o macaco e o homem. Sua cabeça, porém, parecia mais com a do homem do que com a do macaco. Tinha uma testa estreita, com saliência acima da cavidade ocular. Possuía, indubitavelmente, em seu gene característica de humanidade. Ao contemplar o mundo hostil da era plistocena, havia em seu olhar algo que superava a capacidade de qualquer macaco. Os seus olhos fundos e escuros continham uma percepção incipiente — o primeiro estímulo de uma inteligência que ainda levaria séculos para se manifestar e que poderia dentro em breve extinguir-se para sempre. Não vendo qualquer sinal de perigo, Amigo da Lua precipitou-se pela encosta quase vertical, sem se incomodar com sua carga. Como se estivesse à espera de uma senha, o resto da tribo surgiu de suas cavernas, situadas mais abaixo, e apressou-se em direção às águas lamacentas do riacho para o gole matinal. Amigo da Lua examinou o vale para ver se os Outros estavam por perto. Não havia sinal deles. Talvez ainda não tivessem deixado suas cavernas, ou então já haviam começado a procurar alimentos nas colinas. Como não estivessem à vista, Amigo da Lua esqueceu-se deles, pois era incapaz de ocupar-se com duas coisas ao mesmo tempo. Ele precisava antes de mais nada livrar-se do ancião. Isso, porém, não era problema difícil. Houve muitas mortes durante a estação, uma delas em sua própria caverna. Bastaria colocar o cadáver no mesmo local em que deixara o recém-nascido, na lua minguante, e as hienas fariam o resto.

Estavam já à espera, no lugar em que o vale se transformava em savana, como se soubessem que Amigo da Lua ali viria. Realmente, ele deixou o cadáver sob um pequeno arbusto — não havia mais sinal de quaisquer outros ossos — e apressou-se em voltar para junto da tribo. Nunca mais pensou em seu pai.

Suas duas companheiras, bem como os adultos das outras cavernas e a maioria dos jovens procuravam alimentos entre as árvores mirradas e secas do vale, na tentativa de encontrar frutos, folhas e raízes suculentas, ou talvez alguma dádiva do céu, como pequenos lagartos e roedores. Apenas os bebês e os velhos, enfraquecidos, permaneciam nas cavernas. Se sobrasse algum alimento no fim da busca, poderiam comer. Senão, as hienas teriam mais um dia de sorte.

Mas este era, de fato, um dia bom, se bem que Amigo da Lua, incapaz de

fixar na memória fatos passados, não pudesse comparar um dia com outro. Encontrara uma colméia de abelhas no oco de uma árvore morta e deleitara-se com o maior prazer que a sua gente conhecia. No fim da tarde, ao guiar o grupo de volta para casa, lambia os dedos de vez em quando. Levara naturalmente um bom número de picadas, mal se apercebendo disso. Fora este o momento mais feliz que tivera durante toda a sua vida. Se bem que ainda tivesse fome, não se sentia fraco. Significava isso o máximo a que um homem-macaco podia aspirar.

Sua alegria desapareceu ao chegar ao riacho. Os Outros estavam lá. Permaneciam aí todos os dias, mas isso não deixava de ser sempre algo desagradável.

Eram uns trinta. Não podiam ser distinguidos dos membros da tribo de Amigo da Lua. Ao vê-los se aproximarem, começaram a agitar os braços, dançar e gritar do outro lado do rio onde se encontravam, enquanto os de cá respondiam da mesma maneira.

Foi só o que aconteceu. Ainda que os homens-macaco freqüentemente brigassem e lutassem entre si, eram raras as vezes em que se feriam gravemente. Não possuindo garras ou caninos salientes e estando bem protegidos por grossos pêlos, não podiam machucar muito o adversário. De qualquer maneira, sua energia não lhes permitia comportamento tão improdutivo. Rosnados e ameaças eram o seu modo bem mais eficiente de afirmarem as suas opiniões. O confronto durou cerca de cinco minutos. A exibição terminou tão depressa como havia começado. Depois, cada um bebeu a sua porção de água lamacenta. A honra estava salva. Cada grupo havia garantido a posse de seu respectivo território. Resolvida essa importante questão, a tribo seguiu para frente pelo mesmo lado do riacho. O campo mais próximo estava a mais de dois quilômetros das cavernas. Era necessário dividi-lo com um bando de grandes animais, parecidos com antílopes, que não suportavam a presença de quaisquer outros grupos. Não podiam ser afugentados, pois tinham na testa uma espada ameaçadora — arma natural que os homens-macaco não possuíam. Amigo da Lua e seus companheiros mastigavam folhas e frutos, aliviando, assim, a fome, enquanto em torno deles, todos competindo pela mesma comida, havia uma quantidade de alimento muito maior do que jamais haviam sonhado. Mas os milhares de toneladas de carne suculenta, que galopavam pela savana e entre os arbustos, estavam não só fora de seu alcance como, também, além de sua imaginação. Em meio à fartura, caminhavam, todavia, lentamente para a morte por

inanição.

Ao pôr-do-sol, a tribo voltou para as cavernas sem novos incidentes. A fêmea machucada, que fora deixada sozinha, grunhiu de satisfação quando Amigo da Lua lhe deu o ramo coberto de pequenos frutos que trouxera. Devorou com voracidade. O alimento era pouco, mas poderia ajudá-la a sobreviver, até que a ferida causada pelo leopardo estivesse curada. Então, poderia cuidar de si mesma.

A lua cheia surgia acima do vale. Um vento frio soprava, vindo das montanhas distantes. A noite seria muito fria, mas o frio e a fome não seriam motivo de preocupação. Ambos faziam parte da vida.

Os guinchos e os gritos que ecoaram pela encosta, vindos de uma das cavernas, não incomodaram Amigo da Lua. Não havia necessidade de ouvir os rugidos do leopardo para saber exatamente o que estava acontecendo. Mais abaixo, na escuridão, o velho Cabeça Branca e sua família lutavam e morriam. A idéia de ajudá-los nem passou pela cabeça de Amigo da Lua. A dura luta pela sobrevivência não permitia tais fantasias e assim, na encosta vigilante, nenhuma voz se ergueu em sinal de protesto. Todas as cavernas, com medo de atrair a desgraça, permaneciam em silêncio.

O alarde terminou. Então, Amigo da Lua podia ouvir o barulho de um corpo arrastado pelas pedras. Depois de alguns segundos, o leopardo agarrou com mais firmeza sua vítima. Não fez mais qualquer ruído. Ao partir, em silenciosas passadas, carregava a presa entre as mandíbulas, sem o menor esforço.

O perigo estava afastado por um ou dois dias, mas outros inimigos poderiam surgir, aproveitando-se do Pequeno Sol frio que só brilhava à noite. Os animais menores, se houvesse vigilância, podiam, às vezes, ser afugentados por meio de gritos e berros.

Amigo da Lua arrastou-se para fora da caverna, subiu numa grande pedra que estava ao lado da entrada e acorrou-se para observar o vale. De todas as criaturas que haviam pisado a Terra, os homens-macaco eram os primeiros a olhar constantemente para a Lua. E, apesar de não se lembrar disso, Amigo da Lua costumava, quando era criança, espichar-se na tentativa de tocar aquele rosto fantasmagórico que surgia acima das colinas.

Jamais conseguira. Agora, tinha idade suficiente para compreender por que não obtivera êxito. Era evidente que precisava, antes de mais nada, subir numa árvore bem alta. Sempre à escuta, olhava alternadamente para o vale e para a Lua. Cochilou uma ou duas vezes. Mas, tendo sono leve, o menor

ruído o despertava. Na avançada idade de vinte e cinco anos, estava em plena posse de todas as suas faculdades. Se continuasse a ter sorte e escapasse de acidentes, doenças, animais ferozes ou da inanição, ainda poderia viver mais uns dez anos. A noite foi passando, clara e fria, sem novos alarmas, e a Lua seguia lentamente o seu caminho entre constelações equatoriais que jamais olhos humanos chegariam a contemplar. Entre cochilos ocasionais e medrosa expectativa nasciam, dentro das cavernas, os pesadelos de gerações que ainda estavam por vir. Por duas vezes, surgindo no zênite e desaparecendo a leste, um ofuscante ponto de luz, mais brilhante que qualquer estrela, passou vagarosamente pelo céu.

2. Nova pedra

A noite ia avançada quando Amigo da Lua acordou subitamente. Cansado pelas lidas e acidentes do dia anterior, dormira mais profundamente do que de costume, mas mesmo assim alertou-se de imediato ao ouvir o tênue rangido vindo do vale.

Sentou-se na escuridão fétida da caverna e aguçou os sentidos. O medo insinuou-se lentamente em seu espírito. Nunca, em toda sua vida — duas vezes mais longa do que a da maioria dos membros de sua espécie —, ouvira semelhante ruído. Os grandes felinos aproximavam-se em silêncio. O único barulho a denunciá-los era o ocasional deslize de terra ou o estalar de algum galho. Mas este barulho era um rangido contínuo, crescendo constantemente. Dava a idéia de um enorme animal movendo-se dentro da noite, ignorando todos os obstáculos, sem fazer o menor esforço para ocultar-se. Em determinado momento, Amigo da Lua ouviu distintamente o barulho de um arbusto que estava sendo arrancado. Os elefantes e os dinotérios freqüentemente faziam isso, movendo-se silenciosamente à semelhança dos felinos.

Houve então um barulho que Amigo da Lua jamais poderia identificar, pois nunca fora ouvido na história do mundo. Era o retinir de metal sobre pedra.

Ao descer com a tribo para o riacho, à primeira claridade matutina, Amigo da Lua viu-se frente a frente com a Nova Pedra. Já havia quase esquecido os

terrores da noite, pois que nada acontecera depois do barulho. Por isso, não associou ao medo ou temor aquele estranho objeto. Afinal, aquilo nada tinha de alarmante.

Era uma placa retangular três vezes mais alta do que ele, suficientemente estreita para ser envolvida por seus braços e feita de um material completamente transparente. Aliás, era difícil percebê-la, a não ser quando a luz do sol se refletia em suas bordas. Como Amigo da Lua jamais vira gelo, nem mesmo água cristalina, não conhecia nada que pudesse comparar àquela aparição. Era bonita, sem dúvida, e apesar de sua instintiva desconfiança em relação a coisas novas, não hesitou muito em aproximar-se mais. Ao ver que nada acontecera, estendeu a mão e verificou que tinha uma superfície dura e fria. Após vários minutos de intenso raciocínio, conseguiu brilhante explicação: tratava-se, obviamente, de uma pedra que crescera durante a noite. Acontece isso com muitas plantas. Elas pareciam pequenas pedras brancas e polpudas que surgiam durante as horas de escuridão. É verdade que, além de pequenas, eram redondas, enquanto aquele objeto era grande e pontudo. Diversos filósofos posteriores, porém bem maiores que Amigo da Lua, chegaram a desprezar algumas importantes exceções às suas teorias. O seu maravilhoso poder de raciocínio abstrato levou Amigo da Lua, após três ou quatro minutos, a uma conclusão que resolveu testar imediatamente. As plantas brancas e redondinhas eram muito saborosas (se bem que algumas delas causassem violentos males). Quem sabe se essa planta alta...?

Algumas lambidas e tentativas para morder encareceram-se de desiludi-lo. Aquilo realmente não servia para comer. Então, como homem-macaco que era, seguiu o seu caminho em direção ao riacho, esquecendo-se do monólito cristalino e entregando-se ao ritual cotidiano de gritar para os Outros.

Hoje não estavam com sorte e a tribo precisou caminhar vários quilômetros para encontrar algum alimento. Sob o impiedoso calor do meio-dia, uma das fêmeas, mais frágil, desmaiou, longe de qualquer abrigo. Seus companheiros rodearam-na, alvoroçados, soltando gemidos de solidariedade. Mas não havia nada a fazer. Se não estivessem tão exaustos, poderiam carregá-la. Os companheiros, porém, não tinham energia para a prática de boas ações. Deixaram-na para trás, entregue à sua sorte. À noitinha, na volta para casa, passaram por lá: não havia mais nenhum osso à vista.

Aproveitando a última claridade do dia e olhando ansiosamente em redor, com medo de algum animal, beberam apressadamente no riacho e iniciaram a

subida para as cavernas. Estavam a uns cem metros da Pedra Nova quando o ruído se fez ouvir.

Era quase inaudível, mas estancaram, como que paralisados, de boca aberta. Uma vibração simples, mas de enlouquecer pela sua repetição, partia do cristal e hipnotizava todos os que a ouviam. Pela primeira e última vez, em três milhões de anos, ouviu-se na África o som do tambor.

As batidas cresceram, cada vez mais insistentes. Os homens-macaco dirigiram-se, quais sonâmbulos, à fonte daquele som compulsivo. Faziam, às vezes, passinhos de dança, respondendo o seu sangue a ritmos que seus descendentes ainda levariam séculos para criar. Em verdadeiro transe rodearam o monólito, esquecidos das lutas do dia, dos perigos da noite próxima, da fome que os dominava.

As batidas se tornaram mais fortes e a noite mais escura. E, à medida que as sombras cresciam e a luz desaparecia do céu, o cristal foi-se tornando brilhante.

Começou por perder a transparência e parecia banhado em pálida e leitosa luminescência. Fantasmas pavorosos e indefinidos moviam-se na sua superfície e no interior. Aglutinaram-se em feixes de luz e sombra para depois transformar-se em raios que se entrelaçavam, começando lentamente a girar. As luzes giratórias moviam-se cada vez mais depressa e o rufar dos tambores acelerava-se ao mesmo tempo. Totalmente hipnotizados, os homens-macaco podiam apenas olhar, boquiabertos, aquele espantoso espetáculo pirotécnico. Já haviam esquecido os instintos de seus ancestrais e as lições de toda uma vida. Em condições normais, nenhum deles estaria tão longe de sua caverna em hora tão tardia. Os arbustos vizinhos estavam cheios das sombras paralisadas. Os animais noturnos, de olhos vidrados, haviam interrompido as suas atividades para ver o que aconteceria.

As luzes giratórias começaram a mesclar-se e a lançar feixes luminosos que rodavam em torno dos eixos ao atingirem o espaço. Dividindo-se em pares, os feixes de luz oscilavam ao se cruzarem, mudando lentamente os ângulos de interseção. Desenhos geométricos fantásticos e evanescentes surgiam e desapareciam enquanto as malhas luminosas trançavam-se e destrançavam-se. Os homens-macaco, prisioneiros hipnotizados do brilhante cristal, olhavam.

Jamais poderiam adivinhar que seus cérebros estavam sendo estudados, seus corpos postos à prova, suas reações anotadas, seu potencial avaliado. Inicialmente, a tribo toda permanecera meio agachada, como que petrificada,

formando um quadro imóvel. Em seguida, o homem-macaco, que se encontrava mais próximo à placa, voltou subitamente a si.

Não mudou de posição, mas seu corpo perdeu aquela rigidez de transe e moveu-se como uma marionete controlada por fios invisíveis. A cabeça virou para um lado e para outro, a boca abriu-se e fechou-se silenciosamente, as mãos cruzaram-se e descruzaram-se. Em seguida ele se abaixou, arrancou uma haste comprida da grama e, com seus dedos desajeitados, fez uma tentativa para darlhe um nó.

Parecia um possesso, lutando contra algum espírito ou demônio que se tivesse apoderado de seu corpo. Não só arfava, como os seus olhos expressavam terror enquanto procurava forçar os dedos a executarem movimentos complexos que jamais haviam sido tentados. Apesar de todos esses esforços, conseguiu apenas quebrar o talo. À medida que os pedaços iam caindo no chão, o espírito que o dominara o abandonou e ele, mais uma vez, se petrificou.

Outro homem-macaco voltou a si e começou a mesma rotina. Era um espécime mais jovem e adaptável: onde o outro fracassara, ele obteve êxito. O primeiro nó fora dado no planeta Terra...

O resto da tribo fez coisas ainda mais estranhas e despropositadas. Alguns estenderam os braços para a frente e tentaram encostar as pontas dos dedos das duas mãos, primeiro com os dois olhos abertos, depois com um deles fechado. Outros se empenharam na fixação de determinados desenhos luminosos, cujas linhas iam-se tornando cada vez mais finas, até se misturarem todas, confundindo-se numa mancha acinzentada.

Todos eles ouviram sons simples e puros, de intensidades diversas, que repentinamente baixavam aquém do nível de audição.

Ao chegar sua vez, Amigo da Lua não teve muito medo. Sua principal sensação era de um surdo ressentimento porque seus músculos se contraíam e seus membros se moviam, obedecendo a ordens que não eram apenas suas.

Sem saber por quê, abaixou-se e apanhou uma pedrinha. Ao erguer-se viu que uma nova imagem surgira na placa de cristal.

As malhas e os desenhos dançantes haviam desaparecido. Sucedera-os uma série de círculos concêntricos em torno de um pequenino disco preto.

Obediente às silenciosas ordens do seu cérebro, atirou desajeitadamente a pedra, errando o alvo por grande distância. — Tente novamente — ordenou o comando.

Olhou em redor até encontrar outra pedrinha. Desta vez atingiu a placa, produzindo um som semelhante ao de sino. Ainda faltava muito, mas sua mira melhorava.

Na quarta tentativa, faltaram apenas alguns centímetros para acertar. Uma sensação de prazer indescritível, quase sexual em sua intensidade, dominou-o completamente. Nesse momento, o controle cessou e ele não teve mais vontade de coisa alguma, a não ser de ficar em pé e esperar.

Um por um, todos os membros da tribo tiveram oportunidade de ficar sob a mesma possessão. Alguns eram bem sucedidos. A maioria, porém, fracassava no cumprimento das tarefas estipuladas. Cada um era recompensado com súbitas convulsões de prazer ou de dor.

Havia, então, apenas um brilho uniforme na grande placa, à semelhança de enorme floco de luz na escuridão. Como se acordassem de um sonho, os homens-macaco sacudiam a cabeça e começaram a caminhar na direção dos seus abrigos. Não olharam para trás, nem se impressionaram com aquela estranha luz que os guiava para suas casas — e para um futuro ainda desconhecido, até mesmo para as estrelas.

3. Academia

Depois que o cristal suspendeu a sua atração hipnótica e parou de fazer experiências com os corpos dos homens-macaco, Amigo da Lua e seus companheiros esqueceram-no. No dia seguinte, ao saírem em busca de alimentos, passaram por ele sem qualquer preocupação. Consideravam-no agora como parte apenas do seu panorama. Não era comestível e, também, não podia comê-los. Conseqüentemente, ele não tinha importância.

À margem do riacho, os Outros fizeram suas ameaças costumeiras sem conseqüências. Seu chefe, um homem-macaco de uma orelha só, da idade de Amigo da Lua e do seu tamanho, porém em piores condições físicas, chegou mesmo a fazer uma breve investida em direção ao território pertencente à tribo, gritando alto e agitando os braços, numa tentativa de amedrontar o inimigo e de mostrar a si mesmo que era valente. O riacho não tinha mais que alguns centímetros de profundidade, mas quanto mais Uma Orelha

avançava, mais inseguro e desventurado se sentia. Em seguida parou, retrocedendo com exagerada dignidade, para juntar-se aos companheiros.

Fora isso, não houve alterações na rotina normal. A tribo encontrou alimento em quantidade estritamente necessária para sobreviver mais um dia.

Nessa noite, a placa de cristal estava novamente à espera, circundada por seu vibrante som e halo de luz. Mas, desta vez, o programa planejado era outro.

Ignorou completamente alguns dos homens-macaco, como se quisesse concentrar-se apenas nos indivíduos mais promissores. Um deles era Amigo da Lua. Mais uma vez ele sentiu algo insinuando-se nos labirintos ainda virgens do seu cérebro. E então começou a ter visões. Talvez essas visões estivessem dentro do bloco de cristal, ou, quem sabe, se localizassem dentro do seu cérebro. De qualquer maneira, eram perfeitamente reais para Amigo da Lua. Mas o impulso instintivo de afugentar invasores de seu território estava, no entanto, adormecido. O que ele via era um pacato grupo familiar que diferia apenas em um ponto das cenas que conhecia. O macho, a fêmea e as duas criancinhas, surgidas misteriosamente à sua frente, demonstravam fartura e saciedade, e tinham a pele macia e lustrosa, condições físicas essas que Amigo da Lua jamais imaginara. Automaticamente, passou a mão pelas suas costelas salientes. Estavam elas escondidas sob camadas de gorduras naquelas criaturas. De vez em quando moviam-se lentamente, reclinados junto à entrada de uma caverna, parecendo muito satisfeitos com o mundo. O grande macho emitia ocasionalmente um arroteo de satisfação.

Não houve qualquer outra atividade. Após cinco minutos a cena desapareceu subitamente. O cristal tornou-se apenas um brilhante contorno na escuridão. Amigo da Lua estremeceu como se acordasse de um sonho, percebeu de repente onde estava e seguiu à frente da tribo para as cavernas.

Não possuía lembrança consciente do que vira, mas, naquela noite, ao sentar-se à entrada de sua casa, com os ouvidos aguçados para o barulho do mundo que o cercava, Amigo da Lua sentiu as primeiras picadas de uma nova e poderosa emoção. Era uma vaga sensação de inveja difusa — de insatisfação com sua vida. Não conhecia a causa, muito menos a solução, mas o descontentamento entrara em seu espírito, avançando um pequeno passo em direção à humanidade.

Noite após noite, o espetáculo daqueles quatro homens-macaco rechonchudos repetiu-se, até se tornar uma fonte de fascinante exasperação que aumentava a eterna e devastadora fome de Amigo da Lua. Mas o que

seus olhos viam não era suficiente para provocar essa reação: era necessário um reforço psicológico. Houve momentos na vida de Amigo da Lua que ele jamais lembraria e, durante os quais, os átomos de seu cérebro simplificado iam sendo acomodados de maneira diferente. Se sobrevivesse, os novos padrões se tornariam eternos, pois seus genes se encarregariam de transmiti-los às gerações futuras.

Era um trabalho lento e fastidioso, mas o monólito de cristal sabia ser paciente. Nem ele nem suas réplicas espalhadas por quase toda a superfície do mundo esperavam ser bem sucedidos com todos os grupos escolhidos para a experiência. Com fracassos não tinham importância, bastava um sucesso para modificar os destinos do mundo.

Chegara a lua nova, a tribo assistira a um nascimento e a duas mortes. Uma delas fora provocada por inanição, a outra ocorrera durante o ritual noturno, quando um homem-macaco desmoronara subitamente, ao tentar bater uma pedra em outra com delicadeza. No mesmo instante o cristal escurecera e cessara o transe exercido sobre a tribo. Mas o homem caído não se levantou. Pela manhã, naturalmente, o corpo desaparecera.

Na noite seguinte, não houve espetáculo: o cristal ainda estava ocupado em analisar o seu erro. A tribo passou a seu lado, ao escurecer, sem tomar conhecimento de sua presença. Mas, na noite posterior, estava novamente pronto e à espera. Os quatro homens-macaco rechonchudos continuavam em seu lugar, fazendo coisas extraordinárias. Amigo da Lua começou a tremer descontroladamente: tinha a impressão de que seu cérebro ia explodir. Desejava muito desviar os olhos. Mas o impiedoso controle mental não relaxava sua pressão e ele foi obrigado a assistir à aula até o fim, apesar da revolta de todos os seus instintos. Aqueles instintos tinham sido de grande utilidade para seus ancestrais, no tempo em que as chuvas eram quentes e a fertilidade exuberante. Havia à espera alimento para ser colhido. Agora os tempos eram outros. A sabedoria herdada do passado tornara-se loucura. Os homens-macaco precisavam adaptar-se, para não morrer como os grandes animais que haviam existido antes deles e cujos ossos estavam agora encravados nas colinas de pedra calcária.

Por esse motivo, Amigo da Lua fixou sem pestanejar o monólito de cristal, com o cérebro pronto a obedecer às suas manipulações ainda incertas. Sentia freqüentemente náuseas, mas sempre tinha fome, e de vez em quando suas mãos moviam-se automaticamente, em gestos que viriam a determinar seu novo modo de vida.

Ao ver a manada de porcos selvagens que avançavam grunhindo e fuçando pelo caminho, Amigo da Lua estacou subitamente. Porcos e homens-macaco haviam sempre ignorado a existência uns dos outros, pois seus interesses não entravam em conflito. Como não competiam pela mesma comida, cada um levava sua vida.

Agora, no entanto, Amigo da Lua, ao olhar para eles, oscilava para a frente e para trás, sentindo impulsos que não compreendia. Em seguida, como num sonho, começou a vasculhar o chão com os olhos. Ainda que tivesse o dom da palavra, não poderia explicar o que procurava, mas saberia o que era quando encontrasse.

Era uma pedra pesada e pontuda, com alguns centímetros de comprimento, a qual, ainda que não se adaptasse bem à palma de sua mão, serviria a seu intento. Ao girar o braço, pasmo ante o súbito aumento de peso de sua mão, teve uma agradável sensação de poder e de autoridade. Deu alguns passos em direção ao porco mais próximo.

Era um animal novo e bobo, mesmo considerando o que se pode esperar da inteligência suína. Olhando para Amigo da Lua, não o levou a sério, a não ser quando já era tarde demais. Por que haveria de desconfiar das más intenções daquela inofensiva criatura? Não parou de comer grama até o momento em que o golpe desferido com a pedra destruiu a sua obscura consciência. O resto da manada continuou pastando, indiferente ao que acontecera, pois a morte fora rápida e silenciosa.

Os outros homens-macaco do grupo haviam parado para olhar. Fizeram então um círculo em torno de Amigo da Lua e sua vítima, tomados de espanto e admiração. Um deles pegou a arma ensangüentada e começou a golpear o porco morto. Os outros imitaram-no, usando as pedras e pedaços de pau que encontraram, até que o porco se tornou uma massa disforme e desintegrada. Em seguida, sentiram-se como que entediados. Alguns afastaram-se e outros permaneceram hesitantes junto ao cadáver irreconhecível. O futuro do mundo esperava uma decisão. Espaço de tempo surpreendentemente longo decorreu até que uma das fêmeas, que amamentava, começou a lamber a pedra ensangüentada que segurava nas mãos. Demorou mais ainda para Amigo da Lua compreender, apesar do que tinha visto, que nunca mais precisaria sentir fome.

4. O leopardo

Os instrumentos que haviam sido planejados para uso dos homens-macaco eram bastante simples, mas, mesmo assim, podiam modificar o mundo e fazê-los dominar a Terra. O mais simples deles era a pedra, que multiplicava muitas vezes o poder de uma pancada. Havia, também, o cacete de osso, que aumentava o raio de alcance e podia servir de defesa contra os dentes e as garras de animais ferozes. Com essas armas, tinham à disposição a ilimitada quantidade de alimento que galopava pelas savanas.

Precisavam, porém, de mais ajuda, pois suas unhas e dentes não podiam destrinchar nada que fosse maior do que um coelho. Felizmente, a Natureza providenciara outros instrumentos, bastando apenas que os homens-macaco tivessem a inteligência de aproveitá-los.

Havia, em primeiro lugar, uma faca ou serra, tosca, porém eficiente, que serviria durante os próximos três milhões de anos. Tratava-se simplesmente do maxilar inferior do antílope, com os dentes ainda no seu lugar. Até o aparecimento do ferro, esse instrumento não sofreria melhora substancial. Havia, também, a espada, feita com chifre de gazela. Finalmente, havia um instrumento que servia para escavar — a mandíbula inferior de qualquer animal de pequeno porte.

O cacete de pedra, a serra dentada, a espada de chifre, a pá de osso — eram essas as maravilhosas invenções de que necessitavam os homens-macaco para sobreviver. Em breve esses instrumentos seriam conhecidos como os símbolos do poder que possuíam. Vários meses, porém, ainda decorreriam até que seus dedos desajeitados adquirissem a habilidade — ou a vontade — de usálos.

Talvez, com o passar do tempo, tivessem chegado por si mesmos à brilhante idéia de usar armas da Natureza como instrumentos artificiais. Isso era muitíssimo improvável. Ainda teriam, pelos séculos afora, inúmeras possibilidades de fracasso. Os homens-macaco haviam tido sua primeira oportunidade. Não haveria outra. O futuro estava literalmente em suas mãos. Luas cresciam e minguavam; crianças nasciam e, às vezes, viviam; homens de trinta anos, fracos e sem dentes, morriam; o leopardo atacava durante a noite; os Outros faziam ameaças diárias, do outro lado do riacho. E a tribo prosperava. No decurso de apenas um ano, Amigo da Lua e seus companheiros haviam mudado, a ponto de se tornarem irreconhecíveis.

Tinham aprendido bem as lições e agora sabiam empunhar os instrumentos que lhes haviam sido proporcionados. A própria lembrança da fome desaparecia de seus espíritos. Ainda que os porcos selvagens se tivessem tornado ariscos, havia nas planícies milhares de zebras, antílopes e gazelas. Todos esses animais e outros estavam ao dispor dos aprendizes de caçador. Agora que não estavam mais naquele estado de semi-inconsciência, causado pela inanição, tinham tempo para descansar e para os primeiros rudimentos do raciocínio. Aceitavam com naturalidade sua nova maneira de viver. Não faziam qualquer associação com o monólito que ainda permanecia junto ao caminho para o riacho. Se algum dia parassem para pensar no assunto, talvez se gabassem de ter melhorado de vida por meio de seu próprio esforço. Na verdade, não se lembravam mais de outra maneira de viver.

Mas não existe utopia perfeita. Essa, porém, possuía dois senões. O primeiro era o leopardo, cuja paixão pelos homens-macaco, agora bem alimentados, parecia ter aumentado ainda mais. O segundo era a tribo do outro lado do rio, pois os Outros haviam sobrevivido, recusando-se teimosamente a morrer de inanição.

O problema do leopardo foi resolvido, em parte, pelo acaso e, em parte, devido a um grande erro, quase fatal, cometido por Amigo da Lua. Mas, na ocasião, a idéia parecera-lhe tão brilhante que ele havia dançado de alegria, sendo compreensível que não tivesse pensado nas conseqüências.

A tribo ainda enfrentava ocasionalmente dias difíceis, mas que não chegavam, todavia, a ameaçar sua sobrevivência. À noitinha, não haviam caçado nada. Amigo da Lua, regressando ao abrigo, seguia à frente de seus companheiros exaustos e desapontados. As cavernas já estavam à vista. E ali, bem junto a elas, encontraram uma rara dádiva da Natureza.

Um antílope bem desenvolvido estava deitado no caminho. Apesar de ter uma das patas quebradas, o animal ainda possuía bastante energia. Os chacais que o rondavam mantinham-se com certo respeito à distância de seus chifres pontiagudos. Podiam dar-se ao luxo de esperar. Sabiam que era questão de tempo.

Tinham-se esquecido, porém, da competição. Então, retrocederam, rugindo ferozmente, ao verem os homens-macaco se aproximarem. Estes, também rodearam o animal, mantendo-se fora do alcance daqueles perigosos chifres. Em seguida, avançaram munidos de pedras e de cacetes.

O ataque não foi muito bem coordenado ou eficaz. Quando acabaram de liquidar o grande antílope, a noite já vinha chegando e os chacais retomavam

coragem. Dividido entre a fome e o medo, Amigo da Lua percebeu, ainda que lentamente, que todo aquele esforço talvez tivesse sido em vão. Era perigoso demais permanecer ali por mais tempo. E então — não era essa a primeira e nem seria a última vez — provou a si mesmo que era um gênio. Num enorme esforço de imaginação visualizou o antílope morto *dentro do seguro abrigo de sua caverna*. Começou a arrastá-lo em direção à encosta da colina. Os outros compreenderam sua intenção e puseram-se a ajudá-lo.

Se tivesse sabido que a tarefa seria tão difícil, certamente jamais teria tentado. Só mesmo a sua grande força e a agilidade herdada de seus ancestrais permitiriam-lhe que subisse a íngreme encosta arrastando a carcaça. Por diversas vezes, dominado pela frustração, esteve a pique de largar sua presa, mas uma teimosia tão grande quanto sua fome fazia-o prosseguir. Às vezes os outros ajudavam-no, às vezes o atrapalhavam. Mas, finalmente, quando os últimos raios de sol desapareceram do céu, o antílope abatido estava dentro da caverna e o banquete teve início.

Horas mais tarde, saciado completamente, Amigo da Lua acordou. Sentouse na escuridão, sem saber por quê, entre os seus companheiros também saciados e aguçou os ouvidos para o barulho noturno.

A não ser a pesada respiração dos que estavam em torno, não havia qualquer outro ruído: afigurava-se que o mundo inteiro dormia. As pedras do lado de fora da entrada estavam brancas como ossos sob a brilhante luz da Lua que ia alta no céu. Qualquer idéia de perigo parecia completamente remota.

Foi então que veio, como de muito longe, o barulho de uma pedrinha rolando. Temeroso, mas cheio de curiosidade, Amigo da Lua arrastou-se para fora da caverna e olhou para a encosta da colina.

O que viu deixou-o de tal maneira apavorado que por vários segundos se sentiu paralisado de tanto medo. Pouco mais abaixo, um par de brilhantes olhos dourados fixavam-no diretamente. Ficou tão hipnotizado de medo, que mal conseguiu perceber o corpo ágil e raiado que se movia lenta e silenciosamente pelas pedras. Nunca o leopardo subira tão alto. Não tomara conhecimento das cavernas situadas mais abaixo, se bem que tivesse percebido, certamente, a presença de seus habitantes. Mas a caça que perseguia era outra. Seguia a trilha sangrenta que subia pela encosta banhada de luar.

Segundos mais tarde, os gritos dos homens-macaco da caverna que estava mais acima encheram de horror o silêncio da noite. O leopardo rugiu furioso,

ao perceber que não levava mais a vantagem do ataque de surpresa. Mas nem por isso se deteve, pois sabia que nada tinha a temer.

Chegando à beira do abrigo, deteve-se por um momento para descansar na estreita plataforma da entrada. O cheiro de sangue era penetrante e um único e irresistível desejo invadia o pequenino cérebro selvagem. Sem hesitar, entrou na caverna, cuidando que suas passadas fossem as mais macias possíveis.

Foi então que cometeu seu primeiro erro. Ao deixar a luz do luar, até os seus olhos admiravelmente adaptados à escuridão estavam em desvantagem momentânea. Os homens-macaco viam sua silhueta, desenhada de encontro à entrada da caverna, com mais nitidez do que ele os enxergava. Sentiam-se aterrorizados, mas já não estavam mais totalmente indefesos.

Rosnando e abanando a cauda com arrogante confiança, o leopardo avançou à procura da tenra carne que tanto desejava. Se tivesse encontrado sua presa do lado de fora da caverna, não teria havido problemas. Mas, agora, o desespero dos homens-macaco encurralados dava-lhes coragem para tentar o impossível. Pela primeira vez possuíam meios para isso.

Ao sentir o estonteante golpe na cabeça, o leopardo percebeu que as coisas não iam bem. Deu uma patada no ar e ouviu-se um grito de agonia quando suas garras arranharam a carne macia. Seguiu-se uma dor aguda quando o objeto pontudo penetrou em suas costas uma, duas, três vezes. Rodopiou para atacar as sombras que grifavam e dançavam por todos os lados.

Houve novo e violento golpe em seu focinho. Seus alvos dentes fecharam-se num movimento brusco — mas abocanharam apenas um pedaço de osso. Então, numa última e inconcebível afronta, puxavam seu rabo com toda a força. Rodopiou novamente, arremessando contra a parede da caverna seu louco e ousado algoz. Mas, por mais que fizesse, não conseguia escapar aos inúmeros golpes desferidos, com os toscos instrumentos empunhados por mãos desajeitadas mas poderosas. Seus rugidos iam da dor ao alarma, do alarma ao franco terror. O caçador implacável tornara-se vítima, tentando desesperadamente retroceder. Cometeu aí o seu segundo erro. A surpresa e o medo haviam-no feito esquecer onde estava. Ou talvez isso tivesse acontecido devido ao fato de estar atordoado e cego pela chuva de golpes recebidos na cabeça. Mas, qualquer que fosse o motivo, arremessou-se, subitamente, para fora da caverna. Um grito terrível acompanhou sua queda no espaço vazio. Um tempo infundável pareceu decorrer até ouvir-se o baque de seu corpo, espatifando-se de encontro a uma plataforma saliente do

penhasco.

O único barulho depois desse foi o de pedras soltas rolando. Fez-se silêncio novamente.

Durante muito tempo, Amigo da Lua, embriagado pela vitória, permaneceu à entrada da caverna, dançando e fazendo barulho. Sentia, com razão, que seu mundo mudara e que ele não era mais uma vítima indefesa das forças em redor.

Então, tornou a entrar na caverna e, pela primeira vez na vida, dormiu ininterruptamente uma noite inteira. Pela manhã encontraram o corpo do leopardo ao pé do penhasco. Apesar de estar morto, passou-se algum tempo antes que alguém ousasse aproximar-se do monstro vencido. Mas finalmente avançaram com facas e serras de osso.

Foi uma dura tarefa, mas naquele dia não caçaram.

5. Encontro na madrugada

Conduzindo a tribo para o riacho, ao raiar do dia, Amigo da Lua fez uma pausa um tanto hesitante num determinado ponto. Sabia que estava faltando alguma coisa, mas não lembrava o que era. Não fez o menor esforço mental para resolver a questão, pois nessa manhã tinha preocupações mais importantes.

O grande bloco de cristal desaparecera tão misteriosamente como havia surgido, à maneira dos raios, trovões, relâmpagos, nuvens e eclipses. Mergulhado no passado inexistente, nunca mais entrou nas cogitações de Amigo da Lua.

Jamais saberia o quanto lhe devia. E nenhum dos companheiros que o rodeavam na bruma da madrugada se preocupou com o motivo pelo qual ele parara um instante a caminho do rio.

Do outro lado do rio, na segurança de seu território jamais violado, os Outros viram, como um quadro movendo-se na madrugada, Amigo da Lua e uma dezena de machos de sua tribo. Imediatamente começaram a soltar seus gritos de desafio costumeiros. Mas desta vez não houve resposta. Com firmeza e decisão, sobretudo *em silêncio*, Amigo da Lua e seu bando

desceram a pequena colina que levava ao rio. Ao vê-los se aproximarem, os Outros calaram-se imediatamente. Sua raiva de costume desapareceu aos poucos, sendo substituída pelo medo cada vez maior. Perceberam vagamente que algo acontecera e que esse encontro seria diferente dos anteriores. Os cacetes de osso e as facas que o grupo de Amigo da Lua empunhava não os alarmavam, pois não compreendiam sua utilidade. Sabiam apenas que os movimentos de seus inimigos revelavam determinação e ameaça. O grupo parou à margem do rio, e, por um momento, os Outros recuperaram a coragem. Chefiados por Uma Orelha, recomeçaram sem entusiasmo o seu canto de guerra. Mas em poucos segundos ficaram mudos ante aterradora visão.

Amigo da Lua levantara bem alto seus dois braços, mostrando algo que estivera até então escondido pelos corpos peludos de seus companheiros. Segurava um galho forte, na ponta do qual estava espetada a cabeça sangrenta do leopardo. A boca mantinha-se escancarada por meio de um pedaço de pau e os dentes pontiagudos tinham o brilho de um branco horrendo sob os primeiros raios do sol que despontava.

A maioria dos Outros, estarecida de medo, não conseguia fazer um só movimento. Alguns, porém, iniciaram lenta e cambaleante retirada. Era esse o estímulo necessário a Amigo da Lua. Sempre empunhando o troféu mutilado acima da cabeça, começou a atravessar o riacho. Após um momento de hesitação, seus companheiros o seguiram.

Quando Amigo da Lua alcançou a outra margem, Uma Orelha continuava em pé. Talvez fosse corajoso demais ou estúpido demais para fugir. Talvez não conseguisse acreditar realmente na veracidade daquela afronta. Covarde ou herói, o resultado final foi o mesmo, quando a gélida sombra da morte se abateu sobre a sua cabeça incapaz de compreender.

Gritando de medo, os Outros espalharam-se pelos arbustos. Mas logo voltariam, sem se lembrar do chefe desaparecido.

Durante alguns segundos Amigo da Lua manteve-se em pé junto à sua nova vítima, tentando compreender o estranho e maravilhoso fato de o leopardo morto continuar sendo capaz de matar. Via-se agora senhor do mundo, não sabendo bem o que devia fazer em seguida.

Mas alguma idéia viria.

6. Ascensão do homem

Vindo do coração da África, um novo animal espalhava-se lentamente pelo mundo. Era ainda tão raro que um levantamento superficial poderia tê-lo ignorado no meio de bilhões de criaturas que vagavam pela terra e pelo mar. Por enquanto, não havia sinais de que se desenvolveria, ou mesmo de que sobreviveria. Nesse mundo em que tantos animais, apesar de maiores e mais fortes, haviam desaparecido, seu destino era ainda incerto.

Durante os cem mil anos decorridos desde que o monólito de cristal descera na África, os homens-macaco nada tinham inventado. Mas já tinham começado a mudar, desenvolvendo habilidades que nenhum outro animal possuía. Graças aos cacetes de osso, haviam aumentado seu raio de alcance e multiplicado sua força. Não eram mais indefesos ante os animais ferozes com os quais competiam. Podiam afastar os carnívoros de pequeno porte que se aproximassem de sua caça. Quanto aos maiores, conseguiam pelo menos desencorajá-los e, às vezes, pô-los em fuga.

Seus enormes dentes tornavam-se menores, pois não eram mais essenciais. As pedras afiadas que usavam para escavar raízes ou cortar e destrinchar carne e fibras haviam-nos substituído com grande vantagem. Os homens-macaco não passavam mais fome quando seus dentes se estragavam ou se tornavam gastos. Até mesmo os mais toscos utensílios podiam acrescentar vários anos às suas vidas. E, à medida que seus dentes diminuía, seus próprios rostos se modificavam: a boca tornava-se menos proeminente, os pesados maxilares mais delicados, os lábios conseguiam produzir sons mais sutis. Um milhão de anos decorreria antes que surgisse a fala, mas os primeiros passos estavam dados.

O mundo então começou a mudar. Em quatro grandes ondas, com duzentos mil anos entre cada crista, a era glacial passou, deixando suas marcas em todo o globo. Longe dos trópicos, as geleiras mataram os que haviam deixado prematuramente o local de origem de seus ancestrais e afastaram onde quer que encontrassem as criaturas que não conseguiam adaptar-se.

Quando a era do gelo terminou, muitas coisas da vida primitiva do planeta também haviam terminado — inclusive os homens-macaco. Mas estes, diferentes de outros animais, tinham deixado descendentes. Não haviam sido simplesmente extintos, mas sim transformados. Os criadores de instrumentos foram recriados por seus próprios instrumentos.

Isso porque, ao usarem cacetes e pedras, suas mãos haviam desenvolvido uma destreza única no reino animal, permitindo-lhes fabricar instrumentos ainda melhores que, por sua vez, desenvolveram ainda mais suas mãos e seus cérebros. Foi um processo acelerado e cumulativo, estando no fim de tudo o Homem.

Os primeiros homens verdadeiros possuíam utensílios e armas que eram apenas um pouco melhores do que os de seus antepassados de um milhão de anos antes. Apenas sabiam usá-los com muito mais habilidade. E, em algum momento dos obscuros séculos já decorridos, haviam inventado a mais essencial de todas as ferramentas, que não era visível nem sensível ao tato. Tinham aprendido a falar e haviam assim conquistado sua primeira grande vitória contra o Tempo. Daí por diante, os conhecimentos de uma geração podiam ser transmitidos à seguinte, a fim de que todos pudessem tirar proveito das experiências passadas.

Diferenciando-se dos animais, que conheciam apenas o presente, o Homem possuía um passado e começava a tatear em direção ao futuro.

Aprendia, também, a domar as forças da natureza. Dominando o fogo, lançara os fundamentos da tecnologia e deixara muito longe sua origem animal. A pedra cedeu lugar ao bronze e, este, ao ferro. À caça seguiu-se a agricultura. A tribo formou a aldeia, que se transformou em cidade. A palavra tornou-se eterna, graças a determinados sinais estampados em pedra, argila e papiro. Depois inventou a filosofia e a religião. E não estava de todo errado ao povoar o céu com deuses. À medida que seu corpo ia ficando mais indefeso, seus meios de ataque tornavam-se cada vez mais assustadores. Com a pedra, o bronze, o ferro e o aço, ele percorrera toda a gama das coisas que furavam e despedaçavam. Bem cedo na História aprendera, também, a maneira de atingir o inimigo a distância. A espada, o arco, o fuzil e finalmente o míssil teleguiado, haviam-lhe proporcionado armas de alcance e poder ilimitados. Apesar de tê-las freqüentemente usado contra si mesmo, o Homem jamais teria conquistado seu mundo sem utilizar armas. Empenhara-se a tal respeito de corpo e alma e, durante séculos, lhe haviam prestado bons serviços. Mas, agora, enquanto houvesse armas, os dias do Homem estavam contados.

II. AMT-1

7. Vôo especial

Por mais que já se viaje pelo espaço, pensava o Dr. Heywood Floyd com seus botões, a excitação é sempre a mesma. Estivera uma vez em Marte, três na Lua, e já perdera a conta de quantas vezes visitara as diversas estações espaciais. No entanto, sempre que a hora da partida se aproximava, sentia uma tensão crescente, uma impressão de pasmo e admiração e, também, de nervosismo, o que o colocava na mesma situação de qualquer novato prestes a receber seu batismo espacial.

O jato que o trouxera de Washington, após o encontro noturno com o presidente, mergulhava agora nas nuvens em direção a uma das mais conhecidas e apaixonantes paisagens do mundo inteiro. Aí se encontravam, espalhadas numa extensão de vários quilômetros da costa da Flórida, as duas primeiras gerações da Idade Espacial. Ao sul, rodeados por luzes vermelhas que piscavam, estavam os gigantescos guindastes dos Saturno e Netuno, que haviam levado os homens rumo aos planetas, e que agora pertencem à História. Na linha do horizonte, parecendo uma brilhante torre prateada, banhada pelas luzes de holofotes, erguia-se o último dos Saturnos v, que havia quase vinte anos se constituía em monumento nacional e local de peregrinações.

Não muito longe dali, erguendo-se em direção ao céu, como se fora uma montanha construída por homens, via-se o inacreditável bloco do edifício da Assembléia Vertical, que continuava sendo a maior estrutura isolada do mundo.

Todas essas coisas, porém, pertenciam agora ao passado e ele estava voando em direção ao futuro. Ao se prepararem para a aterrissagem, o Dr. Floyd avistou lá embaixo um conjunto de prédios, depois uma grande pista de pouso e, em seguida, uma cicatriz larga e reta, cortando a paisagem plana da Flórida — os numerosos trilhos que levavam a uma gigantesca plataforma

de lançamento. Na ponta, cercada por guindastes e veículos, uma brilhante nave espacial, banhada em luzes, estava sendo preparada para sua viagem às estrelas. Numa súbita falta de perspectiva, causada pelas rápidas mudanças de velocidade e altitude, Floyd teve a impressão de ver, ao olhar para baixo, uma pulguinha cor de prata, iluminada por uma lanterna de pilha.

Mas, nesse momento, as pequeninas silhuetas que corriam pelo chão fizeram-no lembrar-se do tamanho real da nave: o estreito v, formado por suas asas flechadas, media uns duzentos metros. E esse enorme veículo, pensou Floyd um pouco incrédulo e com certo orgulho, está à *minha* espera. Era a primeira vez que se preparava uma viagem completa para levar à Lua um só homem.

Apesar de já serem duas horas da madrugada, um grupo de repórteres de jornais e de TV estava à sua espera quando se dirigiu para a espaçonave Orion III, iluminada pelos holofotes. Conhecia de vista vários daqueles repórteres, pois, na qualidade de presidente do Conselho Nacional de Astronáutica, estava habituado às entrevistas à imprensa. Mas este não era o momento apropriado para falar, mesmo porque ele nada tinha a dizer, se bem que fosse importante não ofender os representantes das agências de comunicação.

— Dr. Floyd, sou Jim Forster, das Notícias Associadas. Poderia dizer-nos alguma coisa sobre esse seu vôo?

— Sinto muito, mas nada posso dizer.

— Mas é verdade que o senhor teve um encontro com o presidente, esta noite? — perguntou uma voz conhecida.

— Oh, é você, Mik! Infelizmente, acho que tiraram você da cama à toa. Nada tenho a dizer.

— O senhor não nos pode ao menos confirmar ou desmentir a notícia sobre a epidemia da Lua? — perguntou um repórter de TV, trotando ao lado de Floyd, para conseguir mantê-lo convenientemente focalizado em sua câmara de TV em miniatura.

— Sinto muito — respondeu Floyd, abanando a cabeça.

— E a quarentena? — perguntou outro repórter.

— Quanto tempo vai durar?

— Não tenho comentários a fazer.

— Dr. Floyd — perguntou uma repórter baixinha e com ar decidido —, qual a explicação para essa absoluta falta de notícias da Lua? Terá relação com a situação política?

— A que situação política a senhora se refere? — perguntou Floyd secamente.

Houve várias risadas e uma voz gritou: "Boa viagem, doutor", quando ele penetrou no recinto reservado do elevador de embarque.

Em sua opinião, tratava-se mais de uma crise permanente do que uma "situação". Desde 1970, aproximadamente, o mundo fora dominado por dois problemas que tendiam a anular-se mutuamente.

O controle da natalidade, apesar de barato, seguro e aprovado pelas principais religiões, viera tarde demais. A população do mundo era agora de seis bilhões de pessoas, um terço das quais habitava o Império Chinês. Em alguns países totalitários existiam leis estabelecendo o limite de dois filhos para cada família, mas na prática tornava-se impossível fazer que fossem cumpridas. O resultado era que faltava alimento por toda a parte. Até mesmo nos Estados Unidos a carne estava racionada, prevendo-se para dentro dos próximos quinze anos uma fome. geral, apesar dos heróicos esforços para cultivar os mares e desenvolver a indústria de alimentos sintéticos. Apesar da necessidade de a cooperação internacional se tornar mais urgente que nunca, existia ainda o mesmo número de fronteiras intransponíveis de épocas anteriores. A humanidade perdera, no decorrer de um milhão de anos, muito pouco de seus instintos agressivos. Através de linhas simbólicas, visíveis apenas para os políticos, as trinta e oito nações nucleares se olhavam com ansiosa hostilidade. Reunidas, possuíam megatonagem suficiente para destruir toda a crosta do planeta. Ainda que, por milagre, não tivesse havido emprego de armas atômicas, esta situação não podia durar sempre. E agora, por motivos impossíveis de serem conhecidos, os chineses estavam oferecendo às nações menores e desprovidas de armas nucleares completo equipamento, composto de cinquenta ogivas e sistemas de lançamento. Seu preço era inferior a duzentos milhões de dólares, aceitando eles propostas para pagamento facilitado. Talvez tentassem apenas melhorar sua economia deficiente, transformando armas obsoletas em moeda corrente, diziam alguns observadores. Ou talvez tivessem descoberto novos métodos, tão avançados que tornavam desnecessários aqueles brinquedos. É que corriam rumores sobre rádio-hipnose por meio de transmissores em satélites, sobre vírus da compulsão, chantagem por meio de doenças sintéticas para as quais somente eles possuíam a terapêutica. Essas encantadoras idéias eram quase certamente propaganda ou pura imaginação, mas não era conveniente alguém descartar-se delas. Cada vez que Floyd saía da Terra pensava que talvez não

estivesse mais vivo na hora de voltar.

Ao entrar na cabina, foi saudado pela elegante aeromoça.

— Bom dia, Dr. Floyd. Sou a Srta. Simmons. Dou-lhe boas-vindas a bordo, em nome do comandante Tynes e de nosso co-piloto, o oficial Bellard.

— Obrigado — respondeu Floyd com um sorriso, pensando consigo mesmo que todas as aeromoças pareciam guias de turismo robôs.

— Partiremos dentro de cinco minutos — anunciou ela, mostrando com um gesto a cabina de vinte passageiros vazia. — Pode escolher qualquer lugar, mas o comandante Tynes aconselha a poltrona junto a primeira escotilha à esquerda, caso deseje ver a manobra de lançamento.

— Seguirei seu conselho — respondeu Floyd, dirigindo-se para a poltrona indicada.

A aeromoça ocupou-se dele por um momento e, em seguida, dirigiu-se para seu compartimento, situado na parte traseira da cabina.

Floyd instalou-se em seu lugar, prendeu o cinto de segurança em torno da cintura e dos ombros e colocou sua maleta no assento ao lado. Logo após, o altofalante emitiu um estalo e a voz da Srta. Simmons fez-se ouvir.

— Bom dia — disse. — Este é o vôo especial número 3, de Kennedy para a Estação Espacial Número Um.

Pelo jeito, estava disposta a seguir a rotina completa para seu passageiro solitário. Floyd não pôde conter o sorriso, ao ouvi-la continuar impassivelmente:

— O percurso será feito em cinquenta e cinco minutos. A aceleração máxima será de dois g. Durante trinta minutos estaremos sem peso. Tenham a bondade de permanecer em seus lugares até que as luzes de segurança sejam acesas...

Floyd olhou para trás e agradeceu. Percebeu vagamente um sorriso meio encabulado mas encantador. Recostou-se na poltrona e descontraíu-se. Esta viagem, calculou, custaria aos contribuintes pouco mais de um milhão de dólares. Caso se revelasse desnecessária, perderia seu emprego. Mas poderia em qualquer tempo voltar para a Universidade e recomeçar os seus estudos interrompidos sobre a formação planetária. — Processo de contagem regressiva iniciado — disse a voz do comandante ao microfone, naquele tom calmo e embalador próprio das transmissões radiofônicas.

— Lançamento em um minuto.

Como sempre, o minuto pareceu uma hora. Floyd sentiu claramente as gigantescas forças armazenadas em torno dele, à espera de serem

desencadeadas. Nos reservatórios de combustível das duas espaçonaves e nos depósitos de energia da plataforma de lançamento estava estocada uma força equivalente à de uma bomba atômica. E tudo aquilo ia ser usado para transportá-lo a uma reles distância de trezentos quilômetros da Terra.

Não houve aquela contagem antiquada, CINCOQUATROTRÊSDOISUMZERO, tão dura para o sistema nervoso humano.

— Lançamento dentro de quinze segundos. Respire fundo para sentir-se melhor.

Era uma boa psicologia e, também, boa fisiologia. Quando a plataforma impulsionou sua carga de mil toneladas em direção ao céu acima do Atlântico, Floyd sentiu-se bem suprido de oxigênio e pronto a enfrentar qualquer coisa.

Era difícil determinar o momento em que deixavam a plataforma para penetrar nos ares, mas, quando o ronco dos foguetes redobrou sua fúria e Floyd sentiu-se afundar cada vez mais na poltrona, soube que os motores do primeiro estágio haviam entrado em ação. Desejou olhar pela janela, mas até mesmo virar a cabeça exigia esforço. Apesar disso, a sensação não era de desconforto. Pelo contrário, a pressão causada pela aceleração e o barulho ensurdecedor dos motores produziam uma extraordinária euforia. Com os ouvidos zunindo e o sangue latejando em suas veias, Floyd sentiu uma vitalidade maior do que nos últimos anos. Era jovem novamente, tinha vontade de cantar alto — quanto a isso não havia problemas, pois ninguém poderia ouvi-lo.

Esse estado de espírito terminou rapidamente, quando se lembrou de que estava deixando a Terra e tudo o que amara em sua vida. Lá embaixo estavam seus três filhos, órfãos de mãe desde que sua mulher partira naquela fatídica viagem à Europa, havia dez anos (*Dez anos? Impossível! Mas era isso mesmo...*). Talvez tivesse sido melhor casar-se novamente, para o bem das crianças...

Havia quase perdido a noção do tempo quando, subitamente, a pressão e o barulho diminuíram e o alto-falante anunciou:

— Prontos para desprendimento do primeiro estágio. Lá vamos nós.

Houve uma leve sacudidela. Nesse momento Floyd lembrou-se de uma citação de Leonardo da Vinci que vira certa vez num escritório da NASA:

"O Grande Pássaro alçará vôo das costas do grande pássaro, glorificando o ninho em que nasceu."

Pois bem, o Grande Pássaro voava agora para além de todos os sonhos de da Vinci e seu companheiro, exausto, voltava para a Terra. Descrevendo um arco de milhares de quilômetros, o primeiro estágio, vazio, deslizaria em direção à atmosfera, diminuindo a velocidade para descer em Kennedy. Dentro de algumas horas, depois de revisado e abastecido, estaria novamente pronto para levar outro companheiro em direção ao brilhante silêncio que ele próprio jamais alcançaria.

"Agora", pensou Floyd, "estamos sozinhos, a mais de meio caminho para entrarmos em órbita." Quando os foguetes do estágio superior entraram em funcionamento e a aceleração recomeçou, o empuxo foi bem mais suave. Na verdade, sentiu apenas uma gravidade normal. Porém teria sido impossível andar, pois a frente da cabina estava exatamente acima de sua cabeça. Caso fosse bastante insensato para deixar sua poltrona, bateria imediatamente de encontro à parede traseira.

A sensação era desconcertante, pois tinha-se a impressão de que a nave se mantinha em pé sobre sua cauda. Para Floyd, que estava bem na frente da cabina, todas as poltronas davam a impressão de estarem pregadas numa parede que descia verticalmente atrás dele. Fazia o possível para ignorar essa desagradável sensação. Foi nesse momento que a aurora pareceu explodir do lado de fora. Em questão de segundos atravessaram camadas vermelhas, rosadas, azuis e douradas, em direção à penetrante luz do dia.

Havia quase perdido a noção do tempo quando, subitamente, a pressão e o barulho diminuíram e o alto-falante anunciou:

— Prontos para desprendimento do primeiro estágio. Lá vamos nós.

Houve uma leve sacudidela. Nesse momento Floyd lembrou-se de uma citação de Leonardo da Vinci que vira certa vez num escritório da NASA:

"O Grande Pássaro alçará vôo das costas do grande pássaro, glorificando o ninho em que nasceu."

Pois bem, o Grande Pássaro voava agora para além de todos os sonhos de da Vinci e seu companheiro, exausto, voltava para a Terra. Descrevendo um arco de milhares de quilômetros, o primeiro estágio, vazio, deslizaria em direção à atmosfera, diminuindo a velocidade para descer em Kennedy. Dentro de algumas horas, depois de revisado e abastecido, estaria novamente pronto para levar outro companheiro em direção ao brilhante silêncio que ele próprio jamais alcançaria.

"Agora", pensou Floyd, "estamos sozinhos, a mais de meio caminho para entrarmos em órbita." Quando os foguetes do estágio superior entraram em

funcionamento e a aceleração recomeçou, o empuxo foi bem mais suave. Na verdade, sentiu apenas uma gravidade normal. Porém teria sido impossível andar, pois a frente da cabina estava exatamente acima de sua cabeça. Caso fosse bastante insensato para deixar sua poltrona, bateria imediatamente de encontro à parede traseira.

A sensação era desconcertante, pois tinha-se a impressão de que a nave se mantinha em pé sobre sua cauda. Para Floyd, que estava bem na frente da cabina, todas as poltronas davam a impressão de estarem pregadas numa parede que descia verticalmente atrás dele. Fazia o possível para ignorar essa desagradável sensação. Foi nesse momento que a aurora pareceu explodir do lado de fora. Em questão de segundos atravessaram camadas vermelhas, rosadas, azuis e douradas, em direção à penetrante luz do dia.

Apesar de as janelas serem feitas de material destinado a diminuir o brilho, os raios da luz solar, que lentamente penetravam no interior da cabina, deixaram Floyd ofuscado durante vários minutos. Estava no espaço, mas não lhe era possível ver as estrelas.

Abrigo os olhos com as mãos em viseira e tentou espiar pela janela a seu lado. Lá fora, a asa flechada da nave ardia como metal incandescente sob o reflexo da luz solar. Reinava em torno a mais completa escuridão. Essa escuridão estava cheia de estrelas — mas era impossível vê-las.

Aos poucos o peso ia-se tornando menor. Os foguetes estavam sendo desacelerados à medida que a nave entrava em órbita. O estrondo dos motores transformou-se num ronco abafado, depois num leve sibilo, para em seguida silenciar totalmente. Se não estivesse amarrado com as correias de segurança, Floyd teria boiado no ar, fora da poltrona. Mesmo assim, tinha a impressão de que seu estômago ia levantar vôo.

Esperava que as pílulas que lhe tinham dado havia meia hora, ou seja, alguns milhares de quilômetros, fizessem o efeito desejado. Em sua carreira sentira apenas uma vez o enjôo do espaço, mas essa vez fora demais.

A voz do piloto fez-se ouvir, firme e decidida, no alto-falante.

— Por favor, observem todas as regras de g. zero. Atracaremos na Estação Espacial Número Um dentro de quarenta e cinco minutos.

A aeromoça caminhava pelo estreito corredor situado à direita das poltronas pouco espaçadas. Havia uma certa flutuação em seus passos. Seus pés levantavam-se do chão com dificuldade, como se pisasse em cola. Mantinha-se na parte amarela do tapete de Velcro que revestia todo o chão da cabina, bem como o teto. Tanto o tapete como as solas de seus sapatos possuíam

milhares de pequeninas saliências, de modo a aderirem um ao outro. Esta invenção para conseguir andar em gravidade zero era muito reconfortante para viajantes desorientados.

— Deseja uma xícara de café ou de chá, Dr. Floyd?

— Não, obrigado — respondeu ele com um sorriso. Sentia-se como um bebê quando tinha de chupar aqueles tubos de plástico.

A aeromoça permaneceu a seu lado com ar aflito. Ele abriu a maleta para tirar alguns papéis.

— Dr. Floyd, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro — respondeu ele, olhando-a por cima dos óculos.

— Meu noivo é geólogo em Tycho — disse a Srta. Simmons, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Faz mais de uma semana que não recebo notícias dele.

— Sinto muito. Quem sabe estará fora da base, em local sem comunicações? Ela sacudiu a cabeça.

— Sempre me avisa quando isso vai acontecer. E o senhor bem pode imaginar como estou preocupada com todos esses boatos. É verdade *mesmo* que há uma epidemia na Lua?

— Se for, não há motivo para alarma. Lembre-se de que há muito tempo, em 1998, houve uma quarentena por causa daquele vírus de gripe modificado. Muita gente adoeceu, mas não houve mortes. É só isso o que posso dizer-lhe — concluiu com firmeza.

A Srta. Simmons sorriu amavelmente e endireitou-se.

— Bem, muito obrigada, doutor. Desculpe tê-lo incomodado.

— Não foi incômodo algum — retorquiu ele gentilmente. Mas não estava sendo muito sincero. Em seguida mergulhou em seus intermináveis relatórios técnicos, num esforço desesperado para pôr em dia o seu trabalho.

Quando chegasse à Lua não teria tempo para leitura.

8. Encontro orbital

Meia hora depois o piloto anunciou: "Contato dentro de dez minutos. Favor verificarem seus cintos."

Floyd obedeceu e guardou seus papéis. Insistir na leitura durante as acrobacias da espaçonave nos últimos quinhentos quilômetros era querer meter-se em encrenca. Era melhor fechar os olhos e descontraír-se, enquanto as detonações do foguete sacudiam a nave para a frente e para trás.

Após alguns minutos, Floyd avistou, a apenas alguns quilômetros de distância, a Estação Espacial Número Um. A luz do sol refletia-se na superfície metálica polida do disco de trezentos metros de diâmetro que brilhava, rodando lentamente. Não muito longe, girando na mesma órbita, via-se uma espaçonave Titov v, de asas flechadas, e perto dela um Aries-1B quase esférico, o cavalo de carga do espaço, com suas quatro pernas curtas, destinadas a absorver o choque da alunissagem, fazendo saliência de um dos lados.

A nave Orion III descia de uma órbita mais alta, o que proporcionava uma visão da Terra espetacular, por trás da estação. De trezentos quilômetros de altitude, Floyd via boa parte da África e do oceano Atlântico. Havia muitas nuvens, mas mesmo assim podia perceber o perfil azul-esverdeado da Costa do Ouro. O eixo central da estação espacial aproximava-se lentamente com seus braços de atracação estendidos em direção à nave. Contrariamente à estrutura da qual provinha, o eixo não girava — ou melhor, girava, mas em sentido oposto, numa velocidade que contrabalançava exatamente a rotação da Estação Espacial. Deste modo, uma nave espacial podia, ao chegar, acoplar-se com ela, para transferência de tripulação ou de carga, sem correr o risco de sair rodopiando loucamente em torno.

Num suavíssimo baque, a nave conjugou-se com a Estação. Houve rangidos e ruídos metálicos e depois um rápido sibilo no ar, enquanto as pressões se nivelavam. Segundos mais tarde, a porta da cabina de compressão abriu-se e um homem entrou vestindo as calças leves e justas e a camisa de mangas curtas que pareciam um uniforme do pessoal da Estação Espacial.

— Muito prazer em conhecê-lo, Dr. Floyd. Meu nome é Nick Miller, do Serviço de Segurança da Estação. Fui incumbido de zelar pelo senhor até a partida.

Deram-se um aperto de mãos. Em seguida Floyd sorriu para a aeromoça e disse:

— Queira transmitir meus cumprimentos ao comandante Tynes, agradecendo a ótima viagem. Talvez nos vejamos novamente na volta.

Com muito cuidado — pois fazia mais de um ano, desde a última vez em que estivera fora da ação da gravidade e levaria algum tempo para acostumar suas pernas no espaço — arrastou-se sobre as mãos para fora da cabina, entrando na grande sala circular do eixo da Estação. Era uma peça bem acolchoada em cujas paredes havia inúmeras alças embutidas. Floyd agarrou-se firmemente a uma delas e a sala inteira começou a girar, até atingir a mesma rotação da Estação.

À medida que a velocidade aumentava, teve a impressão de que dedos gravitacionais, leves e fantasmagóricos, seguravam-no, mas dirigiu-se lentamente para a parede circular. Agora estava em pé sobre o chão que, como num passe de mágica, se tornara curvo. Floyd oscilava suavemente para a frente e para trás, como as algas na maré alta. A força centrífuga da rotação dominava-o. Junto ao eixo, era ainda muito fraca, mas aumentaria progressivamente à medida que se dirigisse para fora.

Saindo da sala de trânsito central, desceu atrás de Miller por uma escada curva. No princípio, seu peso era tão leve que teve de fazer força para conseguir descer, segurando-se no corrimão. Somente quando chegou à seção de passageiros, situada na parte externa do disco giratório, recuperou peso suficiente para mover-se de maneira mais normal.

A seção fora redecorada desde sua última visita, apresentando diversas melhorias. Além das cadeiras, mesinhas, restaurante e correio, havia agora um salão de barbeiro, uma drogaria, um cinema e uma lojinha que vendia fotografias e diapositivos de paisagens lunares e planetárias, pedaços de Luniks, Rangers e Surveyors garantidos como peças autênticas, tudo com bonitas molduras de plástico e a preços exorbitantes.

— Deseja tomar alguma coisa? — perguntou Miller. — Embarcaremos dentro de trinta minutos, aproximadamente.

— Gostaria de uma xícara de café, com dois torrões de açúcar. E quero, também, uma ligação para a Terra.

— Pois não, doutor. Vou providenciar o café. Os telefones estão ali.

As pitorescas cabinas telefônicas estavam situadas a poucos metros de uma grade com duas entradas encimadas por letreiros que diziam, respectivamente:

BENVINDO AO SETOR AMERICANO e BENVINDO AO SETOR SOVIÉTICO.

Logo abaixo, viam-se avisos em inglês, russo, chinês, francês, alemão e espanhol:

FAVOR TER À MÃO SEUS DOCUMENTOS

PASSAPORTE VISTO
ATESTADO MÉDICO
LICENÇA DE TRANSPORTE
DECLARAÇÃO DE PESO

Havia um simbolismo bastante significativo no fato de que os passageiros tinham toda liberdade de juntarem-se novamente assim que tivessem passado pelas barreiras. A divisão existia exclusivamente para fins administrativos.

Após verificar que o código de chamadas para os Estados Unidos continuava sendo 81, Floyd marcou os doze algarismos do telefone de sua casa, colocou seu cartão de crédito na fenda apropriada e, em trinta segundos, obteve a ligação.

A cidade de Washington dormia, pois faltavam ainda horas para o amanhecer, mas ninguém seria perturbado pelo telefonema. A governanta receberia o recado pelo gravador, assim que acordasse.

— Aqui fala o Dr. Floyd, Srta. Fleming. Desculpe ter partido com tanta pressa. Telefone para o escritório e peça que alguém vá buscar meu carro, que está no Aeroporto Dulles. A chave ficou com o Sr. Bailey, chefe do controle de vôos. Em seguida ligue para o Chavy Chase Country Club e deixe um recado para a secretária. Não poderei *de maneira alguma* participar do torneio de tênis do próximo fim de semana. Diga que mando pedir desculpas, pois acho que estavam contando comigo. Depois telefone para a loja de eletrônica e avise que se não consertarem o vídeo de meu estúdio até... digamos, até quarta-feira, podem levar de volta aquela droga.

Fez uma pausa, tentando prever outros assuntos ou problemas que pudessem surgir no decorrer dos próximos dias.

— Se o dinheiro acabar, telefone para o escritório. Eles podem enviar-me recados urgentes, mas é possível que eu esteja ocupado demais para responder. Dê um beijo nas crianças e diga-lhes que voltarei logo que puder. Raios... Vem vindo uma pessoa que não quero ver! Se der jeito, telefonarei da Lua. Até logo!

Floyd tentou escapar da cabina, mas era tarde, já fora visto. Saindo do setor

soviético, vinha andando em sua direção o Dr. Dimitri Moisevitch, da Academia de Ciências da URSS.

Dimitri era um dos maiores amigos de Floyd. Justamente por isso ele não queria de maneira alguma encontrá-lo ali naquele momento.

9. Viagem à Lua

O astrônomo russo era alto, louro e esbelto. A pele lisa do seu rosto desmentia seus cinquenta e cinco anos de idade, dos quais os últimos dez haviam sido empregados na construção do gigantesco radiobservatório situado no outro lado da Lua, onde alguns milhares de quilômetros de sólida rocha protegiam-no da barulhenta interferência eletrônica da Terra.

— Olá, Heywood! — exclamou, num firme aperto de mão. — O Universo é pequeno, não? Como vai você? E suas encantadoras crianças? — Vamos muito bem — respondeu Floyd afavelmente, mas com ar ligeiramente distraído. — Sempre nos lembramos daquele maravilhoso verão que você nos proporcionou o ano passado. — Sentia-se triste por não poder ser mais sincero. Realmente, tinham apreciado imensamente a semana de férias em Odessa, com Dimitri, durante uma das visitas do russo à Terra. — E você? Está seguindo viagem mais para cima? — perguntou Dimitri.

— Hã... Sim. Parto dentro de meia hora — respondeu Floyd. — Conhece o Sr. Miller?

O oficial da Segurança aproximara-se e mantinha-se a respeitosa distância, segurando uma xícara de plástico cheia de café.

— Claro que conheço. Mas *por favor*, Sr. Miller, deixe isso aí. Esta é a última oportunidade que o Dr. Floyd tem para tomar uma bebida civilizada. Não vamos desperdiçá-la. De modo algum, eu insisto.

Saíram da sala principal, dirigindo-se para o setor de observação e logo depois estavam sentados a uma mesa fracamente iluminada, olhando a paisagem móvel das estrelas.

A Estação Espacial Número Um dava uma volta por minuto. A força centrífuga gerada por essa lenta rotação produzia uma gravidade igual à da Lua. Havia encontrado essa solução de meio-termo entre a gravidade

existente na Terra e a total ausência de gravidade. Além do mais, isso proporcionava aos passageiros que se destinavam à Lua uma oportunidade de se aclimatarem.

Do dado de fora das janelas quase invisíveis, a Terra e as estrelas desfilavam em silenciosa procissão. No momento, aquele lado da Estação estava inclinado em relação ao Sol. De outra maneira, não teria sido possível olhar para fora, pois a luz seria ofuscante. Mas, mesmo assim, o clarão da Terra, refletindo-se na metade do céu, só deixava ver as estrelas mais brilhantes.

Mas a Terra começou a escurecer, à medida que a Estação girava em direção à face noturna do planeta. Em poucos minutos transformar-se-ia num enorme disco preto pontilhado de luzes das cidades. E então as estrelas dominariam o céu.

— Muito bem — disse Dimitri, após ter tomado rapidamente o primeiro drinque e distraído-se com o segundo copo. — Que história é essa de epidemia no setor americano? Eu queria ir nessa viagem e me disseram: "Não, professor, sentimos muito, porém há uma quarentena rigorosa, até segunda ordem." Usei todos os pistolões possíveis, mas nada consegui. Agora conte-me *você* o que está acontecendo.

Floyd resmungou com seus botões: "Pronto, já começou novamente. Quanto mais cedo eu embarcar, melhor."

— Ah... bem... a quarentena é apenas uma medida de precaução — disse cautelosamente. — Nem temos bem certeza de que seja realmente necessária, mas não gostamos de arriscar.

— Mas que doença é? Quais são os sintomas? Poderia ser extraterrestre? Deseja alguma ajuda de nossos serviços médicos?

— Desculpe, Dimitri, mas pediram-nos que *nada* disséssemos por enquanto. Obrigado pelo oferecimento, mas nós mesmos resolveremos o problema.

— Hummm... — fez Moisevitch, evidentemente incrédulo. — Acho estranho terem mandado *você*, um astrônomo, ir à Lua para observar uma epidemia.

— Sou apenas um ex-astrônomo. Há anos que não faço pesquisa. Agora sou perito científico, o que significa que não estou a par de *nada* absolutamente.

— Sabe então o que quer dizer AMT-1? Miller quase engasgou com o drinque, mas Floyd sabia controlar-se. Olhou de frente para o amigo e disse em tom muito calmo:

— AMT-1? Que nome esquisito! Onde foi que você ouviu isso?

— Não vem ao caso — retorquiu o russo. — Não pense que está me

enganando. Mas, caso não consiga controlar a situação, espero que peça socorro antes que seja tarde demais.

Miller olhou significativamente para o relógio.

— Seu embarque é dentro de cinco minutos, Dr. Floyd — avisou. — Acho melhor irmos andando.

Apesar de saber que ainda dispunha de vinte minutos, Floyd levantou-se apressadamente. Com pressa excessiva até, pois se esquecera de que a gravidade estava reduzida a um sexto. Agarrou-se à borda da mesa para não flutuar.

— Foi um prazer encontrá-lo, Dimitri — disse sem muita sinceridade. — Espero que faça uma boa viagem de volta à Terra. Telefonarei para você assim que voltar.

Saíram da sala e, ao passarem pela barreira do setor americano, Floyd exclamou:

— Ufa! Desta vez escapei por pouco! Obrigado pelo socorro.

— Sabe, doutor — disse o oficial da Segurança —, espero que ele esteja enganado.

— Em relação a quê?

— A não conseguirmos controlar a situação.

— É exatamente isso que pretendo averiguar — respondeu firmemente Floyd.

Quarenta e cinco minutos depois, o transporte para a Lua, Aries-1B, deixou a estação, sem aquela furiosa energia de uma partida da Terra. Houve apenas um longínquo e quase inaudível sibilo quando os jatos a plasma, de baixo empuxo, lançaram pelo espaço suas correntes eletrificadas. O suave impulso durou mais de quinze minutos e a aceleração era tão pequena que não impedia ninguém de mover-se pela cabina. Mas, quando cessou, a nave não estava mais ligada à Terra, como quando ainda acompanhava a Estação. Quebrara as barreiras da gravidade e era agora um planeta livre e independente, girando em torno do Sol numa órbita própria.

A cabina que Floyd ocupava sozinho havia sido desenhada para trinta passageiros. Teve uma sensação de estranheza e solidão ao ver todos aqueles lugares vazios e ao receber sozinho as atenções do aeromoço e da aeromoça, sem se falar no piloto, no co-piloto e nos dois engenheiros. Pensou consigo mesmo que talvez fosse o primeiro homem na História, e quem sabe o único, a ter, com exclusividade, tantos serviços. Lembrou-se do comentário cínico de um Pontífice pouco honrado: "Agora que somos Papa,

vamos aproveitar." Trataria realmente de aproveitar esta viagem e a euforia proporcionada pela ausência de peso. Com a falta de gravidade, esquecer — ao menos temporariamente — a maioria de seus problemas. Alguém já dissera que no espaço pode-se sentir terror, mas nunca preocupação. Era a mais pura verdade.

A tripulação parecia disposta a fazê-lo comer ininterruptamente durante as vinte e cinco horas de viagem e a todo momento tinha de recusar as refeições oferecidas. Contrariamente às negras previsões dos primeiros astronautas, alimentar-se não constituía problema na ausência de gravidade. Floyd estava sentado a uma mesa comum à qual os pratos eram fixados, como a bordo de um navio em mar tempestuoso. Todos os alimentos possuíam uma consistência aderente, para não saírem flutuando pela cabina. Assim, a carne mantinha-se grudada no prato por um espesso molho e a salada permanecia sob controle por meio de um tempero colante. Com alguma habilidade e certo cuidado, podia-se lidar com quase todos os alimentos. Os únicos que haviam sido definitivamente excluídos eram as sopas quentes e as massas folhadas excessivamente quebradiças. Era evidente que as bebidas constituíam um problema à parte: todos os líquidos eram servidos dentro de tubos plásticos.

A instalação do banheiro fora planejada por toda uma geração de voluntários heróicos e anônimos e agora parecia à prova de acidentes. Assim que a gravidade se tornou nula, Floyd resolveu averiguar. Entrou num cubículo semelhante ao banheiro de qualquer avião, mas iluminado por uma luz vermelha extremamente crua e desagradável aos olhos. Um aviso em letras grandes dizia: **IMPORTANTE! EM SEU PRÓPRIO BENEFÍCIO, QUEIRA LER ATENTAMENTE ESTAS INSTRUÇÕES!!!**

Floyd sentou-se (era um hábito que persistia apesar da falta de peso) e leu diversas vezes o aviso. Quando se certificou de que não houvera modificações desde sua última viagem, apertou o botão que dizia **LIGADO**.

Um motor elétrico colocado bem ao lado entrou em funcionamento e Floyd sentiu-se em movimento. Seguindo as instruções do aviso, fechou os olhos e ficou à espera. Decorrido um minuto, ouviu um suave toque de campainha e olhou em torno.

A luz passara de vermelha para um tom branco-rosado e, o que era mais importante, a gravidade fazia-se sentir novamente. Apenas uma fraquíssima vibração demonstrava tratar-se de uma gravidade artificial, provocada pela rotação de todo o compartimento. Floyd apanhou um pedaço de sabão e,

soltando-o, observou que caía lentamente. Calculou que a força centrífuga era de aproximadamente um quarto da gravidade normal. Mas isso era suficiente. Bastava como garantia de que tudo se moveria na direção certa, dentro de um local em que isso era da maior importância.

Apertou o botão DESLIGADO PARA SAÍDA e tornou a fechar os olhos. A sensação de peso desapareceu lentamente, à medida que a rotação cessava, a campainha soou duas vezes e a luz vermelha tornou a aparecer. A porta foi colocada na posição correta, para que Floyd pudesse flutuar de volta para a cabina, onde adериu ao tapete o mais depressa que pôde. A ausência de peso já não era mais novidade para o cientista, que se sentia feliz por ter nos pés os sapatos de Velcro, graças aos quais lhe era possível andar quase normalmente.

Sem sair de sua poltrona, podia ocupar-se com várias coisas. Quando estivesse cansado de relatórios oficiais, memorandos e atas, ligaria o noticioso eletrônico na tomada do circuito de informações da espaçonave e passaria os olhos pelas últimas notícias da Terra. Entraria em contato com cada um dos principais jornais eletrônicos. Sabia de cor o prefixo dos mais importantes e nem precisava consultar a lista fornecida para esse fim. Ligando a unidade de memória do aparelho, veria a primeira página do jornal escolhido e anotaria os tópicos que lhe interessassem. Cada manchete possuía um código de dois algarismos. Era só marcar o número desejado para que o pequeno retângulo do tamanho de um selo aumentasse até ocupar toda a tela, formando uma imagem nítida e fácil de ler. Quando terminasse a leitura, faria voltar à tela a página completa e selecionaria outro assunto para exame mais detalhado.

Floyd pensou consigo mesmo que talvez aquele aparelho, apesar da extraordinária tecnologia necessária ao seu funcionamento, não fosse ainda a última palavra na eterna busca do Homem, em seu desejo de comunicações mais perfeitas. Aqui estava ele, em pleno espaço, afastando-se da Terra a uma velocidade de milhares de quilômetros por hora e, no entanto, podia, em fração de segundo, ver as manchetes de qualquer jornal. (Pensando bem, os próprios jornais eram anacrônicos na era da eletrônica.) As notícias eram atualizadas de hora em hora. Ainda que alguém lesse apenas o texto em inglês, poderia passar a vida inteira sem outra ocupação senão ver a sempre renovada torrente de informações enviadas pelos satélites transmissores.

Era difícil imaginar que o sistema pudesse ser mais aperfeiçoado ou tornado mais prático.

Porém mais cedo ou mais tarde, pensava Floyd, acabaria sendo substituído por algum novo aparelho, tão impossível de ser imaginado quanto teria sido o noticioso eletrônico para Caxton ou Gutenberg.

Outro pensamento vinha-lhe à mente ao ler as pequeninas manchetes eletrônicas. À medida que os meios de comunicação se tornavam cada vez mais extraordinários, as notícias pareciam cada vez mais banais, escandalosas ou deprimentes. Acidentes, crimes, desastres naturais ou provocados pelo homem, ameaças de guerra, editoriais pessimistas continuavam a ser o principal assunto dos milhões de palavras enviadas ao éter. Mas, talvez, pensou Floyd, isso não seja tão ruim assim. Chegara à conclusão de que os jornais da Utopia seriam terrivelmente enfadonhos.

De vez em quando, o comandante e os outros membros da tripulação entravam na cabina e conversavam um pouco com Floyd. Tratavam com respeito aquele importante passageiro e evidentemente ardiam de curiosidade quanto à finalidade de sua missão, mas eram bastante educados para evitar perguntas ou mesmo dar indiretas.

Somente a encantadora aeromoça parecia inteiramente à vontade diante dele. Floyd logo descobriu que ela era originária de Bali e trouxera para além da atmosfera a graça e o mistério daquela ilha ainda tão preservada. Uma das mais estranhas e encantadoras lembranças que guardou de toda a viagem foi a da demonstração de movimentos de danças balinesas, executados em gravidade zero, tendo ao fundo a linda visão verde-azulada da Terra que desaparecia.

Houve determinado período de sono, durante o qual as luzes principais da cabina fora apagadas. Floyd amarrou seus braços e pernas com os lençóis elásticos para que não flutuasse no ar. A sua cama dura e sem forro, com a ausência da gravidade, era mais confortável que o mais luxuoso colchão da Terra.

Depois de convenientemente amarrado, Floyd adormeceu rapidamente, mas pouco depois acordou num estado de torpor e de semi-inconsciência, atônito ante o estranho ambiente que o cercava. Por um momento a tênue luz dos compartimentos vizinhos deu-lhe a impressão de estar no interior de uma lanterna chinesa. Em seguida, disse a si mesmo: "Trate de dormir, rapaz. Isto é apenas uma nave para a Lua."

Quando acordou, a Lua dominara metade do céu e as manobras de frenagem iam começar. Através da longa série de janelas na parede curva da cabina de passageiros não se via o globo do qual se aproximavam, mas apenas o céu

aberto. Floyd dirigiu-se, então, para a cabina de controle. Ali poderia observar, através das telas de TV, as últimas manobras da descida.

As montanhas lunares eram totalmente diferentes das da Terra. Não possuíam as brilhantes calotas de neve, nem a verde vegetação que as enfeitava, nem as coroas de nuvens encimando-as. Mas os fortes contrastes de luz e sombra davam-lhes uma estranha beleza. As leis estéticas da Terra não se aplicavam a esta paisagem. Este mundo fora moldado e formado por outras forças que não as terrestres, trabalhando no decorrer de séculos desconhecidos para a jovem e verdejante Terra, com sua efêmera era do gelo, seus mares subindo e descendo, suas montanhas dissolvendo-se como a bruma na madrugada. Aqui a idade era uma idéia inconcebível, mas a morte não, pois a Lua jamais tivera vida — até agora.

Prestes a alunissar, a nave estava agora pousada quase exatamente em cima da linha divisória entre a noite e o dia. Lá embaixo, havia um caos de sombras misturadas com picos brilhantes e isolados, recebendo a primeira luz da lenta aurora lunar. Era perigoso tentar pousar naquele local, mesmo com toda a aparelhagem eletrônica disponível. Afastaram-se então lentamente em direção à face noturna da Lua.

Floyd percebeu, à medida que seus olhos se acostumavam à tênue claridade, que a paisagem noturna não era completamente escura. Possuía uma luz fantasmagórica sob a qual os picos, vales e planícies eram claramente visíveis. A Terra, gigantesca lua da Lua, iluminava a paisagem com seu brilho.

No painel de controle passavam luzes pelas telas do radar, os computadores funcionavam mostrando uma série de números que apareciam e sumiam, marcando a distância entre a nave e a Lua. Estavam ainda a muitos quilômetros quando o peso voltou, no momento em que os foguetes iniciaram sua desaceleração suave porém constante. Um enorme espaço de tempo pareceu decorrer enquanto a Lua expandiu-se lentamente pelo céu, o Sol sumiu atrás do horizonte e, finalmente, uma única e gigantesca cratera dominou o campo de visão. A nave baixava em direção às cristas centrais e Floyd percebeu repentinamente, junto a uma dessas cristas, uma brilhante luz acendendo e apagando-se com regularidade. Parecia um radiofarol de um aeroporto da Terra. Floyd olhou para aquilo com um nó na garganta. Era uma prova de que a humanidade estabelecera mais um domínio na Lua.

Agora a cratera crescera mais ainda, a tal ponto que seus taludes estavam abaixo da linha do horizonte. As pequeninas crateras em seu interior

começavam a revelar seu tamanho real. Por menores que pudessem parecer quando vistas de grande altitude, algumas delas tinham quilômetros de diâmetro e poderiam engolir cidades inteiras. A nave deslizava para baixo, através do céu estrelado, em direção à árida paisagem tenuemente iluminada pela grande Terra. Ouviu-se uma voz vinda de fora, acima do assobio dos foguetes e dos ruídos eletrônicos que enchiam a cabina: — Torre de Clavius para Vôo Especial 14, vocês estão descendo bem. Verifiquem trava do trem de aterrissagem, pressão hidráulica, inflação do amortecedor de choques.

O piloto apertou diversos botões, luzes verdes acenderam-se e ele respondeu:

— Tudo verificado. Trava do mecanismo de aterrissagem, pressão hidráulica, amortecedor de choques. Tudo O.K.

— Confirmado — disse a Lua.

E a descida prosseguiu em silêncio. Havia ainda muita conversa, mas entre máquinas, enviando-se reciprocamente impulsos binários com rapidez mil vezes maior que as comunicações entre seus inventores, que pensavam devagar.

Alguns picos de montanhas já estavam mais altos que a nave. A distância para o chão era de apenas uns poucos milhares de metros. A luz do radiofarol era uma fulgurante estrela, iluminando intermitentemente um grupo de prédios baixos cercados de veículos originais. No estágio final da descida, os foguetes pareciam tocar uma estranha melodia: vibravam e silenciavam, fazendo as últimas retificações para a descida.

Subitamente um redemoinho de poeira envolveu tudo, os foguetes deram a última arrancada e a nave oscilou muito suavemente, como um barquinho sobre uma onda pequena. Floyd levou alguns minutos para conseguir enfrentar o silêncio que o cercava. A fraca gravidade parecia prender seus membros.

Em pouco mais que um dia, sem o menor incidente, fizera a incrível jornada com a qual os homens haviam sonhado durante dois mil anos. Após um vôo normal e rotineiro, descera na Lua.

10. A Base Clavius

Clavius, com duzentos e quarenta quilômetros de diâmetro, é a segunda cratera em tamanho na face visível da Lua, ficando situada na região central dos Planaltos Meridionais.

É muito antiga. Transformações vulcânicas e bombardeamento proveniente do espaço marcaram profundamente as suas paredes, bem como o seu fundo. Mas, já na derradeira idade em que se formavam as crateras, quando os fragmentos do cinto de asteróides ainda castigavam a superfície dos planetas internos, Clavius já tinha sua feição definitiva havia meio bilhão de anos.

Agora experimentava novas e estranhas transformações, tanto em sua superfície como abaixo dela, pois justamente nesse local o Homem estabelecera a sua primeira cabeça-de-ponte na Lua. A Base Clavius, em caso de emergência, poderia ser inteiramente auto-suficiente. Todas as necessidades vitais eram supridas pelas rochas depois de seu tritramento, aquecimento e processamento químico. Hidrogênio, oxigênio, carbono, nitrogênio, fósforo, todos eles, bem como a maioria dos demais elementos, poderiam ser encontrados no interior da Lua por alguém que soubesse onde procurá-los.

A Base constituía um sistema fechado, como se fosse um modelo em escala da própria Terra, onde se procedia à reciclagem da química da vida. A purificação da atmosfera fazia-se num vasto aposento circular, situado imediatamente abaixo da superfície lunar. Sob a luz de fortíssimas lâmpadas durante a noite e luz solar filtrada durante o dia, grandes extensões de canteiros com plantas verdes e atarracadas cresciam numa atmosfera quente e úmida. Tratava-se de espécimes enxertados peculiares, destinados ao fornecimento de oxigênio ao ar, bem como a servir secundariamente como alimento.

Outros alimentos eram produzidos por intermédio de processamento químico e mediante a cultura de algas. É claro que a nata verde, percorrendo metros e metros de tubos plásticos transparentes, dificilmente seria do agrado de um *gourmet*. Contudo, os bioquímicos eram capazes de transformá-la em costeletas ou bifes apetitosos, que somente um verdadeiro entendido seria capaz de diferenciar do real.

Os onze mil homens e seis mil mulheres que constituíam o pessoal da Base eram cientistas altamente treinados ou técnicos que haviam sido cuidadosamente selecionados antes de deixarem a Terra. Sua vida lunar estava agora praticamente livre das adversidades, desvantagens e perigos ocasionais dos primórdios da ocupação da Lua, sendo contudo enorme o

desgaste psicológico, e aquela existência não seria nada recomendável para alguém que sofresse de claustrofobia. Sendo extremamente dispendiosa e demorada a construção de uma extensa base escavada em rocha sólida ou lava compacta, o módulo por indivíduo era um quarto, com apenas um metro e oitenta centímetros de largura, por três de comprimento e dois e quarenta de altura.

Cada quarto era agradavelmente mobiliado, com o aspecto bastante aproximado ao de motel de categoria, com sofá-cama, TV, pequeno aparelho de Hi-Fi e outras comodidades. Além disso, por intermédio de um truque dos decoradores, ao apertar-se o botão numa das paredes não vazadas poder-se-ia converter a mesma numa paisagem terrestre bastante convincente. Havia para escolher oito panoramas diferentes.

Tal toque, de luxo aparentemente supérfluo, era típico na Base, sendo, contudo, difícil explicar a sua necessidade às pessoas, uma vez de volta à Terra. Cada indivíduo, em Clavius, custava milhares de dólares em treinamento, transporte e acomodação, sendo, portanto, perfeitamente compreensível aquela pequena extravagância que seria capaz de contribuir para a sua paz de espírito. Não se tratava de arte pela arte e sim de arte em troca de sanidade mental.

Um dos atrativos da vida na Base — e na Lua em geral — era, sem dúvida alguma, a baixa gravidade, produzindo uma sensação de bem-estar generalizado. Contudo, isso apresentava os seus perigos e era preciso que decorressem algumas semanas até que um recém-chegado procedente da Terra conseguisse adaptar-se. Uma vez na Lua, o corpo humano via-se impelido a adquirir toda uma nova série de reflexos. E pela primeira vez era obrigado a distinguir massa de peso.

Um homem que pesasse na Terra noventa quilos, poderia descobrir, para grande satisfação sua, que na Lua o seu peso era de apenas quinze quilos. Enquanto se deslocasse em linha reta e em velocidade uniforme, sentiria uma sensação maravilhosa, como se flutuasse. Mas assim que resolvesse alterar o seu curso, virar esquinas ou deter-se subitamente, *então* perceberia que todos aqueles seus noventa quilos de massa, ou inércia, continuavam presentes. Pois isso é fixo e inalterável, tanto na Terra, como na Lua, no Sol ou no espaço. Portanto, antes que uma pessoa conseguisse adaptar-se ao regime selenita, era necessário aprender que todos os objetos são pelo menos seis vezes mais inertes do que o seu peso levaria a crer à primeira vista. Tal fato de um modo geral somente era compreendido após algumas

colisões e apertos de mão demasiado violentos. Os antigos habitantes da Lua procuravam manter distância dos recémchegados até que esses estivessem aclimatados.

Com todo o seu complexo de oficinas, escritórios, almoxarifados, centro computador, geradores, garagem, cozinha, laboratórios e fábrica de alimentos, a Base Clavius constituía, assim, como que uma miniatura do mundo. E ironicamente diversos dentre os conhecimentos utilizados na construção desse império subterrâneo tinham sido adquiridos no decorrer do meio século da guerra fria.

Qualquer homem que houvesse trabalhado numa base de mísseis sentir-seia perfeitamente à vontade em Clavius. Na Lua, as condições de vida, bem como as medidas de proteção contra o ambiente externo hostil, eram semelhantes; entretanto, os seus propósitos voltavam-se para fins pacíficos. Finalmente, decorridos dez mil anos, o homem havia conseguido encontrar algo tão excitante quanto a própria guerra. Infelizmente, nem todas as nações haviam compreendido esse fato.

As montanhas, que pouco antes pareciam tão proeminentes, agora haviam desaparecido como que por encanto, ocultas por trás do íngreme horizonte lunar. Ao redor da espaçonave estendia-se uma planície lisa e cinzenta, vivamente iluminada pela luz da Terra. Apesar de o céu estar completamente escuro, apenas as estrelas mais brilhantes e os planetas poderiam ser percebidos, a menos que os olhos estivessem ao abrigo do fulgor da superfície.

Diversos veículos estranhos aproximaram-se da espaçonave Aries-1B: guindastes, gruas e caminhões de abastecimento. Alguns eram automáticos, outros dirigidos por um chofer abrigado no interior de uma pequena cabina pressurizada. A maioria deslocava-se sobre pneus-balão, pois aquela planície nivelada não apresentava qualquer dificuldade à locomoção. Contudo, um caminhão-tanque movia-se sobre uma espécie de rodas flexíveis, as quais constituíam a maneira mais segura e confortável para deslocar-se por toda a superfície da Lua. Uma série de discos, com disposição circular, cada qual com montagem independente, compunha essa roda, a qual apresentava muitos pontos em comum com a lagarta que provavelmente teria sido a sua inspiradora. Era capaz de adaptar-se ao terreno sobre o qual transitava, e além disso, ao contrário da lagarta, poderia continuar em funcionamento mesmo na falta de algumas de suas seções.

Um pequeno ônibus, com um tubo extensível, semelhante à tromba de um elefante, estava como que focinhando o exterior da espaçonave. Passados alguns instantes, ouviu-se uma série de ruídos do lado de fora, acompanhados do sibilar das conexões de ar enquanto era feito o acoplamento e equilibrada a pressão. A porta interna abriu-se e um comitê de recepção passou para o interior da nave.

O grupo era encabeçado por Ralph Halvorsen, administrador da Região Sul, que incluía não somente a Base como, também, qualquer expedição exploradora que daí partisse. Em sua companhia encontrava-se o seu cientista-chefe, Dr. Roy Michaels, bem como um geofísico baixinho e grisalho que Floyd já encontrara em visitas anteriores, além de uma meia dúzia de cientistas graduados e outros executivos. Saudaram-no com uma desopressão respeitosa. Todos, sem exceção, pareciam naturalmente ansiosos por compartilhar dos problemas que os afligiam.

— É um grande prazer tê-lo conosco, Dr. Floyd — disse Halvorsen. — Fez boa viagem?

— Excelente. Não poderia ter sido melhor. A tripulação tratou-me muito bem.

Trocaram mais algumas palavras de cortesia enquanto o ônibus se distanciava da nave. Por força de algum acordo implícito, ninguém se referiu à razão de sua visita. Após percorrer uns trezentos metros do ponto da alunissagem, o ônibus chegou junto a uma grande placa onde se lia:

BENVINDO À BASE CLAVIUS

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA

ASTRONÁUTICA DOS EUA 1994

Em seguida, o veículo mergulhou numa abertura que o levou rapidamente ao nível do subsolo. Uma porta maciça abriu-se diante deles, fechando-se logo em seguida à sua passagem. A mesma operação repetiu-se por três vezes. Quando a última porta foi fechada, ouviu-se um violento estrondo ocasionado pelo ar e lá estavam eles de volta à atmosfera, no ambiente informal da Base.

Depois de curta caminhada ao longo de um túnel cheio de cabos e tubulações, ecoando secamente com sons ritmados, chegaram ao território executivo e Floyd viu-se novamente no ambiente familiar das máquinas de escrever, computadores, secretárias, gráficos murais e tilintar de telefones. Ao chegarem diante de uma porta onde havia uma placa na qual se lia: ADMINISTRADOR, Halvorsen virou-se para o grupo dizendo com muita diplomacia:

— Dr. Floyd e eu estaremos na sala de reuniões dentro de alguns minutos.

Os demais logo compreenderam, murmuraram algo polidamente e afastaram-se ao longo do corredor. Mas, antes mesmo que Halvorsen conseguisse fazer Floyd entrar em seu escritório, houve uma interrupção. Uma porta foi aberta e uma pequenina criatura atirou-se sobre o administrador.

— Papai! Você esteve lá em cima! E olha que você tinha prometido me levar!

— Escute, Diana — começou Halvorsen carinhosamente, mas um tanto exasperado. — Eu apenas disse que a levaria se pudesse. Acontece que estive muito ocupado, recepcionando o Dr. Floyd. Cumprimente-o. Ele acaba de chegar da Terra.

A garotinha, que segundo calculava Floyd deveria ter uns oito anos, estendeu-lhe a mão. Seu rosto lhe era vagamente familiar e Floyd percebeu que o administrador o olhava com certo sorriso zombeteiro. Logo compreendeu a razão.

— Mas é incrível! Mal posso acreditar! — exclamou Floyd. — Quando estive aqui pela última vez ela era apenas um bebê.

— Pois é, ela fez quatro anos na semana passada — respondeu Halvorsen. — As crianças crescem depressa neste ambiente de baixa gravidade. Mas não envelhecem na mesma proporção e assim viverão mais do que nós. Floyd olhava fascinado para aquela criaturinha, com o seu corpinho bem feito e sua estrutura óssea muito delicada. — Prazer em revê-la, Diana — disse por fim. Em seguida, talvez movido pela simples curiosidade, ou quem sabe polidez, sentiu-se impelido a acrescentar: — Diga-me, você gostaria de ir para a Terra?

Seus olhos arregalaram-se de espanto e ela negou resolutamente, sacudindo a cabeça.

— É um lugar ruim. A gente se machuca quando cai. Além disso lá tem gente demais.

Floyd pensou com os seus botões: aí está um exemplo típico da primeira geração dos nascidos no espaço. Haverá muitos iguais a ela nos anos próximos. Apesar de uma certa tristeza, esse pensamento continha, também, uma grande esperança. Quando a Terra já estivesse tranqüila e dominada, e talvez um pouco cansada, haveria ainda possibilidades para os amantes da paz, para os pioneiros resolutos e os aventureiros incansáveis. Mas as suas ferramentas não mais seriam o machado e o canhão, a canoa e a carroça. Seriam, isso sim, usinas nucleares e ductos de plasma, bem como fazendas onde se cultivassem plantas sem uso de terra. Estava-se avizinhando a época em que a Terra, como todas as mães, se veria obrigada a despedir-se de seus filhos.

Usando de ameaças e promessas, Halvorsen acabou conseguindo afastar a garotinha e levou Floyd para o interior do seu escritório. Sua sala não tinha mais do que quatro e meio metros quadrados, porém, mesmo assim, conseguia conter todos aqueles apetrechos e símbolos que constituem os apanágios de um típico chefe de departamento com vencimentos de cinqüenta mil dólares anuais. Havia fotografias autografadas de políticos destacados, inclusive do Presidente dos Estados Unidos e do Secretário Geral das Nações Unidas, as quais adornavam uma das paredes, enquanto retratos dos mais importantes astronautas recobriam a maior parte das outras.

Floyd deixou-se cair numa confortável poltrona de couro e aceitou um cálice de xerez, brinde dos laboratórios selenitas de bioquímica.

— Como vão as coisas, Ralph? — perguntou, enquanto começava a bebericar cautelosamente o líquido, para logo depois dar mostras de apreço.

— Não posso dizer que estejam muito mal. Entretanto *há algo* que acho melhor que saiba antes de irmos até lá.

— Que é?

— Bem, acho que posso chamá-lo de problema de moral — declarou Halvorsen, suspirando.

— E então?

— Por enquanto ainda não é muito sério, mas está-se agravando rapidamente.

— Refere-se à falta de notícias...

— Isso mesmo. E isso está fazendo que o meu pessoal fique um tanto inquieto. Afinal, a maioria deles tem as suas famílias na Terra, as quais nesta altura provavelmente já devem imaginá-los todos exterminados em conseqüência de alguma praga lunar. — Sinto muito que as coisas tenham

chegado a esse ponto, mas a verdade é que não havia possibilidade de inventar qualquer outra história para encobrir os fatos. Até agora esta tem sido bastante convincente. A propósito, encontrei Moisevitch na Estação Espacial e até mesmo ele a engoliu. — Bem, acho que esta notícia fará a Segurança feliz.

— Sim, mas não completamente. Ele ouviu falar de AMT-1. Os boatos começam a se espalhar. Não estamos em condições, porém, de fazer qualquer declaração até que saibamos que espécie de coisa é e se por acaso os nossos amigos chineses estão por trás disso.

— O Dr. Michaels acha que tem uma explicação e está louco para revelárlhe o seu ponto de vista.

Floyd terminou a bebida.

— E eu confesso que estou louco para ouvir o que ele tem a me dizer. Vamos andando.

11. Anomalia

A reunião realizou-se numa ampla sala retangular que poderia abrigar facilmente umas cem pessoas. Estava equipada com o que havia de mais moderno em matéria de dispositivos ópticos e eletrônicos. Poderia ser considerada um modelo de sala típica de conferências, não fossem os seus inúmeros cartazes, fotografias de garotas, notícias — murais e pinturas de amadores, mostrando que aquele local era utilizado, também, como centro da vida cultural e social daquela gente. Uma das coisas que chamaram a atenção de Floyd foi a coleção de placas, cuidadosamente arrumadas, com dizeres tais como: FAVOR NÃO PISAR NA GRAMA, PROIBIDO ESTACIONAR EM DIAS PARES, PEDESE NÃO FUMAR, RUMO À PRAIA, GADO NA PISTA, ACOSTAMENTO, FAVOR NÃO ALIMENTAR OS ANIMAIS.

Se eram genuínas — o que tudo levava a crer —, então o seu transporte da Terra deveria ter custado uma pequena fortuna. Havia nelas algo de comovente: nesse mundo hostil os homens ainda podiam pilheriar com referência às coisas que tinham sido forçados a deixar para trás e que nunca chegariam a fazer falta aos seus filhos.

Uma audiência bastante numerosa, composta de, aproximadamente, umas quarenta a cinquenta pessoas, aguardava Floyd. Todos levantaram-se gentilmente à sua entrada em companhia do administrador. Enquanto cumprimentava alguns, cujas fisionomias familiares distinguiu no grupo, Floyd sussurrou a Halvorsen:

— Gostaria de dizer algumas palavras antes de mais nada.

Foi sentar-se na primeira fila, enquanto o administrador subia ao estrado e corria o olhar pelo auditório.

— Senhoras e senhores — começou Halvorsen. — Acho desnecessário lembrar-lhes a importância desta reunião. Estamos muito felizes por ter entre nós o Dr. Heywood Floyd. Conhecemos bem a sua fama e muitos dentre nós já tiveram a oportunidade de manter com ele contato pessoal. O Dr. Floyd acabou de completar um vôo especial, vindo da Terra, e, antes que comecemos a discussão do assunto que o trouxe ao nosso encontro, ele gostaria de lhes dirigir algumas palavras. Dr. Floyd, tenha a bondade.

Floyd subiu ao estrado em meio aos aplausos gerais e olhou para os ouvintes sorrindo e dizendo:

— Muito obrigado. Há apenas uma coisa que lhes desejo dizer. O presidente pediu que lhes transmitisse a sua admiração pelo importante trabalho que os senhores vêm realizando e que lhes dissesse da nossa esperança de que muito em breve isso seja reconhecido por todas as nações do mundo. Sei perfeitamente que alguns dos senhores — talvez a maioria — estão ansiosos para afastar o véu de mistério. Aliás, isso é próprio dos verdadeiros cientistas.

Olhou em direção ao Dr. Michaels, cuja fisionomia ligeiramente contraída deixava perceber uma extensa cicatriz no lado direito do rosto. Provavelmente fora resultado de algum acidente no espaço.

— Entretanto, gostaria de lembrar-lhes — continuou Floyd — que esta situação é extraordinária. É absolutamente necessário que os fatos sejam estabelecidos com segurança. Se cometermos erros agora, talvez não nos seja dada outra oportunidade. Portanto, peço-lhes apenas mais um pouco de paciência. É esse também o desejo do presidente. É só o que tinha a lhes dizer. Agora estou pronto a ouvir o seu relatório.

Retomou o seu lugar. O administrador agradeceu:

— Muito obrigado, Dr. Floyd. — Em seguida fez um sinal, um tanto brusco, ao seu cientista-chefe. Dr. Michaels subiu ao estrado e as luzes foram apagadas.

Uma fotografia da Lua apareceu na tela. Bem no centro do disco via-se a boca alva e brilhante de uma cratera e da qual emanava um estranho leque de raios. Parecia que um saco de farinha tinha sido jogado sobre a Lua, espalhando-se em todas as direções.

— Nesta foto — disse Michaels, indicando a cratera central — Tycho é perfeitamente visível, muito melhor do que quando observada da Terra. Vista daqui, de um ponto situado a mil e seiscentos quilômetros de distância, é fácil perceber como domina todo um hemisfério.

Deixou que Floyd examinasse aquele ângulo pouco familiar de uma visão bem conhecida e depois continuou:

— Durante este último ano viemos realizando um levantamento magnético da região. Tal levantamento foi concluído somente no mês passado e aqui está o resultado: o mapa que desencadeou todo o problema.

Outra foto surgiu na tela. Assemelhava-se a um mapa de curvas de nível, se bem que mostrasse intensidades magnéticas e não elevações acima do nível do mar. Em quase toda a sua extensão, as linhas eram aproximadamente paralelas e bem espaçadas, mas num dos cantos do mapa subitamente se amontoavam, formando uma série de círculos concêntricos, assemelhando-se ao desenho de um nó de madeira.

Qualquer olho pouco treinado seria capaz de ver que algo de estranho sucedera ao campo magnético da Lua naquela região. Ao pé do mapa, em grandes letras, liam-se as palavras: ANOMALIA MAGNÉTICA DE TYCHOUM (AMT-1).

— Inicialmente imaginamos que se tratava de um afloramento de rocha magnética, porém todas as provas de caráter geológico mostraram-se contrárias a essa suposição. Nem mesmo um vasto meteorito de níquel-ferro seria capaz de produzir um campo tão intenso como esse aí. Assim, decidimos que era preciso averiguar.

"A primeira expedição não conseguiu descobrir grande coisa — apenas o terreno habitual, recoberto por fina camada de poeira lunar. Fizeram penetrar uma perfuratriz no centro exato do campo magnético, com a finalidade de obter uma amostra para estudos. A seis metros de profundidade a perfuratriz estacou. Diante disso, os membros da expedição resolveram fazer escavações, o que, como sabem, não é tarefa fácil estando-se no interior de trajes espaciais.

"O que encontraram os trouxe apressadamente de volta à base. Enviamos então um grupo mais numeroso, com equipamento mais complexo.

Escavaram durante duas semanas e o resultado desse trabalho já é do conhecimento dos senhores."

Havia um ambiente de excitação e expectativa no interior da sala escura enquanto a foto da tela era trocada. Apesar de a imagem já ter sido vista inúmeras vezes, todos, sem exceção, inclinaram-se para diante, como que na esperança de vislumbrar algum pormenor adicional que lhes tivesse escapado. Tanto na Terra como na Lua, havia menos de cem pessoas que tinham tido a oportunidade de ver aquela fotografia.

A imagem mostrava um homem, vestindo um traje espacial vermelho e amarelo, em tons vivos, em pé, no fundo de uma escavação, empunhando um marco graduado em decímetros. Evidentemente, tratava-se de uma fotografia noturna, a qual poderia ter sido feita em qualquer ponto da Lua ou de Marte. Porém até então nenhum planeta havia oferecido uma cena como aquela.

O objeto junto ao qual posava o homem era uma espécie de laje vertical, de material negro, com aproximadamente três metros de altura por um metro e meio de largura. Aquilo lembrou a Floyd, de maneira um tanto tétrica, uma gigantesca lápide tumular. Era perfeitamente regular, simétrica e com ângulos retos. Seu negrume era tal que parecia ter absorvido toda a luz que sobre ela incidia. Não era possível distinguir-se qualquer pormenor de sua superfície. Não se poderia nem mesmo dizer se o material era pedra, metal ou plástico — ou então, alguma substância completamente desconhecida do homem.

— AMT-1 — declarou o Dr. Michaels, em tom solene e quase reverente. — Parece nova em folha, não é mesmo? Compreendo perfeitamente que alguns pensassem que o objeto tivesse apenas uns poucos anos de idade e tentassem relacioná-lo com a Terceira Expedição Chinesa realizada em 1998. Eu, porém, jamais cheguei a acreditar nisso e agora já nos é possível estabelecer com precisão a sua época, baseando-nos em provas de caráter geológico.

"Os meus colegas e eu, Dr. Floyd, estamos dispostos a arriscar a nossa reputação neste caso. A AMT-1 não tem nada a ver com os chineses. Na realidade, não tem qualquer relação com a espécie humana, já que na época em que foi enterrada os seres humanos nem sequer existiam.

"Acontece que a sua idade é de aproximadamente três milhões de anos, Dr. Floyd. O senhor está agora diante da primeira prova de vida inteligente, de caráter extraterrestre!"

12. Viagem sob a luz da Terra

ZONA DA MACROCRATERA: Estende-se ao sul das proximidades do centro da face visível da Lua e a leste da Região da Cratera Central. Conta com grande número de crateras formadas sob impacto, diversas entre elas de grande extensão, incluindo-se a maior da Lua. Ao norte, algumas das crateras fraturaram-se sob o impacto, dando origem ao Mare Imbrium. Superfícies irregulares e agrestes por toda parte, excetuando-se apenas o fundo de algumas crateras. A maior parte das superfícies apresenta-se sob a forma de rampas, geralmente com inclinações de 10 a 12 graus. Alguns fundos das crateras são de nível.

DESEMBARQUE E LOCOMOÇÃO: Desembarque geralmente difícil, em virtude da existência das superfícies acidentadas e rampadas. Mais acessível em alguns fundos das crateras, que se apresentam de nível. A locomoção é possível em quase toda a parte, sendo contudo imprescindível a seleção prévia de rotas. Mais acessível no fundo de algumas crateras.

CONSTRUÇÃO: De um modo geral um tanto difícil, em consequência das rampas e dos numerosos e volumosos blocos de material disperso. Escavação de lava difícil no fundo de algumas crateras.

TYCHO — Cratera Pós-Maria, 86 quilômetros de diâmetro, boca situada a 2 370 metros acima das demais, fundo com 3 600 metros de profundidade. Possui o mais destacado sistema de radiação de toda a Lua, sendo que alguns dos raios se estendem por mais de 800 quilômetros.

(Extrato do *Engineer Special Study of the Surface of the Moon*, ofício do chefe de Engenharia, Departamento do Exército, Levantamento Geológico dos Estados Unidos, Washington, 1961.)

O laboratório móvel que se deslocava através da planície da cratera, a oitenta quilômetros por hora, tinha o aspecto de um *trailer* de proporções um tanto avantajadas, montado sobre oito rodas flexíveis. Na realidade, porém, era bem mais do que isso: tratava-se de uma base auto-suficiente, onde vinte homens poderiam viver e trabalhar por diversas semanas. Uma espaçonave com capacidade de deslocar-se igualmente sobre a superfície e que, numa emergência, seria capaz de alçar vôo. Ao aproximar-se de uma fissura ou um desfiladeiro, demasiado extenso para ser contornado ou por demais íngreme

para que se pudesse penetrar em seu interior, seria capaz de pular por cima do obstáculo acionada por seus quatro jatos.

Ao olhar para fora da janela, Floyd pôde avistar uma trilha bem definida, onde inúmeros veículos haviam deixado marcas sobre a superfície friável da Lua. A intervalos regulares, ao longo do caminho, viam-se postes altos e delgados, cada qual encimado por uma luz que piscava. Ninguém poderia perder-se no caminho que levava da Base Clavius para a AMT-1, mesmo que fosse de noite, faltando ainda diversas horas para o alvorecer.

As estrelas no céu pareciam um pouco mais brilhantes ou mais numerosas do que as visíveis em noite clara nos planaltos do Novo México ou Colorado. Havia, porém, duas coisas naquele céu negro que serviam para desfazer qualquer ilusão de semelhança com a Terra.

Em primeiro lugar, a própria Terra, pendendo brilhante acima do horizonte setentrional. A luz que emanava daquele meio globo gigante era muitas vezes mais intensa do que a da lua cheia e inundava toda a superfície com uma fosforescência fria, de um azul esverdeado.

A segunda aparição celestial era um cone de luz, fraco e perolado, parecendo inclinar-se no céu oriental. Sua luz tornava-se mais brilhante à medida que se aproximava do horizonte, dando a impressão de fogos intensos ocultos por trás do limiar da Lua. Sua polidez era gloriosa, jamais avistada por qualquer homem na Terra, exceto nos raros momentos de um eclipse total. Tratava-se da corona arauto do alvorecer lunar, avisando que não tardaria muito para que o Sol começasse a banhar aquele solo adormecido.

Floyd estava sentado em companhia de Halvorsen e Michaels, bem na frente, no posto de observação logo abaixo do chofer. Sentia que os seus pensamentos voltavam-se constantemente para aquela porta de três milhões de anos que acabara de se abrir diante dele. Como todos os cientistas, estava habituado a levar em consideração períodos de tempo ainda maiores, porém sempre referindo-se aos movimentos das estrelas e aos lentos ciclos universais. Mente ou inteligência não eram levadas em consideração, uma vez que tais eras estavam destituídas de tudo o que se referisse a emoções.

Três milhões de anos. O movimentado panorama da história escrita, com todos os seus impérios e seus reis, seus triunfos e suas tragédias, cobria apenas um milésimo desse período aterrador. Não somente o próprio Homem, como, também, a maioria dos animais agora existentes na Terra nem

sequer existiam quando esse enigma negro tinha sido tão cuidadosamente enterrado naquele local, no coração da mais brilhante e espetacular de todas as crateras da Lua.

O fato de que fora enterrado propositadamente era coisa de que o Dr. Michaels não tinha qualquer dúvida. Explicou ele:

— Inicialmente tive esperanças que se destinasse a determinar o local de alguma estrutura subterrânea, porém as nossas escavações posteriores eliminaram tal hipótese. Está pousada sobre ampla plataforma do mesmo material negro, com rocha virgem debaixo dela. As *criaturas* responsáveis pelo objeto queriam ter a certeza de sua estabilidade e de sua resistência aos tremores lunares. Construíram-na para atravessar a eternidade.

A voz de Michaels continha um tom de triunfo e, também, de tristeza. Floyd era perfeitamente capaz de participar dessas suas emoções. Por fim, uma das mais antigas indagações humanas havia sido respondida: lá estava a prova, sem deixar sombra de dúvida, de que a sua não era a única manifestação de inteligência já surgida no Universo. Mas, diante desse conhecimento, surgia novamente uma sensação dolorosa da imensidão do Tempo. Qualquer coisa que tivesse passado por ali teria antecipado a Humanidade por cem mil gerações. Afinal, talvez isso fosse justo, pensou Floyd consigo mesmo. E, no entanto, quantas coisas poderíamos aprender junto a criaturas capazes de cruzar o espaço em épocas em que os nossos longínquos ancestrais ainda viviam em árvores.

Algumas centenas de metros adiante surgiu uma placa, tendo por fundo o surpreendente horizonte próximo da Lua. Em sua base havia uma espécie de estrutura, com formato de tenda, recoberta de folha metálica, prateada e brilhante, obviamente destinada à proteção contra o terrível calor diurno. Enquanto o ônibus passava ao largo, Floyd pôde ler sob a clara luz da Terra:

POSTO DE EMERGÊNCIA Nº 3

30 quilos de Lox (oxigênio líquido) 10 quilos de água 20 pacotes de alimento Mk 4 1 estojo de ferramentas Tipo B 1 conjunto para reparos no traje TELEFONE!

— Chegou a levar em conta essa possibilidade? — perguntou Floyd, apontando para fora da janela.

— Talvez a coisa pudesse ser um local para guarda de material, deixado

por alguma expedição que não mais retornou.

— É uma possibilidade — admitiu Michaels. — O campo magnético determinaria com precisão o local, facilitando encontrarem-no. Contudo, é um tanto pequeno e não poderia abrigar muita coisa.

— Por que não? — interferiu Halvorsen. — Quem poderá dizer qual seria o tamanho desses seres? Talvez não tivessem mais de quinze centímetros de altura e, assim, em relação a eles, o objeto teria vinte ou trinta andares.

Michaels sacudiu negativamente a cabeça.

— Isso está fora de cogitação — protestou. — Não há possibilidade de existirem criaturas tão diminutas dotadas de inteligência. É preciso que para isso o cérebro tenha pelo menos uma dimensão mínima.

Floyd percebeu que Michaels e Halvorsen geralmente defendiam opiniões contrárias, contudo, aparentemente não havia hostilidade ou desentendimento entre ambos. Pareciam respeitar-se mutuamente, simplesmente concordando ou discordando, conforme o caso.

De um modo geral, era evidente a existência de enorme divergência quanto à natureza da AMT-1, ou Monólito Tycho, conforme alguns preferiam chamar o objeto. Nas seis horas que haviam sucedido à sua descida na Lua, Floyd já tivera oportunidade de ouvir pelo menos uma dúzia de teorias diferentes, sem contudo fixar-se em qualquer delas. Santuário, marco de expedição, sepultura, instrumento geofísico, eram essas apenas algumas das inúmeras versões. Alguns dos seus defensores tornavam-se até exaltados ao apresentar argumentos favoráveis às suas teorias. Diversas apostas já haviam sido feitas e grandes somas de dinheiro trocariam de mãos quando a verdade finalmente fosse conhecida — se é que isso, algum dia, acontecesse. Até então, o duro e negro material da laje havia resistido a todas as tentativas feitas por Michaels e seu grupo, visando à obtenção de amostras. Eles não tinham dúvidas de que um raio laser seria capaz de penetrar o material, já que certamente não havia ainda nada capaz de Resistir àquela terrível concentração de energia. Contudo, a decisão de utilizar medidas tão drásticas seria deixada a critério de Floyd. Ele já havia decidido que os raios x, investigações sônicas, fâcos de nêutrons e todos os demais meios não-destrutivos seriam utilizados antes de se apelar para a artilharia pesada do raio laser. Seria prova de barbarismo a destruição de alguma coisa que não se conseguia compreender. De onde poderiam ter vindo as tais criaturas? Da própria Lua? Isso era totalmente impossível. Se em alguma ocasião tivesse existido vida naquele mundo estéril, essa teria sido destruída por ocasião da

derradeira formação de crateras, quando a maior parte da superfície lunar estivera em estado incandescente.

Da Terra? Pouco provável, ainda que não completamente impossível. Qualquer civilização terrestre avançada — presumivelmente não humana — da era plistocena teria deixado inúmeros outros traços de sua existência. Certamente já se saberia tudo a seu respeito, muito antes mesmo de atingir a Lua.

Com isso, sobravam apenas duas alternativas: os planetas e as estrelas. Entretanto, havia toda uma série de provas, refutando a existência de vida inteligente fora dos limites do sistema solar — ou melhor, até mesmo qualquer espécie de vida exceto na Terra e em Marte. Os planetas internos eram demasiado quentes e os externos eram por demais frios, a menos que se penetrasse nas profundezas de suas atmosferas onde as pressões alcançavam centenas de toneladas por polegada quadrada.

Talvez os tais visitantes tivessem vindo das estrelas, mas tal hipótese era ainda mais inacreditável. Ao contemplar as constelações que salpicavam aquele céu de ébano, Floyd lembrou-se da freqüência com que os seus colegas cientistas "provavam" que as viagens interestelares eram impraticáveis. A viagem da Terra à Lua ainda era bastante impressionante e, no entanto, a mais próxima das estrelas ficava cem milhões de vezes mais distante... especulações a esse respeito constituíam perda de tempo. Era preciso esperar até que dispusessem de outras provas.

— Favor atar seus cintos de segurança e prender todos os objetos soltos — anunciou de súbito o alto-falante da cabina. — Estamos aproximando-nos de uma rampa de quarenta graus.

Dois postes de marcação, com luzes que piscavam, haviam surgido no horizonte e agora o ônibus passava entre eles. Floyd acabara de prender o cinto, quando o veículo atingiu o limiar de uma inclinação realmente assustadora, começando a descer uma rampa longa, recoberta de cascalho, tão íngreme quanto o telhado de uma casa. A luz da Terra, às suas costas, passou a fornecer agora pouca iluminação e os faróis do ônibus tiveram que ser acesos. Muitos anos antes, Floyd estivera no topo do Vesúvio, olhando para o interior de sua cratera e, agora, tinha a impressão de estar penetrando em suas entranhas, sensação essa que não lhe era muito agradável.

Estavam descendo um dos terraços internos de Tycho e voltaram ao nível algumas centenas de metros mais abaixo. Durante a descida, Michaels apontou para a extensa planície que se descortinava abaixo deles. — Lá

estão eles! — exclamou. Floyd acenou com a cabeça, pois já tinha percebido as luzes vermelhas e verdes a muitos quilômetros de distância e mantinha os olhos fixos nas mesmas enquanto o ônibus continuava a deslocar-se suavemente. Evidentemente, o grande veículo estava sendo controlado com bastante precisão, mas Floyd não respirou aliviado enquanto não sentiu que alcançavam terreno mais firme. Já podia avistar, brilhando como se fossem bolhas prateadas sob a luz da Terra, um grupo de cúpulas de pressão, abrigos temporários para os que trabalhavam no local. Nas proximidades das mesmas havia uma torre de rádio, uma perfuratriz, alguns veículos estacionados e uma grande pilha de rocha quebrada, provavelmente o material que tinha sido retirado das escavações que haviam descoberto o monólito. Esse diminuto campo, em meio ao ermo, tinha aspecto solitário, muito vulnerável às forças da natureza ao seu redor. Não havia sinal de vida e nenhum indício que justificasse o deslocamento de homens e equipamentos até aquele ponto longínquo.

— Já se pode ver a cratera — comentou Michaels. — Ali, à direita, a uns cem metros da antena de rádio.

"Quer dizer que é isto", pensou Floyd, enquanto o ônibus ultrapassava as cúpulas de pressão e acercava-se da boca da cratera. Sentiu que seu pulso se tornava mais rápido enquanto se inclinava para a frente a fim de dispor de melhor visão. O veículo iniciou nova descida cautelosa, em direção ao interior da cratera. E lá, exatamente como vira na fotografia, estava a AMT-1.

Floyd olhava, piscava, sacudia a cabeça e tornava a olhar. Mesmo sob a brilhante luz, era difícil distinguir claramente o objeto. A primeira impressão era a de um retângulo plano, que poderia ter sido recortado em papel-carbono, aparentemente sem qualquer espessura. É claro que se tratava de ilusão de óptica. Apesar de estar diante de um objeto sólido, refletia tão pouca luz que não lhe era possível distinguir mais que a sua silhueta.

Os passageiros permaneceram em silêncio, enquanto o ônibus descia para o interior da cratera. Havia temor e, também, incredulidade. Era difícil crer que justamente a Lua, entre todos os mundos, pudesse ter revelado aquela surpresa fantástica.

O ônibus parou a uns seis metros de distância da laje, numa posição que permitiu um bom ângulo visual a todos os passageiros. Além do formato perfeito da coisa, pouco mais havia para se ver. Não existia nenhuma marca em sua superfície ou qualquer variação em seu negrume de ébano. Parecia a

própria materialização da noite. Por alguns momentos Floyd ficou imaginando se havia a possibilidade de ser aquilo alguma extraordinária formação natural resultante das incandescências e pressões reinantes por ocasião da formação da Lua. Entretanto, sabia perfeitamente que tal hipótese, além de remota, já havia sido aventada, examinada meticulosamente e finalmente afastada.

Obedecendo a algum sinal, foram acesos holofotes ao redor da boca da cratera e a luz da Terra foi ofuscada por um brilho ainda mais intenso. No vácuo lunar é evidente que os fachos eram completamente invisíveis, formando apenas elipses de brancura ofuscante, centralizadas no monólito. Ao atingirem aquela superfície negra, pareciam ser devoradas por ela.

Floyd sentiu que um estranho pressentimento o invadia. Estavam diante da caixa de Pandora, prestes a ser aberta pelo Homem. Que encontrariam em seu interior?

13. O lento alvorecer

A principal entre as cúpulas de pressão, próximas à AMT-1, tinha apenas seis metros de diâmetro e o seu interior estava desagradavelmente cheio. O ônibus, acoplando-se a ela, por meio de uma das câmaras de compressão, proporcionou algum espaço extra, formando como que uma espécie de sala de estar.

No interior desse balão hemisférico, de dupla parede, viviam, trabalhavam e dormiam os seis cientistas e técnicos então engajados em caráter permanente naquele projeto. Abrigava, igualmente, todo o seu equipamento e instrumentos que não poderiam ficar expostos ao vácuo exterior, bem como material de cozinha, lavagem, instalações sanitárias, além de inúmeras amostras geológicas e um pequeno receptor de TV, por meio do qual o lugar podia ser mantido sob constante vigilância.

Floyd não ficou surpreso quando Halvorsen declarou que preferia permanecer no interior da cúpula. Sua franqueza foi realmente admirável.

— Considero os trajes espaciais como sendo um mal necessário — explicou o administrador. — Visto um desses quatro vezes por ano, apenas

por ocasião dos meus exames trimestrais. Se não se importar, eu ficarei por aqui, olhando pela TV.

Em parte, esse seu preconceito era injustificado, já que os modelos mais recentes eram infinitamente mais confortáveis do que os trajes desajeitados, semelhantes a armaduras, que tinham sido utilizados nos primórdios da exploração lunar. Agora já poderiam ser vestidos em menos de um minuto, até mesmo sem qualquer auxílio, pois eram totalmente automáticos. O Mk v, dentro do qual Floyd agora estava encerrado, protegeria-o com segurança contra qualquer dano que a Lua lhe pudesse causar, tanto de dia quanto durante a noite.

Acompanhado pelo Dr. Michaels, penetrou na pequena câmara de compressão. Quando a palpitação das bombas desapareceu, o seu traje retesouse quase imperceptivelmente em volta do seu corpo e Floyd sentiu que estava sendo envolvido pelo silêncio reinante no vácuo.

Tal silêncio foi, contudo, logo interrompido pelo som do receptor de rádio no interior de sua vestimenta espacial.

— A pressão está O.K., Dr. Floyd? Está conseguindo respirar normalmente?

— Sim, estou ótimo.

Seu companheiro verificou meticulosamente os mostradores e calibradores no exterior do traje de Floyd. Em seguida voltou a falar:

— Muito bem, agora vamos.

A porta externa foi aberta e o panorama poeirento da Lua descortinou-se diante dele, bruxuleando sob a luz da Terra.

Com movimentos cautelosos e oscilantes, Floyd seguiu Michaels através da comporta. Não era difícil caminhar. Na realidade, o que poderia parecer paradoxal, o traje fazia que ficasse mais à vontade do que em qualquer outro momento desde a sua chegada à Lua. Aquele peso adicional e a leve resistência que impunha ao seu deslocamento restituíam-lhe, em parte, a ilusão da gravidade terrestre perdida.

A cena se alterara desde a chegada do grupo, aproximadamente uma hora antes. Apesar de as estrelas e de o meio globo continuarem ainda tão luminosos como antes, a noite lunar, com os seus catorze dias de duração, chegava ao fim. O brilho da corona parecia um falso nascer da Lua no céu oriental. Subitamente, sem qualquer aviso prévio, a extremidade superior da antena de rádio, a trinta metros de altura acima da cabeça de Floyd, pareceu inflamar-se ao captar os primeiros raios de sol.

Ficaram aguardando, enquanto o supervisor do projeto e dois de seus

assistentes surgiam igualmente através da comporta. Então, todos caminharam vagarosamente em direção à cratera. Ao chegarem, avistaram acima do horizonte oriental um arco de extraordinária incandescência. Apesar de que ainda levaria mais de uma hora até o aparecimento do Sol, em virtude da rotação muito lenta da Lua, as estrelas já haviam desaparecido.

A cratera continuava mergulhada em sombras, porém os holofotes instalados ao redor de sua boca iluminavam intensamente o seu interior. Floyd descia lentamente pela rampa, rumo àquele retângulo negro, enquanto um sentimento de respeito e, também, de importância começava a tomar conta de sua pessoa. Naquele local, nos próprios portais da Terra, o Homem via-se face a face com um mistério que talvez jamais fosse solucionado. Três milhões de anos antes, *alguma coisa* havia passado por ali, deixando atrás de si aquele símbolo misterioso e talvez impenetrável, retornando em seguida aos planetas — ou às estrelas.

O receptor do traje de Floyd interrompeu suas divagações.

— Aqui fala o supervisor do projeto. Gostaríamos que se pusessem todos em fila, deste lado, para que possamos bater algumas fotografias. Dr. Floyd, queira, por favor, ficar no meio. Aqui, Dr. Michaels, muito obrigado.

Ninguém, a não ser Floyd, pareceu achar qualquer graça naquilo. Era obrigado a admitir, com toda a honestidade, que estava contente por alguém ter-se lembrado de trazer a máquina fotográfica. Aquela foto certamente se tornaria histórica e ele pediria algumas cópias. Esperava que pudesse ser facilmente identificável pelo capacete do traje.

— Muito obrigado, cavalheiros — disse o fotógrafo depois que posaram diante do monólito para uma dúzia de chapas. — Vamos pedir à seção fotográfica da Base que lhes envie cópias.

Em seguida, Floyd passou a dedicar toda a sua atenção à laje negra — caminhando ao seu redor, examinando-a de todos os ângulos possíveis, tentando gravar na sua mente a estranheza do objeto. Não esperava descobrir nada de novo, pois sabia que cada centímetro quadrado de sua superfície já tinha sido examinado com cuidado microscópico.

O Sol, vagaroso, já surgira acima da boca da cratera e os seus raios iluminavam a face oriental do bloco. Mesmo assim este parecia absorver toda e qualquer partícula de luz incidente.

Floyd resolveu fazer uma experiência elementar: colocou-se entre o monólito e o Sol, fixando o olhar à procura de sua própria sombra, que deveria projetar-se sobre a lisa superfície negra. Entretanto, não havia

qualquer vestígio de sombra. Pelo menos dez quilowatts de calor bruto deveriam estar incidindo sobre a laje. Se houvesse algo em seu interior, àquela altura já deveria estar cozinhando rapidamente.

Que sensação estranha, pensou Floyd, estar ali, em pé, enquanto essa coisa avistava a luz do dia pela primeira vez desde o início das eras glaciais na Terra. Voltou novamente a sua atenção para a sua cor negra. Era essa, evidentemente, a ideal para a absorção de energia solar. Mas logo afastou esse pensamento. Quem seria suficientemente louco para enterrar um dispositivo acionado por energia solar a seis metros de profundidade no solo?

Levantou os olhos em direção à Terra que começava a desaparecer no céu matinal. Somente um pequeno punhado dos seus seis bilhões de habitantes tinha conhecimento daquela descoberta. Como reagiria o mundo diante dessas notícias quando as mesmas fossem finalmente divulgadas?

As implicações políticas e sociais eram imensas. Qualquer pessoa dotada de inteligência, qualquer um, enfim, que visse um palmo diante do seu nariz, sentiria necessidade de reformular sua vida, seus valores e sua filosofia. Mesmo que nada fosse desvendado com referência à AMT-1 e que essa continuasse como um mistério eterno, o Homem saberia que não era o único no Universo. Apesar de decorridos milhões de anos, os seres que ali haviam estado ainda poderiam retornar. E, se aqueles não retornassem, poderia perfeitamente haver outros. Todas as especulações futuras teriam que incluir essa possibilidade.

Floyd continuava imerso nesses pensamentos quando o receptor no interior de seu capacete emitiu um guincho eletrônico penetrante, como que um sinal muito sobrecarregado e distorcido. Instintivamente, tentou tapar os ouvidos com as mãos cobertas pelo traje espacial. Logo, porém, recobrou o seu autodomínio e começou a buscar ansiosamente os controles do seu receptor. Antes que conseguisse o seu intento, houve mais quatro desses ruídos provenientes do éter e, por fim, fez-se um silêncio misericordioso.

Em volta da cratera, as pessoas pareciam ter ficado paralisadas, permanecendo de pé, em atitudes que demonstravam o seu espanto. Floyd compreendeu então que não se tratava de defeito em seu equipamento. Todos os demais haviam percebido aqueles mesmos gritos eletrônicos.

Decorridos três milhões de anos na escuridão, a AMT-1 saudara a aurora lunar.

14. A escuta

Distante cento e sessenta milhões de quilômetros de Marte, nas regiões ermas e geladas, onde ainda nenhum homem penetrara, o Deep Space Monitor 79 perambulava lentamente, em meio às emaranhadas órbitas dos asteróides. Vinha desempenhando com impecável precisão a sua missão, iniciada há três anos, como um tributo aos cientistas americanos que o haviam planejado, os engenheiros britânicos responsáveis por sua construção e os técnicos russos que o haviam lançado ao espaço. Uma delicada teia de aranha, formada pelas suas antenas, classificava as ondas de rádio, aquele incessante estalar e sibilar que, em época muito remota e simplista, Pascal já denominara ingenuamente de "silêncio do espaço infinito". Detectores de radiação anotavam e analisavam os raios cósmicos incidentes provenientes da galáxia e exteriores à mesma. Telescópios de nêutrons e raios x vigiavam as estrelas que nenhum olho humano jamais avistaria. Magnetômetros observavam os ventos e furacões solares, enquanto o Sol soprava o seu plasma em direção aos filhos ao seu redor. Todas essas coisas, além de muitas outras, eram pacientemente anotadas pelo Deep Space Monitor 79, sendo gravadas em sua memória cristalina.

Uma de suas antenas, considerada verdadeira maravilha eletrônica, mantinha-se constantemente voltada para um ponto não muito distante do Sol. De meses em meses o seu alvo distante poderia ser visto, se por acaso houvesse por ali algum olho para fazê-lo. Aparecia sob a forma de uma estrela brilhante, acompanhada por uma vizinha próxima, mais pálida. Entretanto, na maior parte do tempo, ficava oculta em meio ao fulgor solar.

A cada vinte e quatro horas o monitor enviaria para o distante planeta Terra as informações reunidas pacientemente e condensadas numa pulsação de cinco minutos. Aproximadamente um quarto de hora mais tarde, viajando à velocidade da luz, aquela pulsação alcançaria o seu destino. Os mecanismos encarregados de recebê-la estariam a postos. Seria então ampliada, gravada e acrescentada, em seguida, aos milhares de quilômetros de fita magnética já armazenados nos centros espaciais localizados em Washington, Moscou e

Camberra.

Desde que os primeiros satélites haviam entrado em órbita, quase cinquenta anos antes, trilhões ou quatrilhões de informações vinham sendo fornecidas pelo espaço, armazenadas à espera do dia em que viessem a ser solicitadas para o enriquecimento do conhecimento humano. Talvez apenas uma ínfima fração chegasse a ser utilizada. Entretanto, não havia meio de estabelecer qual a espécie de informação que um cientista poderia desejar consultar, dez, cinquenta ou até cem anos mais tarde. Dessa forma, tudo aquilo deveria ser catalogado e guardado nas infindáveis galerias refrigeradas, triplicado para fornecimento aos três centros, como medida de precaução, na hipótese de uma perda acidental. Esse material fazia parte do verdadeiro Tesouro da humanidade, sendo mais valioso do que todo o ouro tão inutilmente estocado nos cofres dos bancos.

Foi então que o Deep Space Monitor 79 percebeu algo de estranho: uma perturbação ligeira, porém perceptível, que atravessava o sistema solar, sendo totalmente diversa de todo e qualquer outro fenômeno natural observado até então. Automaticamente gravou a sua direção, o tempo e a intensidade. Em algumas horas, a informação seria fornecida à Terra.

O mesmo faria o Orbiter M 15, que dava a volta a Marte duas vezes por dia. E, também, o High Inclination Probe 21, deslizando lentamente acima do plano da eclíptica. E até mesmo o Artificial Comet 5, no despovoado frio além de Plutão, numa órbita cujo ponto extremo não chegaria a atingir nos próximos mil anos. Todos perceberam aquela estranha explosão de energia que atingira os seus instrumentos e, todos, oportunamente, forneceram automaticamente a informação aos depósitos de memória no longínquo planeta Terra.

Os computadores talvez jamais chegassem a perceber a correlação existente entre esses quatro conjuntos peculiares de sinais, provenientes de instrumentos experimentais deslocando-se no espaço, distante um do outro milhões de quilômetros em órbitas totalmente independentes. Mas o prognosticador de radiação, em Goddard, assim que pôs os olhos em seu relatório matinal, percebeu que algo de estranho acontecera no sistema solar naquelas últimas vinte e quatro horas.

Dispunha apenas de parte da pista, porém, quando o computador projetou o problema no Quadro de Situação dos Planetas, tudo surgiu tão claro e inconfundível como se fosse uma esteira de fumaça atravessando um céu sem nuvens ou então uma sucessão de pegadas solitárias num campo recoberto de

neve virgem. Algum padrão imaterial de energia, lançando um fecho de radiação comparável à espuma deixada para trás por uma lancha de corridas, tinha emanado da face da Lua e se dirigia rumo às estrelas.

III. ENTRE PLANETAS

15. O Discovery

Trinta dias haviam passado desde que a nave deixara a Terra, porém David Bowman achava difícil, às vezes, acreditar que jamais tivesse experimentado qualquer outra espécie de vida além daquele pequeno mundo do Discovery. Todos os seus anos de treinamento, todas as suas missões anteriores, com destino à Lua e Marte, pareciam agora pertencer a um outro indivíduo, em alguma outra existência.

Frank Poole admitia compartilhar esses mesmos sentimentos e, às vezes, costumava lamentar jocosamente que o mais próximo psiquiatra se encontrasse distante algumas centenas de milhões de quilômetros. Todavia, tais sentimentos de isolamento e alienação eram facilmente compreensíveis e não indicavam de modo algum qualquer espécie de anormalidade. Nos cinquenta anos que haviam decorrido, desde que o homem pela primeira vez se lançara ao espaço, nunca houvera qualquer missão como aquela de que estavam participando.

A mesma fora iniciada cinco anos antes, sob a denominação de Projeto Júpiter — a primeira viagem tripulada rumo ao maior dos planetas. A nave já estava quase pronta para iniciar a viagem de dois anos, quando algo aconteceu, fazendo que o caráter da missão fosse modificado abruptamente.

O Discovery ainda se dirigiria para Júpiter, porém não mais se deteria ali. Nem mesmo chegaria a diminuir a velocidade ao atravessar o seu sistema de satélites. Pelo contrário, utilizaria o seu campo gravitacional como uma espécie de estilingue que lançaria a nave ainda mais longe do Sol. À guisa de um cometa se dirigiria para as regiões extremas do sistema solar, até atingir o seu alvo: Saturno e sua gloriosa corte de anéis. E de lá jamais retornaria.

Para o Discovery aquela seria uma viagem sem volta. Entretanto, não havia qualquer intenção suicida da parte dos seus tripulantes. Se tudo corresse de

acordo com os planos, estariam de volta à Terra decorridos sete anos, cinco dos quais escoariam com rapidez, uma vez que estariam mergulhados no sono desprovido dos sonhos da hibernação, à espera do salvamento que seria feito pela nave Discovery II, ainda a ser construída.

A palavra "salvamento" era cautelosamente evitada em todos os comunicados e documentos das agências de Astronáutica, já que o seu uso poderia induzir à idéia de alguma falha no planejamento. Dessa forma, o termo aprovado tinha sido "resgate". Se alguma coisa corresse mal, certamente estariam desfeitas quaisquer esperanças de salvamento naquele ponto, distante bilhões de quilômetros da Terra.

Tratava-se de um risco calculado, como é o caso de todas as viagens rumo ao desconhecido. Entretanto, meio século de pesquisas havia demonstrado que a hibernação humana, induzida artificialmente, era perfeitamente segura, abrindo novas possibilidades para as viagens espaciais. Contudo, até o início daquela missão, jamais tinha sido utilizada em sua plenitude.

Os três membros da expedição, que não seriam necessários até que a nave penetrasse em sua órbita definitiva em volta de Saturno, dormiriam durante toda a viagem de ida. Dessa forma, poderia ser feita grande economia de alimentos e diversos outros itens. Além disso, fato de igual importância, o grupo estaria repousado e alerta, sem ter sofrido as fadigas da viagem de dez meses, quando chegasse o momento de entrar em ação.

O Discovery penetraria numa órbita permanente ao redor de Saturno, transformando-se em nova lua do gigantesco planeta. Oscilaria ao longo de uma elipse de três milhões e duzentos mil quilômetros, que o levaria até as proximidades de Saturno e, então, através das órbitas de suas luas principais. Os seus ocupantes disporiam de cem dias, durante os quais traçariam mapas e estudariam aquele mundo cuja área é oitenta vezes maior que a da Terra, rodeado pelo menos por quinze satélites conhecidos, um dos quais do tamanho do planeta Mercúrio.

Certamente esse mundo seria capaz de oferecer maravilhas suficientes para ocupar séculos de estudos. Contudo, a primeira expedição limitar-se-ia a um reconhecimento preliminar. Tudo o que descobrissem seria enviado para a Terra e, dessa forma, mesmo que os exploradores jamais chegassem a ser encontrados, as suas descobertas não estariam perdidas.

Ao fim dos cem dias, o Discovery cessaria as suas atividades. Sua

tripulação começaria a hibernar. Somente os sistemas essenciais seriam mantidos em funcionamento, vigiados pelo incansável cérebro eletrônico da nave. Continuaría a oscilar ao redor de Saturno, numa órbita já então perfeitamente determinada, de modo que seria possível marcar com exatidão o ponto em que se encontrava num determinado momento, até mesmo mil anos mais tarde. Porém, decorridos apenas cinco anos, de acordo com os planos, o Discovery II seria enviado ao seu encontro. Mesmo que passassem seis, sete, ou até oito anos, seus passageiros adormecidos não perceberiam qualquer diferença. Para todos eles, o relógio teria parado — como, aliás já tinha acontecido com Whitehead, Kaminski e Hunter.

Às vezes, Bowman, na qualidade de primeiro comandante do Discovery, chegaria a invejar os seus três colegas inconscientes na paz gelada do Hibernaculum. Estavam livres de todos os problemas e responsabilidades. Até que alcançassem Saturno, o mundo exterior para eles não existiria.

Mas este mundo os vigiava por meio dos seus dispositivos biossensores. Ocultos em meio ao instrumental do quadro de controles, havia cinco pequenos painéis marcados com os nomes: HUNTER, WHITEHEAD, KAMINSKI, POOLE, BOWMAN. Os dois últimos estavam ainda em branco e imóveis. Só entrariam em funcionamento dentro de um ano. Os demais ostentavam verdadeiras constelações de pequeninas luzes verdes, anunciando que tudo estava em ordem. Em cada um deles havia uma pequenina tela, sobre a qual conjuntos de linhas luminosas traçavam os ritmos lentos referentes ao pulso, respiração e atividade cerebral. Havia ocasiões em que Bowman, apesar de saber ser aquilo perfeitamente desnecessário, uma vez que o alarma soaria instantaneamente se algo estivesse errado, costumava ligar o áudio. Ouvia então, como que hipnotizado, o infinitamente lento pulsar dos corações de seus colegas adormecidos, enquanto mantinha os olhos fixos nas suaves ondas que marchavam em sincronia através da tela. Os mais fascinantes eram os mostradores EEG — representações eletrônicas daquelas três personalidades que haviam existido e que um dia voltariam a existir. As explosões eletrônicas que marcam a atividade de um cérebro desperto ou mesmo durante o sono normal, cheias de altos e baixos, quase não existiam. Se por acaso havia ainda qualquer vestígio de consciência, esse escapava ao controle dos instrumentos e até mesmo da memória.

Esse último fato, Bowman sabia-o com base em experiência pessoal. Antes de ter sido escolhido para essa missão, suas reações diante da hibernação

havam sido cuidadosamente testadas. Não tinha certeza se havia perdido uma semana de sua vida ou se tinha adiado o momento de sua morte pelo mesmo espaço de tempo.

Quando os elétrodos foram ligados à sua testa e o gerador de sono entrara em funcionamento, ele avistara uma rápida amostra de desenhos caleidoscópicos e estrelas cadentes. Depois tudo sumira, sendo ele envolvido pela escuridão. Não chegou a sentir as injeções e muito menos a primeira sensação de baixa temperatura do seu corpo, quando essa foi reduzida a apenas alguns graus acima do ponto de congelamento.

Acordou com a impressão de que mal havia acabado de fechar os olhos. Contudo, sabia ser aquilo uma ilusão. Tinha de certa forma a convicção de que, na realidade, anos haviam-se escoado.

Estaria a missão já concluída? Teriam já alcançado Saturno, feito suas observações e mergulhado na hibernação? Já teria o Discovery II chegado para levá-los de volta à Terra?

Ficou deitado, mergulhado numa espécie de torpor, absolutamente incapaz de distinguir entre as recordações reais e ilusórias. Abriu os olhos, mas não avistou nada além de uma constelação nublada de luzes que o ofuscaram por alguns instantes. Acabou compreendendo que estava com os olhos fixos nas lâmpadas de um quadro, sendo, porém, totalmente impossível focalizá-las. Por isso, logo desistiu desse intento. Percebeu que ar quente estava sendo espargido sobre o seu corpo, retirando o frio dos seus membros. Havia silêncio, porém, pouco depois, música estimulante começou a fluir de um alto-falante localizado atrás de sua cabeça. O som aumentava lentamente...

Foi então que uma voz afetuosa, que ele sabia ser gerada por um computador, falou-lhe:

— Muito bem, Dave. Está tudo bem. Não se levante e não faça movimentos bruscos. Não tente falar.

"Não se levante!", pensou Bowman. Boa piada. Ele tinha a exata impressão de que não seria capaz sequer de mover um dedo. Para surpresa sua, entretanto, verificou que, se quisesse, poderia fazê-lo.

Sentia-se bem e satisfeito, de maneira um tanto estúpida e atordoada. Sabia vagamente que a nave de salvamento deveria ter chegado. A seqüência automática de ressuscitamento teria sido posta em ação e em breve ele estaria avistando outros seres humanos. Isso era ótimo, contudo essa idéia não chegou a excitá-lo demasiadamente.

No momento sentia fome. O computador, evidentemente, havia previsto essa sua necessidade.

— Há um botão próximo à sua mão direita, Dave. Se estiver com fome, aperte-o.

Bowman obrigou os seus dedos a procurarem ao redor e acabou descobrindo o botão. Tinha esquecido tudo a respeito dele e, no entanto, deveria saber de sua existência naquele local. Que mais teria esquecido? A hibernação teria apagado a sua memória?

Apertou o botão e esperou. Decorridos alguns minutos surgiu um braço metálico, empunhando um bico plástico e levando-o em direção aos lábios de Bowman. Este chupou avidamente e logo sentiu um fluido morno que escorria pela sua garganta abaixo, dando-lhe a sensação de renovar as suas forças a cada gota.

Por fim, o bico afastou-se e ele voltou a repousar. Já podia mover os braços e as pernas. A idéia de voltar a andar não mais lhe parecia um sonho impossível.

Apesar de estar recobrando as suas forças, gostaria de ficar ali deitado para sempre se não houvesse qualquer outro estímulo externo. Mas outra voz falava, desta vez totalmente humana e não como resultado de vibrações eletrônicas associadas por uma memória sobre-humana. A voz lhe era familiar, mas assim mesmo levou algum tempo até que a reconhecesse.

— Olá, Dave. Está progredindo muito bem. Agora já pode falar. Sabe onde está?

A pergunta preocupou-o por instantes. Se realmente estivesse em órbita ao redor de Saturno, que, então, teria acontecido durante todo aqueles meses desde que havia deixado a Terra? Voltou a imaginar se estaria sofrendo de amnésia. Paradoxalmente, bastou esse pensamento para fazê-lo sentir-se melhor. Se conseguia recordar a palavra "amnésia", então o seu cérebro deveria ainda estar em boa forma... Mas, mesmo assim, não sabia onde estava. A voz na outra extremidade do circuito deve ter percebido a sua aflição.

— Não se preocupe, Dave. É Frank Poole que lhe está falando. Estou verificando seu coração e sua respiração. Tudo está perfeitamente normal. Descanse e fique calmo. Vamos abrir a porta e tirá-lo para fora.

Uma luz suave penetrou no recinto. Bowman percebeu silhuetas que se moviam recortadas contra a luminosidade que penetrava pela porta que se abria. Nesse mesmo momento todas as suas lembranças retornaram de

relance e ele ficou sabendo com exatidão que lugar era aquele.

Apesar de estar regressando dos limiares extremos do sono bem próximo da morte, ele estivera por lá apenas durante uma semana.

Ao deixar o Hibernaculum não avistaria o céu frio de Saturno. Até que isso acontecesse, ainda decorreria um ano e seria preciso percorrer bilhões de quilômetros de distância. Por enquanto, encontrava-se no setor de treinamento de pessoal, no Centro de Vôos Espaciais de Houston, sob o quente sol do Texas.

16. HAL

Agora, porém, o Texas não mais era visível e até mesmo seria difícil distinguir os Estados Unidos. O Discovery, com sua linha elegante em forma de flecha, continuava a deslocar-se em direção oposta à da Terra, com todos os seus poderosos dispositivos ópticos orientados para os planetas externos para onde estava rumando.

Havia, contudo, um telescópio permanentemente voltado para a Terra, montado no topo da antena de longo alcance da nave, com sua estrutura firmemente orientada para o seu alvo distante. Enquanto a Terra permanecesse centralizada na retícula, as comunicações vitais se manteriam intactas e as mensagens poderiam ir e vir através de uma faixa invisível que se alongava de mais de três milhões de quilômetros a cada novo dia.

De vez em quando, Bowman olhava para a Terra através do telescópio. Agora que o planeta familiar encontrava-se para trás, em direção ao Sol, o seu hemisfério obscurecido ficava voltado para o Discovery e surgia na tela do mostrador central, sob a forma de um crescente prateado fascinante.

Raramente se conseguia identificar qualquer contorno geográfico naquele arco de luz que se estreitava cada vez mais, já que nuvens e neblina encobriam-no. Apesar disso, até mesmo a porção obscurecida do disco tinha um indescritível fascínio. Estava pontilhada de cidades que faiscavam. Pareciam, às vezes, queimar num fulgor constante; outras vezes, piscavam, qual pirilampos, quando tremores atmosféricos se lhes sobrepunham.

Havia, também, ocasiões em que a Lua, deslocando-se em sua órbita, brilhava qual uma grande lâmpada acima dos mares e continentes escuros da Terra. Então, com um estremecimento de emoção, Bowman poderia reconhecer algum contorno familiar brilhando sob aquela luz espectral. Acontecia inclusive que, estando o Pacífico calmo, ele poderia até ver o luar refletido em sua superfície, fazendo que recordasse noites passadas sob as palmeiras e o encanto das lagoas tropicais.

Mesmo assim, não lamentava todas as maravilhas deixadas para trás. Tinha gozado intensamente a vida naqueles trinta e cinco anos e pretendia voltar a fazê-lo quando retornasse rico e famoso. Por enquanto, contudo, a distância contribuía para valorizá-las mais ainda.

O sexto membro da tripulação não dava qualquer importância a todas essas coisas, já que não era humano. Tratava-se do altamente aperfeiçoado computador HAL 9000, o verdadeiro cérebro e sistema nervoso da nave.

HAL (sigla formada pelas iniciais de Heuristically programmed ALgorithmic computer) era na verdade a obra-prima da terceira geração dos computadores. Tais fases aparentemente se sucedem com intervalos de vinte anos. A idéia de que uma nova fase era iminente já começava a preocupar diversos setores.

A primeira ocorrera na década de 40, quando o já de muito obsoleto tubo de vácuo tornara possível a existência de debilóides como o ENIAC e seus sucessores. Mais tarde, na década de 60, fora aperfeiçoada a microeletrônica. Com o seu advento, tornou-se evidente que as inteligências artificiais, pelo menos tão poderosas quanto as do Homem, não precisariam ser maiores do que simples mesas de escritório, bastando que para tal se soubesse como construí-las. Provavelmente isso jamais chegaria ao conhecimento geral, mas o fato é que, na década de 80, Minsky e Good haviam demonstrado que redes neurais poderiam ser geradas automaticamente, de acordo com uma programação arbitrária. Cérebros artificiais poderiam assim ser produzidos por um processo extraordinariamente análogo ao desenvolvimento de um cérebro humano. De qualquer forma, os pormenores exatos jamais seriam conhecidos. Ainda que o fossem, seriam milhões de vezes mais complexos para possibilitar sua compreensão por parte dos seres humanos. Qualquer que fosse o seu sistema de funcionamento, o resultado final era uma inteligência que poderia reproduzir — alguns filólogos ainda preferem utilizar a palavra "imitar" — a maioria das atividades de um cérebro humano, tendo a vantagem de muito

maior velocidade e segurança.

Era extremamente dispendioso e, até então, somente algumas unidades da série HAL 9000 haviam sido construídas. Mas o antigo refrão, segundo o qual seria mais fácil produzir cérebros orgânicos, já começava a soar um tanto inconsistente.

HAL fora treinado para essa missão tão cuidadosamente quanto os seus companheiros humanos. Além de sua velocidade intrínseca, tinha a vantagem de nunca dormir. Sua função primordial consistia em dirigir o sistema de preservação da vida, verificando constantemente a pressão do oxigênio, a temperatura, possíveis escapamentos na couraça, radiação e todos os demais fatores correlatos dos quais dependia a sobrevivência de sua frágil carga humana. Era capaz de proceder às intrincadas correções de navegação e executar as necessárias manobras de vôo quando chegava o momento de alterar a rota. Ele vigiaria os hibernados, fazendo os ajustes necessários em seu meio ambiente, verificando as exatas quantidades dos fluidos intravenosos que os mantinham vivos.

As primeiras gerações de computadores haviam recebido as suas instruções por meio de quadros de chaves semelhantes aos teclados de máquinas de escrever, fornecendo suas respostas por intermédio de impressoras altamente velozes e mostradores visuais. HAL poderia fazer o mesmo, se necessário, porém a maior parte de sua comunicação com os companheiros da nave era feita por meio de palavra falada. Poole e Bowman podiam falar com HAL como se esse fosse um ser humano, recebendo as respostas num inglês perfeito, aprendido durante as semanas de sua infância eletrônica.

Se HAL seria realmente capaz de pensar, era algo que fora estudado e estabelecido pelo matemático inglês Alan Turing, na década de 40. Segundo Turing, havendo a possibilidade de diálogo prolongado com uma máquina, mediante teclado ou microfone, sem a capacidade de se distinguir entre as suas respostas e aquelas que seriam fornecidas por um ser humano, isso significa que a máquina pensa, qualquer que seja a acepção do termo, HAL sem dúvida passaria galhardamente pelo teste de Turing.

Havia, inclusive, a possibilidade de que chegasse o momento em que HAL seria obrigado a assumir o comando da nave. Numa emergência, se não houvesse resposta aos sinais, ele despertaria os membros da tripulação por intermédio de estímulos eletrônicos e químicos. Se esses não reagissem, entraria em contato com a Terra, solicitando novas ordens.

E, em último caso, não havendo qualquer resposta proveniente da Terra,

tomaria as medidas necessárias para salvaguardar a nave e prosseguir com a missão cujo verdadeiro propósito somente ele conhecia e o qual seus companheiros humanos jamais seriam capazes de adivinhar.

Poole e Bowman freqüentemente gracejavam quanto ao seu papel de faxineiros ou zeladores a bordo de uma nave que, na verdade, poderia ser totalmente auto-suficiente. Ficariam surpresos, e até mesmo indignados, se soubessem até que ponto as suas pilhérias se aproximavam da realidade.

17. A rotina diária da viagem

O dia-a-dia da nave fora planejado com muito cuidado. Bowman e Poole, pelo menos teoricamente, sabiam de antemão o que estariam fazendo a cada minuto das vinte e quatro horas. Trabalhavam em turnos de doze horas, revezando-se, de maneira que os dois jamais dormiam ao mesmo tempo. Aquele que estivesse de plantão normalmente permanecia no Posto de Controle, enquanto o seu assistente cuidava dos demais assuntos, inspecionando a nave, encarregando-se das tarefas rotineiras ou simplesmente descansando em seu cubículo.

Ainda que oficialmente Bowman fosse o comandante, nesse estágio da missão nenhum observador externo seria capaz de identificá-lo como tal. Ele e Poole substituíam-se tanto no cargo de chefia como no das responsabilidades. Tal critério mantinha-os sempre em plena forma, reduzindo ao mínimo as possibilidades de atrito e contribuindo para o pleno êxito da missão.

O dia de Bowman começava às seis horas da manhã. Seu tempo a bordo da nave era regido pelo Tempo Universal Ephemeris, adotado pelos astrônomos. Se, por acaso, Bowman estivesse atrasado, HAL utilizaria a sua variedade de bips e repiques para lembrar-lhe as obrigações. Mas esses jamais chegaram a ser utilizados. À guisa de experiência, Poole certa vez desligara o alarma; mesmo assim, Bowman levantara-se automaticamente na hora certa.

O seu primeiro ato oficial do dia era adiantar doze horas o Master Hibernation Timer. Se essa operação deixasse de ser feita duas vezes

consecutivas, HAL concluiria que tanto Bowman como Poole estavam incapacitados e tomaria as providências necessárias e previstas no caso de emergência.

Bowman trataria então da sua higiene pessoal e de seus exercícios isométricos, antes de tomar café e repassar a edição matinal do *World Times*. Na Terra ele nunca lia os jornais tão cuidadosamente como o fazia agora. Até mesmo os mais íntimos mexericos da sociedade, ou os mais superficiais boatos políticos, pareciam adquirir interesse relevante ao desfilarem na tela.

Às sete horas, renderia oficialmente Poole no Posto de Controle, levando-lhe um tubo plástico contendo café. Se, como geralmente acontecia, não houvesse nada a informar e nenhuma providência a ser tomada, ele passaria à verificação de todos os instrumentos e empreenderia uma série de testes com vistas à detecção de possíveis disfunções. Por volta das dez horas isso estaria terminado e ele poderia iniciar o seu horário destinado a estudos.

Bowman havia sido estudante por mais da metade de sua vida e continuaria a sê-lo até que se aposentasse. Graças à verdadeira revolução que ocorrera no século xx, no setor de treinamento e técnicas de processamento de informações, ele já possuía o equivalente a duas ou três formações universitárias e, o que era ainda mais notável, tinha a capacidade de lembrar-se de noventa por cento daquilo que aprendera.

Cinquenta anos antes teria sido considerado um *expert* em astronomia aplicada, cibernética e sistemas de propulsão no espaço — entretanto, se dispunha sempre a negar, com sincera indignação, que fosse propriamente um especialista. Bowman jamais considerara a possibilidade de focalizar os seus interesses num só assunto. Apesar dos protestos de seus instrutores, insistira em obter o *Masters Degree*, Grau de Mestre, em Astronáutica Geral, curso que na realidade se destina àqueles cujo Q.I. não passe de 130 e que jamais chegarão a alcançar as mais altas posições em seu campo profissional.

Sua decisão, entretanto, foi acertada. O fato de ter-se recusado à especialização tinha-o transformado em elemento idealmente talhado para aquela missão. Da mesma forma, Frank Poole — que costumava chamar-se a si mesmo, um tanto depreciativamente, de clínico geral em Biologia Espacial — fora a pessoa ideal para seu assistente. Os dois juntos, com a ajuda, caso fosse necessário, dos vastos estoques de informações de que dispunha HAL, poderiam enfrentar qualquer problema que porventura surgisse no decorrer da viagem — contanto que mantivessem as suas mentes sempre alerta e

receptíveis, refrescando continuamente a memória.

Assim é que, pelo espaço de duas horas, das dez ao meio-dia, Bowman manteria um diálogo com um tutor eletrônico, verificando seus conhecimentos gerais e absorvendo o material específico referente à missão em curso. Examinaria demoradamente as plantas da nave, os diagramas dos circuitos e planos de viagem, ou então tentaria assimilar tudo aquilo que se conhecia a respeito de Júpiter, Saturno e das suas numerosas famílias de satélites.

Ao meio-dia, Bowman iria para a cozinha, deixando a nave a cargo de HAL, enquanto preparava o almoço. Mesmo aí continuava em contato com todos os acontecimentos, pois o aposento, que incluía pequenina sala de jantar e estar, dispunha de uma duplicata do Painel de Situação, e HAL poderia chamá-lo instantaneamente caso houvesse necessidade. Poole iria encontrá-lo à hora de refeição, antes de mergulhar em seu período de seis horas de sono, e os dois geralmente costumavam assistir a um dos programas normais de TV que eram retransmitidos da Terra.

Os seus cardápios haviam recebido a mesma atenção que fora dispensada aos demais pormenores da missão. A comida, em sua maior parte congelada e desidratada, era de qualidade única e excelente, tendo sido escolhida visando à maior facilidade possível no preparo. Bastava abrir os pacotes e esquentá-la numa espécie de fogareiro automático que emitia bips e que requeria atenção constante durante essa operação. Podiam escolher aquilo que tinha gosto e aspecto de suco de laranja, ovos (preparados de maneiras diversas), bifés, costeletas, assados, legumes frescos, frutas, sorvetes e, até mesmo, pão fresco.

Depois do almoço, das treze às dezesseis horas. Bowman fazia uma lenta e cuidadosa inspeção em toda a nave, ou pelo menos em sua parte acessível. O Discovery media quase cento e vinte metros de ponta a ponta, porém o reduzido universo ocupado pela sua tripulação estava inteiramente encerrado no interior da esfera de doze metros de sua cabina pressurizada.

Aí se localizavam todos os sistemas de preservação da vida, bem como o Posto de Controle, ou seja, o coração operacional da nave. Debaixo deste, havia uma pequena "garagem do espaço", dispendo de três câmaras de compressão, por meio das quais cápsulas, com dimensão apenas suficiente para abrigar um homem, poderiam sair em direção ao vácuo, se houvesse necessidade de alguma ação no exterior da nave.

A região equatorial da esfera de pressão, poderíamos dizer a faixa compreendida entre Capricórnio e Câncer, continha dois tambores de pequena rotação, com dez metros de diâmetro. Fazendo uma revolução a cada dez segundos, esse carrossel ou centrífuga produzia uma gravidade artificial equivalente à da Lua. Isso era o suficiente para evitar a atrofia física que seria capaz de ocorrer em consequência da total ausência de peso, permitindo, também, que as funções rotineiras da vida fossem executadas em condições quase normais.

O carrossel, portanto, incluía a cozinha, local de refeições, instalações para lavagem e instalações sanitárias. Somente aí era seguro preparar e manipular líquidos quentes, o que seria bastante perigoso em condições desprovidas de peso, onde o indivíduo poderia sofrer sérias queimaduras provocadas pelos glóbulos flutuantes de água fervente. O problema de barbear-se tinha, também, sido resolvido. Não haveria fiapos sem peso flutuando no ambiente, uma vez que isso poderia afetar o equipamento elétrico, além de constituir ameaça à saúde.

Na extremidade do carrossel havia cinco pequenos cubículos, preparados pelo próprio astronauta, de acordo com o seu gosto e contendo os seus pertences. Por enquanto, somente os destinados a Bowman e Poole estavam em uso; os ocupantes dos outros três estavam guardados em seus sarcófagos eletrônicos situados nas proximidades.

A rotação do carrossel poderia ser desligada, se fosse necessário. Quando isso acontecesse, o seu momento angular teria que ser mantido num volante giroscópico e ligado novamente quando a rotação recomeçasse. Mas normalmente era deixado girando em velocidade constante, uma vez que não constituía maior dificuldade introduzir-se no grande tambor rotativo, caminhando lentamente através da região de gravidade nula existente em seu centro. Transferir-se para a seção em movimento tornava-se, com alguma experiência, tão fácil e automático quanto entrar numa escada rolante.

A cabina esférica pressurizada era como que a cabeça de uma estrutura fina, com formato de flecha, com mais de cem metros de comprimento. O Discovery, como todos os veículos destinados à penetração profunda no espaço, era por demais frágil e desprovido de aerodinâmica para que pudesse penetrar na atmosfera ou desafiar o campo totalmente gravitacional de qualquer planeta. Fora montado em órbita ao redor da "Terra, testado em vôo translunar e finalmente submetido a provas em órbita acima da Lua. Era essencialmente uma criatura do espaço e o seu aspecto não deixava qualquer

dúvida a tal respeito.

Imediatamente atrás da cabina pressurizada havia quatro grandes tanques de hidrogênio líquido e, logo adiante, formando um longo e esbelto v, encontravam-se as aletas de irradiação, destinadas a dissipar o calor supérfluo proveniente do reator nuclear. Dispondo de uma rede de pequenos tubos, para circular o fluido de refrigeração, pareciam asas de um dragão voador que, observando-se sob alguns ângulos, conferiam à nave uma certa semelhança com um veleiro do passado.

Bem na extremidade desse v, distante noventa metros do compartimento da tripulação, encontravam-se cautelosamente resguardados o reator e o complexo de elétrodos por meio dos quais emergia o dueto de plasma incandescente. Esse setor entrara em funcionamento semanas antes, a fim de lançar a nave para fora de sua órbita ao redor da Lua. No momento, o reator limitava-se às funções de gerador de potência elétrica para as necessidades rotineiras da nave. As grandes aletas de irradiação, que tinham ficado em brasa no instante do empuxo máximo, estavam agora escuras e frias.

Se bem que para poder examinar essa parte da nave seria necessário sair para o exterior e excursionar no espaço, havia, entretanto, instrumentos e câmaras de TV, destinados a fornecer o quadro exato das condições no local. Bowman tinha a impressão de conhecer intimamente cada centímetro quadrado do veículo sob o seu comando.

Às dezesseis horas, a sua inspeção estaria concluída, quando então faria um minucioso relato verbal aos controladores da missão, continuando a falar até que a confirmação começasse a ser ouvida. Então desligaria o seu transmissor, ficando apenas à escuta do que a Terra lhe tinha a comunicar, enviando em seguida respostas às perguntas porventura formuladas. Às dezoito horas, Poole acordaria e Bowman lhe passaria o comando.

Disporia então de seis horas de descanso, as quais poderia usar como bem lhe aprouvesse. Retornaria aos seus estudos, ou ouviria música, ou ainda veria filmes. A maior parte do tempo, entretanto, ficaria a percorrer a inesgotável biblioteca eletrônica da nave. Adquirira verdadeira fascinação pelas grandes explorações do passado, o que era perfeitamente compreensível naquelas circunstâncias. Às vezes, vagava ao longo da costa de uma Europa que acabava de emergir da Idade da Pedra, aventurando-se até quase às regiões de névoa gelada do Ártico. Ou então, dois mil anos mais tarde, perseguia as galeras com Anson, ou navegava com Cook através do desconhecido, ou ainda participava da primeira viagem de circunavegação.

Começara, também, a leitura da Odisséia que, entre todos os documentos do passado, parecia falar mais eloqüentemente aos seus sentimentos.

Se desejasse descansar, poderia participar com HAL de uma grande variedade de jogos semimatemáticos, inclusive damas e xadrez. Se HAL fosse utilizado ao máximo na sua capacidade, poderia ganhar sempre. Isso, porém, não seria conveniente para o seu moral. Assim é que fora programado para vencer apenas em cinqüenta por cento das vezes. Os seus parceiros humanos fingiam desconhecer esse fato.

As últimas horas do dia de Bowman eram dedicadas à limpeza geral e outras tarefas esporádicas e, por fim, ao jantar, às vinte horas, novamente em companhia de Poole. Disporia, então, de uma hora para fazer ou receber chamados particulares da Terra.

Como os seus demais companheiros, Bowman era solteiro. Não seria justo enviar homens que tivessem família para tomar parte em missões tão prolongadas. Se bem que inúmeras jovens haviam prometido esperar até que a expedição retornasse, nenhum deles, na verdade, chegara a acreditar em tais promessas. No início da viagem, tanto Poole como Bowman vinham fazendo chamados bastante íntimos uma vez por semana, se bem que os inibisse o conhecimento de que inúmeros ouvidos estariam à escuta na extremidade terrestre do circuito. Contudo, apesar de a viagem estar apenas começando, o calor e a freqüência de suas conversas com as pequenas da Terra começaram a diminuir consideravelmente. Tal circunstância fazia parte das previsões. Tratavase de uma das penalidades impostas aos astronautas, como acontecia no passado com os homens do mar Esses, entretanto, dispunham pelo menos das compensações existentes nos portos por onde passavam. Infelizmente, o mesmo não acontecia com os homens do espaço, já que não havia ilhas tropicais cheias de pequenas glamurosas além da órbita da Terra. É claro que os médicos espaciais tinham tratado desse problema, com a sua eficiência habitual. Por isso, a farmácia da nave dispunha de substitutivos adequados, se bem que pouco românticos.

Pouco antes de encerrar as transmissões, Bowman faria o seu relatório final, verificando se HAL havia transmitido todas as fitas referentes àquele dia. Então, se ainda estivesse disposto, passaria algum tempo lendo ou assistindo a filmes e, à meia-noite, iria dormir, geralmente sem precisar de qualquer auxílio da eletronarcese.

O programa de Poole era uma cópia fiel do seu. Os dois horários funcionavam em harmonia sem quaisquer conflitos. Os dois homens

mantinham-se permanentemente ocupados, sendo por demais inteligentes e ajustados para permitir que houvesse possibilidade de brigas. Dessa forma, a viagem transformou-se numa rotina confortável, sem acontecimentos de maior destaque, em que a passagem do tempo era apenas caracterizada pela mudança dos números nos relógios digitais.

A reduzida tripulação da nave tinha esperanças de que nada viesse a perturbar essa constante monotonia nas semanas e nos meses que ainda tinham diante de si.

18. Entre os asteróides

Semana após semana, qual bonde em sua rota predeterminada, o Discovery ultrapassou a órbita de Marte e prosseguiu em direção a Júpiter. Ao contrário das demais naves que atravessam céus e mares da Terra, não necessitava sequer do menor toque em seus controles. Sua trajetória fora fixada pelas leis da gravidade. Não havia baixios imprevistos ou penhascos perigosos com que poderia deparar. Não havia, também, o menor perigo de colisão com outra nave, já que não existia qualquer outro veículo — pelo menos fabricado pelo homem — em qualquer ponto entre ela e as estrelas distantes.

Entretanto, isto não queria dizer que o espaço que percorria estivesse vazio. Muito pelo contrário. Adiante dela encontrava-se a terra-de-ninguém, entremeada pelas trajetórias de mais de um milhão de asteróides. Entre esses, menos de dez mil tinham as suas órbitas determinadas com precisão pelos astrônomos. Somente quatro possuíam mais de cento e sessenta quilômetros de diâmetro. A grande maioria não passava de simples blocos de proporções avantajadas, rolando sem destino através do espaço.

Não havia qualquer providência a ser tomada com referência a esses objetos. Apesar de que até mesmo o menor deles seria capaz de destruir completamente a nave, se colidisse com ela àquela velocidade de dezesseis mil quilômetros por hora, a possibilidade de tal coisa acontecer era muito reduzida. De um modo geral, era bem pouco provável que um asteróide e a

nave se encontrassem num mesmo ponto ao mesmo tempo. Essa possibilidade não chegava a preocupar a tripulação.

No octogésimo sexto dia de viagem deveria ocorrer a sua maior aproximação com um asteróide conhecido. Esse não tinha nome — apenas o número 7794 — e não passava de uma pedra, com uns cinquenta metros de diâmetro, que fora detectada pelo Observatório Lunar, em 1997, e logo a seguir esquecida, a não ser pelos pacientes computadores do Departamento de Planetas Secundários.

Quando Bowman assumiu o comando naquele dia, HAL imediatamente lembrou-lhe do encontro que se avizinhava. Não que ele tivesse esquecido, uma vez que era o único acontecimento previsto durante toda a viagem. A trajetória do asteróide, bem como as suas coordenadas no momento da maior aproximação, já estavam delineadas nos mostradores. Havia, também, uma lista das observações que deveriam ser feitas ou tentadas. Estariam bem ocupados quando o 7794 passasse célere pela nave, a uma distância de apenas mil quatrocentos e cinquenta quilômetros, numa velocidade relativa de cento e vinte e oito mil quilômetros horários.

Quando Bowman pediu a HAL O mostrador telescópico, um campo salpicado de estrelas esparsas surgiu em sua tela. Não havia nada ali que se parecesse com um asteróide. Todas as imagens, mesmo ampliadas ao máximo, não passavam de pontos luminosos sem dimensão.

— Dê-me a retícula do alto — pediu Bowman. Imediatamente surgiram quatro linhas fracas e finas, centralizando uma estrela pequena e insignificante. Bowman ficou olhando-a por alguns minutos, imaginando se havia a possibilidade de engano por parte de HAL. Foi então que percebeu que aquele minúsculo ponto de luz estava se movendo, com uma lentidão que tornava o seu deslocamento quase imperceptível, destacando-se das outras estrelas. Poderia ainda se encontrar a uns oitocentos mil quilômetros de distância, porém o seu deslocamento indicava que, considerando-se as distâncias cósmicas, quase estava suficientemente próximo para ser tocado.

Quando Poole veio ao seu encontro no Posto de Controle, seis horas depois, o 7794 já estava centenas de vezes mais brilhante e se movia tão visivelmente contra o seu fundo que não deixava qualquer dúvida quanto à sua identificação. Também não era mais apenas um ponto de luz. Já começava a se vislumbrar um disco perfeitamente definido.

Os dois ficaram olhando para aquele seixo que atravessava os céus com emoção igual à que seria experimentada por marujos em longa viagem pelo,

oceano ao avistarem terra na qual não lhes seria possível aportar. Mesmo sabendo que o 7794 não passava de um pedaço de rocha, desprovido de vida e de atmosfera, esse conhecimento não chegava a afetar os seus sentimentos. Tratavase do único objeto sólido com o qual se encontrariam daquele lado de Júpiter, o qual ainda estava a uma distância de trezentos e vinte milhões de quilômetros.

Através do telescópio de alta potência viram que o asteróide tinha formato bastante irregular e que girava lentamente. Ora adquiria o aspecto de uma esfera achatada, ora parecia um tijolo de superfície irregular. Sua revolução ultrapassava pouco mais de dois minutos. Havia manchas esparsas de luz e sombra em toda a sua superfície e o objeto freqüentemente brilhava, qual uma janela distante, quando aflorações de matéria cristalina refletiam a luz do Sol.

Estavam sendo ultrapassados a quase quarenta e oito quilômetros por segundo e disporiam apenas de uns poucos minutos para observá-lo minuciosamente. As câmaras automáticas bateram dezenas de fotografias, os ecos do radar de navegação foram cuidadosamente gravados para análise posterior, havendo tempo suficiente apenas para uma única sonda de impacto.

Essa sonda não levava instrumentos, já que nada seria capaz de sobreviver a uma colisão em tal velocidade cósmica. Tratava-se apenas de uma espécie de projétil metálico, disparado da nave, numa trajetória que interceptaria a do asteróide. Enquanto se escoavam os segundos que precediam o impacto, Poole e Bowman esperavam, tomados de crescente tensão. A experiência, apesar de muito simples em princípio, visava sobretudo a avaliar a precisão dos seus equipamentos, bem como suas limitações. Estavam fazendo pontaria num alvo com cinquenta metros de diâmetro a uma distância de milhares de quilômetros.

Sobre a parte escurecida do asteróide houve repentinamente uma ofuscante explosão de luz. O diminuto projétil alcançara o alvo em velocidade meteórica e, numa fração de segundo, toda a sua energia fora transformada em calor. Uma lufada de gás incandescente escapou em direção ao espaço. A bordo da nave as máquinas fotográficas registravam as linhas espectrais que desapareciam rapidamente.

Fornecidas tais imagens à Terra, os técnicos fariam a sua análise, à procura de vestígios atômicos significativos. E assim, pela primeira vez, a composição da crosta de um asteróide seria determinada.

Decorrida uma hora, o 7794 voltou a ser uma estrela insignificante, sem mostrar qualquer vestígio de um disco. Quando Bowman voltou para o seu turno seguinte, o asteroide já havia desaparecido por completo.

Estavam novamente sozinhos e assim permaneceriam até que o mais extremo dos satélites de Júpiter se aproximasse deles, o que somente ocorreria dentro de mais três meses.

19. O trânsito de Júpiter

Mesmo ainda distante trinta e dois milhões de quilômetros, Júpiter já se destacava visivelmente no céu. Apresentava-se agora sob a forma de um disco pálido, cor de salmão, com aproximadamente a metade do tamanho da Lua. Movendo-se para lá e para cá no plano equatorial, viam-se, como se fossem estrelas brilhantes, Io, Europa, Ganimedes e Calisto, mundos que, em qualquer outra parte do Universo, seriam considerados como planetas independentes, mas que aí não passavam de satélites do seu gigantesco senhor.

Através do telescópio, Júpiter oferecia uma visão deslumbrante — um globo mosqueado e multicolorido, que parecia encher completamente todo o céu. Era impossível avaliar-se totalmente o seu real tamanho. Bowman esforçava-se para não esquecer que o seu diâmetro continha onze vezes o da Terra, mas sabia que esse dado estatístico já de há muito perdera qualquer significado.

Enquanto refrescava a memória por meio das fitas gravadas, deparou com algo que lhe deu a exata idéia da assustadora dimensão daquele planeta: tratava-se de uma ilustração mostrando toda a superfície da Terra descascada e planificada, como se fosse a pele de um animal, sobreposta ao disco de Júpiter. Sobre tal fundo, os continentes e os oceanos do nosso planeta pareciam ter aproximadamente o tamanho da Índia em relação ao globo terrestre...

Quando Bowman utilizava a potência máxima dos telescópios da nave, o planeta surgia como que pendente acima de um globo ligeiramente achatado, encimando nuvens velozes que, reunidas, haviam penetrado na rotação

rápida daquele mundo gigantesco. Algumas vezes esses bandos aglutinavam-se, formando como que mechas, nós e massas do tamanho de continentes de vapor colorido. Outras vezes pareciam ligados por pontes com milhares de quilômetros de extensão.

Acima desse teto turbulento de nuvens, ocultando permanentemente a verdadeira superfície do planeta, surgiam de vez em quando zonas circulares de escuridão. Uma das luas internas, em trânsito pelo Sol longínquo, tinha a sua sombra marchando abaixo dela e sobrepondo-se àquele irrequieto panorama de nuvens do mudo jupiteriano.

Havia outras luas, muito menores, até mesmo a mais de trinta milhões de quilômetros de Júpiter. Mas essas eram apenas uma espécie de montanhas voadoras, com poucas dezenas de quilômetros de diâmetro. A nave não passaria nas suas proximidades. De minuto em minuto o transmissor do radar reunia a sua potência, emitindo um ribombo sem que, contudo, retornasse, pulsando pelo espaço, qualquer eco proveniente de novos satélites.

O que retornava, com intensidade cada vez maior, era o rugir da voz de rádio de Júpiter. Em 1955, pouco antes do alvorecer da Era Espacial, os astrônomos haviam descoberto, com grande espanto, que Júpiter emitia milhões de watts na faixa de dez metros. Era apenas um som duro, associado com halos de partículas carregadas, envolvendo o planeta, como acontece com o Cinturão de Van Allen ao redor da Terra, porém numa escala muito maior.

Às vezes, durante as horas solitárias passadas no Posto de Comando, Bowman entretinha-se escutando essa radiação. Costumava, então, aumentar o volume até que todo o recinto ficasse mergulhado em zumbidos e estalos. Por sobre esse fundo sobrepunham-se, com intervalos regulares, rápidos assobios e piados, semelhantes a gritos de pássaros alucinados. Tratava-se de um som estranho sem qualquer relação com o Homem. Era solitário e desprovido de significado, tal como o murmúrio de ondas numa praia deserta ou o estourar distante de um trovão além do horizonte.

Até mesmo naquela velocidade superior, a cento e sessenta mil quilômetros horários, levaria ainda duas semanas até que o Discovery cruzasse as órbitas de todos os satélites jupiterianos. Havia mais luas ao redor de Júpiter do que planetas em órbita ao redor do Sol. O Observatório Lunar vinha descobrindo novas a cada ano e o número já chegava a trinta e seis. O mais extremo dos satélites — Júpiter XXVII — afastava-se, numa trajetória instável, trinta milhões e quinhentos mil quilômetros do seu amo temporário. Tratava-se de

um prêmio na luta suprema entre Júpiter e o Sol, pois o planeta estava continuamente aprisionando novas luas do cinto de asteróides, perdendo-as decorridos alguns milhões de anos. Somente os satélites internos constituíam sua propriedade permanente. O Sol jamais conseguiria arrebatá-los.

Agora havia uma nova presa para os campos gravitacionais. O Discovery dirigia-se rumo a Júpiter, ao longo de uma órbita calculada com meses de antecedência pelos astrônomos da Terra e que estava sendo permanentemente verificada por HAL. De quando em quando, ocorriam como que ligeiros empurrões provocados por seus jatos estabilizadores, movimentos esses quase imperceptíveis a bordo da nave e que se destinavam ao ajuste preciso da trajetória.

Através da ligação radiofônica com a Terra as informações fluíam ininterruptamente. Estavam agora já tão distantes que, mesmo se deslocando com a velocidade da luz, os seus sinais levavam cinquenta minutos até alcançar o seu destino. Apesar de as atenções do mundo todo estarem voltadas para eles, vigiando-os, bem como os seus instrumentos, enquanto Júpiter se aproximava, na realidade era preciso quase uma hora para que as notícias referentes às suas descobertas alcançassem a Terra.

As câmaras telescópicas permaneciam em constante funcionamento enquanto a nave cruzava a órbita dos gigantes satélites internos — cada qual maior do que a Lua e todos constituindo território absolutamente desconhecido. Três horas antes do trânsito o Discovery havia passado a apenas trinta e dois mil quilômetros de distância do satélite Europa, com todos os instrumentos orientados para o mundo que se aproximava, aumentando-o, seu tamanho transformando-se de globo em crescente e, em seguida, afastando-se velozmente em direção ao Sol.

Lá estavam milhões e milhões de quilômetros quadrados de solo que até então não haviam parecido mais que um diminuto ponto, mesmo no mais poderoso dos telescópios existentes. Passariam por ele em minutos e deveriam aproveitar ao máximo esse encontro, gravando todas as informações possíveis. Disporiam de longos meses durante os quais poderiam escutar e analisar minuciosa e calmamente esses dados.

O Europa de longe dera-lhes a impressão de uma gigantesca bola de neve, refletindo intensamente a luz do Sol distante. Observando-se de perto, tal impressão era confirmada: ao contrário da Lua poeirenta, o Europa era de um branco brilhante e grande parte de sua superfície estava recoberta por porções luminosas que pareciam *icebergs* encalhados. Era quase certo que

seriam constituídos por amônia e água, que o campo gravitacional de Júpiter não conseguia capturar.

Somente na altura do equador havia rocha nua visível. Era uma terra-deninguém, incrivelmente recortada por desfiladeiros e blocos desordenados, formando uma faixa mais escura que parecia envolver completamente aquele mundo. Havia algumas crateras de impacto, sem, contudo, qualquer vestígio vulcânico. Evidentemente, o Europa jamais chegara a possuir qualquer fonte interna de calor.

Havia, como já era sabido, vestígios de atmosfera. Quando a porção escura do satélite ultrapassava uma estrela, essa ficava rapidamente ofuscada, antes do momento do eclipse. E, em algumas áreas, havia sinais de nuvens — talvez uma névoa de gotículas de amônia, trazidas pelo vento rarefeito de metano.

Tão rapidamente como surgira, o Europa tornou a desaparecer, e o próprio Júpiter já se encontrava agora a apenas duas horas de distância, HAL verificara e tornara a verificar a órbita da nave com o máximo cuidado. Não havia necessidade de maiores correções de velocidade até o momento da aproximação máxima. Entretanto, mesmo sabendo disso, os nervos tornavam-se cada vez mais tensos com a aproximação do globo gigantesco, cujo tamanho aumentava a cada minuto. Era difícil acreditar que o Discovery não estivesse rumando diretamente para o planeta, cujo imenso campo gravitacional poderia arrastá-lo à destruição.

Tinha chegado o momento de lançar as sondas atmosféricas, as quais, de acordo com os planos, deveriam durar o suficiente para enviar alguma informação referente à parte inferior ao lençol de nuvens jupiterianas. As duas cápsulas enormes, com formato de bombas, possuíam proteções ablativas de calor e foram vagarosamente empurradas para as suas órbitas, as quais, durante os primeiros milhares de quilômetros, pouco se desviaram da trajetória da nave.

Acabaram, porém, afastando-se lentamente e, por fim, até mesmo a olho nu era possível verificar o que HAL vinha afirmando. A nave encontrava-se em órbita próxima, porém sem risco de colisão. Evitaria a atmosfera. Na verdade, a diferença era de apenas algumas centenas de quilômetros, o que não significava muito, considerando-se que o planeta tinha cento e quarenta e cinco mil quilômetros de diâmetro, sendo contudo mais que suficiente.

Júpiter agora enchia todo o céu. Era tão grande que nem a mente nem o olho eram capazes de englobá-lo totalmente. Ambos logo abandonaram tal intento.

Se não fosse pela extraordinária variedade de cores — os vermelhos e róseos, os amarelos e salmões, e até mesmo os escarlates — na atmosfera abaixo deles, Bowman seria capaz de imaginar que estavam em vôo rasante por cima de um colchão de nuvens da Terra.

Então, pela primeira vez desde o início da viagem, estavam prestes a perder o Sol. Apesar de pálido e distante, tinha sido o companheiro fiel da nave desde a partida da Terra, cinco meses antes. Mas agora a sua órbita começava a mergulhar na sombra de Júpiter e o Discovery brevemente se encontraria do lado noturno do planeta.

Mil e seiscentos quilômetros adiante a faixa crepuscular deslocava-se velozmente em sua direção. Atrás deles o Sol sumia rapidamente, mergulhando no interior das nuvens jupiterianas, e seus raios se espalhavam no horizonte como se fossem dois enormes chifres flamejantes, com as extremidades voltadas para baixo. Em seguida, estreitaram-se e acabaram desaparecendo em meio a rápidas labaredas de esplendor cromático. A noite havia chegado.

No entanto, o enorme mundo abaixo deles não estava totalmente escuro. Envolveria-o uma fosforescência que se tornava mais brilhante à medida que os olhos se habituavam à cena. Rios de luz confusa espalhavam-se de horizonte a horizonte, à guisa de esteiras luminosas deixadas por navios num mar tropical. Aqui e ali formavam poços de fogo líquido, estremecendo sob as imensas perturbações provenientes do coração oculto de Júpiter. Tratava-se de uma visão tão importante que Poole e Bowman seriam capazes de ficar apreciando-a durante horas e horas. Seria — pensavam eles — simplesmente o resultado de forças químicas e elétricas lá embaixo, naquele caldeirão fervente, ou poderia ser o subproduto de alguma fantástica forma de vida? Essas eram perguntas que os cientistas talvez ainda continuassem debatendo quando o recém-iniciado século já estivesse chegando ao seu fim.

Ao mergulharem cada vez mais na noite jupiteriana, o fulgor abaixo deles aumentava de intensidade. Certa vez Bowman havia sobrevoado o norte do Canadá no auge da aurora boreal. O panorama recoberto de neve assemelhava-se agora àquela. Entretanto, aquela solidão ártica — lembrou-se ele — tinha uma temperatura de pelo menos cem graus mais elevada do que a das regiões que ultrapassavam agora.

— O sinal terrestre está enfraquecendo rapidamente — anunciou HAL. — Estamos penetrando na primeira zona de difração.

Esse era o momento que eles já vinham aguardando e que na realidade

constituía um dos objetivos da missão, uma vez que a absorção das ondas de rádio poderia fornecer informações importantes com referência à atmosfera jupiteriana. Mas agora, que já haviam praticamente ultrapassado o planeta e esse cortava a sua comunicação com a Terra, sentiram uma súbita e esmagadora solidão. Sabiam que o silêncio do rádio duraria apenas uma hora. Depois emergiriam do poder eclipsante de Júpiter e restabeleceriam o contato com a espécie humana. Entretanto, essa hora seria uma das mais longas de suas vidas.

Apesar de sua relativa juventude, Poole e Bowman eram veteranos de pelo menos uma dúzia de viagens espaciais. Naquele momento, porém, sentiam-se como se fossem principiantes. Estavam participando de uma experiência totalmente nova. Nunca antes nave alguma havia viajado a tal velocidade ou enfrentado campos gravitacionais de igual intensidade. O menor erro de navegação naquele ponto crítico seria o suficiente para que o Discovery fosse arrastado velozmente para os extremos do sistema solar, sem qualquer esperança de resgate.

Os minutos escoavam-se lentamente. Júpiter parecia agora uma parede fosforescente, estendendo-se acima deles, e a nave parecia estar escalando a sua face brilhante. Apesar de perfeitamente cientes de que a sua velocidade era demasiada até mesmo para a gravidade de Júpiter conseguir atraí-los, era difícil acreditar que a nave não tivesse já se transformado num satélite desse mundo monstruoso.

Por fim, bem adiante, começou a aparecer uma luz ao longo do horizonte. Estavam emergindo das sombras em direção ao Sol. Quase no mesmo instante HAL anunciou:

— Estou em contato radiofônico com a Terra. Tenho, também, a satisfação de anunciar que a manobra foi concluída com êxito absoluto. O nosso tempo até Saturno é de cento e sessenta e sete dias, cinco horas e onze minutos.

Estavam assim rigorosamente de acordo com as estimativas. Tudo correria com precisão impecável. Como se fosse uma bola, o Discovery fora impulsionado pelo campo gravitacional de Júpiter e, sem utilizar qualquer combustível, aumentara a sua velocidade em diversos milhares de quilômetros horários.

Contudo, não ocorrera qualquer violação das leis da Mecânica. A natureza sempre consegue o equilíbrio, e assim Júpiter perdera em momentos exatamente aquilo que o Discovery havia adquirido. O planeta diminuía ligeiramente a sua velocidade; no entanto, considerando-se que a sua massa

era um sextilhão de vezes superior à da nave, a modificação em sua órbita seria tão insignificante que não poderia sequer ser detectada. Não havia ainda chegado o tempo em que o Homem seria capaz de deixar vestígios da sua passagem pelo sistema solar.

Enquanto a luz aumentava ao seu redor e o Sol alçava-se no céu jupiteriano, Poole e Bowman estenderam silenciosamente as mãos e apertaramnas calorosamente. Se bem que lhes custasse acreditar, fora concluída a salvo a primeira parte da missão.

20. O mundo dos deuses

Entretanto, sua missão junto a Júpiter não estava ainda concluída. Bem atrás, as duas sondas lançadas pela nave estavam estabelecendo contato com a sua atmosfera.

De uma delas nunca mais se soube.

Provavelmente, teria penetrado demasiado a pique, incendiando-se antes de conseguir enviar qualquer informação. A segunda teve melhor sorte: atravessou as camadas superiores da atmosfera jupiteriana, deslizando em seguida novamente em direção ao espaço. Conforme tinha sido previsto, perdera tanta velocidade nesse encontro que novamente recuara numa grande elipse. Duas horas mais tarde reingressava na atmosfera do lado diurno do planeta, deslocando-se à velocidade de cento e doze mil quilômetros horários.

Penetrou imediatamente num envoltório de gás incandescente e o contato radiofônico foi interrompido. Houve alguns minutos de ansiedade e espera por parte dos dois observadores no Posto de Controle. Não podiam ter certeza se a sonda sobreviveria e se a proteção de cerâmica não se queimaria completamente antes do tempo. Se isso acontecesse, todos os seus instrumentos se vaporizariam em fração de segundo.

A couraça, porém, agüentou o tempo necessário. Os fragmentos chamuscados desprenderam-se, o robô estendeu as suas antenas e começou a examinar os arredores com os seus sentidos eletrônicos. A bordo da nave, agora distante quase quatrocentos mil quilômetros, o rádio começou a

transmitir as primeiras notícias autênticas de Júpiter.

Os milhares de pulsações incidentes a cada segundo relatavam a composição atmosférica, pressões, temperaturas, campos magnéticos, radioatividade, além de diversos outros pormenores que somente os especialistas na Terra seriam capazes de decifrar. Entretanto, havia uma mensagem que poderia ser facilmente compreendida: a imagem de TV, em cores, transmitida pela sonda em sua queda.

As primeiras imagens foram chegando quando o robô quase já havia penetrado na atmosfera, livrando-se de sua couraça protetora. Via-se apenas uma neblina amarela, pontilhada de manchas vermelhas que se moviam em velocidade estonteante, subindo enquanto a sonda caía a diversas centenas de quilômetros por hora.

A neblina tornou-se mais espessa. Era impossível adivinhar a extensão do campo englobado pela câmara, podendo ser tanto de vinte centímetros como de dez quilômetros, uma vez que não havia qualquer pormenor que pudesse servir como ponto de referência. Parecia que, com respeito à parte de televisão, a missão da sonda fora um fracasso. O seu equipamento funcionara satisfatoriamente, porém não havia nada para ver nessa atmosfera nublada e turbulenta. Então, muito abruptamente, a neblina desapareceu. A sonda devia ter atravessado uma espessa camada de nuvens, chegando a alguma zona clara, talvez uma região de hidrogênio quase puro, contendo apenas cristais dispersos de amônia. Se bem que fosse ainda totalmente impossível julgar a escala da imagem, era certo que o campo da câmara tinha quilômetros de extensão. A cena era tão estranha que inicialmente não tinha qualquer significação aos olhos acostumados às cores e formas terrestres. Muito, muito mais abaixo surgia um oceano infinito de ouro, marcado por sulcos paralelos que poderiam ser as cristas de gigantescas ondas. Porém não havia qualquer sinal de movimento. A escala da cena era imensa demais para mostrá-lo. E a superfície dourada não poderia ser um oceano, pois se encontrava ainda nas camadas bem elevadas da atmosfera jupiteriana. Certamente não passaria de mais uma camada de nuvens.

Então a câmara revelou, nublada pela distância, a imagem de algo muito estranho. A muitos quilômetros o panorama dourado estreitava-se num cone curiosamente simétrico, semelhante a uma montanha vulcânica. Em volta do vértice desse cone havia um halo de pequenas nuvens macias, quase todas do mesmo tamanho, distantes umas das outras e perfeitamente independentes. Havia algo de perturbador e pouco natural nessas nuvens — se é que a

palavra "natural" poderia ser aplicada àquele panorama assustador.

Em seguida, envolvida pela turbulência da atmosfera que se tornava espessa rapidamente, a sonda voltou-se para outro setor do horizonte e por alguns segundos a tela mostrou apenas um borrão dourado. Logo, porém, estabilizou: o oceano agora parecia muito mais próximo, contudo continuava tão enigmático quanto antes. Era possível agora observar a existência de interrupções aqui e ali em sua superfície, com manchas escuras, talvez orifícios ou lacunas levando às camadas ainda mais profundas da atmosfera.

A sonda estava destinada a jamais alcançá-las. A cada quilômetro a densidade do gás em sua volta redobrava, a pressão aumentava, enquanto mergulhava cada vez mais fundo rumo à superfície oculta do planeta. Ainda se encontrava bem alto acima daquele oceano misterioso, quando a imagem vacilou, como que num prenúncio, desaparecendo em seguida, sinal de que o primeiro explorador oriundo da Terra acabara de ser esmagado pelo peso da extensa coluna atmosférica acima dele.

Tinha fornecido, em sua vida rápida, uma visão de talvez um milionésimo de Júpiter, ficando, ainda bem longe de conseguir aproximar-se da superfície do planeta, situado a centenas de quilômetros no interior daquele nevoeiro cada vez mais espesso. Quando a imagem desapareceu da tela, Bowman e Poole não conseguiram fazer mais que permanecer sentados em silêncio, revolvendo em suas mentes o mesmo pensamento.

Os antigos, sem dúvida, haviam agido com acerto ao batizarem esse mundo com o nome do senhor de todos os deuses. Se por acaso houvesse vida lá embaixo, quanto tempo levaria para que essa fosse pelo menos localizada? E depois... quantos séculos decorreriam antes que os homens fossem capazes de seguir esse primeiro pioneiro? E em que espécie de nave? Entretanto, esses problemas não eram, no momento, da alçada do Discovery e de sua tripulação. Seu destino era um mundo ainda mais estranho, quase duas vezes mais distante do Sol, de onde ainda os separavam mais de oitocentos milhões de quilômetros de regiões solitárias rondadas pelos cometas.

IV. O ABISMO

21. A festa de aniversário

Os acordes familiares do *Happy Birthday* lançaram-se ao espaço e, após percorrerem mais de um milhão de quilômetros, à velocidade da luz, foram alcançar a tela do painel de instrumentos do Posto de Controle da nave. Na Terra, a família Poole, um tanto constrangida ao redor do bolo de aniversário, ficou repentinamente em silêncio.

Então o Sr. Poole, pai, disse, em resumo, o seguinte:

— Bem, Frank, não consigo pensar em nada mais para lhe dizer neste momento além de que os nossos pensamentos estão junto a você e que estamos todos lhe desejando um aniversário muito feliz.

— Tome cuidado, meu querido! — exclamou a Sra. Poole, em meio às lágrimas. — Que Deus o abençoe!

Seguiu-se um coro de despedidas e a imagem desapareceu na tela. "Que estranho", pensou Poole, "que tudo isso já tenha acontecido mais que uma hora atrás." Nesse momento a sua família ter-se-ia dispersado e os seus membros já estariam distantes quilômetros daquela casa. Porém, de certa forma, aquela diferença de tempo, se bem que um tanto frustrante, constituía um disfarce abençoado. Como qualquer homem de sua idade, normalmente Poole era levado a admitir que lhe seria possível falar instantaneamente com qualquer pessoa da Terra e todas as vezes que o desejasse. Agora que isso não mais correspondia à verdade, o impacto psicológico era profundo. Tinha-se deslocado para uma nova e remota dimensão e quase todos os seus elos emocionais haviam sofrido profundas alterações.

— Sinto muito ter que interromper as festividades — disse HAL de repente —, mas acontece que temos um problema.

— Qual é? — indagaram Bowman e Poole ao mesmo tempo.

— Estou tendo dificuldades em manter contato com a Terra. O problema parece originar-se na Unidade AE-35. O meu Centro de Previsão de Defeitos

avisa que uma falha poderá ocorrer dentro de setenta e duas horas.

— Vamos já cuidar disso — retrucou Bowman. — Quero dar uma espiada no alinhamento óptico.

— Aqui está, Dave. Por enquanto continua O.K.

Na tela surgiu uma meia lua perfeita, muito brilhante, destacando-se contra um fundo quase desprovido de estrelas. Estava recoberta de nuvens e não era possível avistar qualquer contorno geográfico reconhecível. . Na realidade, à primeira vista poderia facilmente ser confundida com o planeta Vênus. Contudo, depois de um exame mais minucioso, esse engano não mais seria possível, já que ao seu lado via-se a verdadeira Lua — coisa que Vênus não possuía — com um quarto do tamanho da Terra e exatamente na mesma fase. Era fácil imaginar que aqueles dois corpos fossem mãe e filha, como aliás tinha sido a opinião de diversos astrônomos, até que o exame de amostras de rochas lunares havia provado, sem deixar qualquer sombra de dúvida, que a Lua jamais chegara a fazer parte da Terra. Poole e Bowman mantiveram o olhar fixo na tela, ficando em silêncio por meio minuto. A imagem era trazida até eles pela câmara de TV de longo alcance montada na extremidade da grande antena de rádio. A retícula em seu centro demarcava a orientação exata da antena. A menos que o fino feixe direcional fosse mantido apontado com precisão rumo a Terra, não poderiam receber ou transmitir. Mensagens em ambas as direções errariam o alvo e seriam lançadas, sem serem ouvidas ou vistas, através do sistema solar em direção ao vazio. Se alguma vez por acaso chegassem a ser recebidas, certamente até lá decorreriam séculos e não seriam os homens a recebê-las.

— Já sabe qual é o problema? — indagou Bowman.

— O defeito é intermitente e não consigo localizá-lo. Mas parece originar-se da Unidade AE-35.

— E quais as providências que sugere?

— A coisa mais indicada seria substituir a unidade por uma sobressalente, para que possamos então examiná-la minuciosamente.

— Muito bem, forneça as instruções.

A informação surgiu na tela enquanto simultaneamente uma folha de papel saía pela fenda situada imediatamente abaixo dela. Apesar de todos os dispositivos de leitura eletrônica oral, a antiquada matéria escrita era às vezes muito conveniente.

Bowman ficou examinando os diagramas por alguns momentos e depois assobiou.

— Você poderia ter-nos dito que para fazê-lo será preciso sair da nave.

— Sinto muito — disse HAL. — Eu imaginava que conhecesse a localização da Unidade AE-35.

— Eu provavelmente a conhecia um ano atrás, porém há oito mil subsistemas a bordo. Bem, de qualquer forma a tarefa não parece muito complicada. Será preciso apenas desligar o painel e substituí-lo por um outro.

— Por mim está ótimo — interferiu Poole, que era o membro da tripulação encarregado das atividades extraveiculares. — Uma mudança de ares só poderá fazer-me bem. É claro que nisso não vai nada de pessoal.

— Vamos ver se o Controle da Missão concorda — disse Bowman. Permaneceu sentado quieto por alguns instantes, como que pondo em ordem as idéias e, em seguida, começou a ditar a mensagem. — Ao Controle da Missão. Aqui fala Raio-x-Delta-Um. A dois-zero-quatrocinco. A bordo centro de previsão do nosso computador nove-triplo zero avisou unidade Alfa-Eco-três-cinco ocorrência defeito provável dentro de setenta e duas horas. Peço verificar monitores telemétricos e sugiro revisão da unidade em seu simulador dos sistemas da nave. Também favor confirmar sua aprovação nosso plano saída EVA para substituição unidade Alfa-Eco-três-cinco antes ocorrência defeito. Controle da Missão, aqui é Raio-x-Delta-Um, dois-um-zero-três, transmissão concluída. Depois de longos anos de prática, Bowman era capaz de mudar instantaneamente para esse tipo de jargão — certa vez batizado de "Technish" — e retornar à linguagem normal logo em seguida, sem ocorrer qualquer confusão mental. Agora não havia mais nada a fazer além de esperar pela confirmação, a qual demoraria pelo menos duas horas, enquanto os seus sinais faziam a longa viagem além das órbitas de Júpiter e Marte.

A resposta chegou quando Bowman esta tentando, sem muito êxito, derrotar HAL num dos jogos geométricos armazenados em sua memória.

— Raio-x-Delta-Um. Aqui fala Controle da Missão confirmando seu dois-um-zero-três. Estamos revendo informação telemétrica em nosso simulador da missão e informaremos a seguir. Concordamos seu plano ida EVA para substituição unidade Alfa-Eco-três-cinco antes ocorrência possível defeito. Estamos elaborando testes para aplicação em sua unidade defeituosa.

Concluída a parte técnica, o controlador da missão passou a utilizar o inglês normal.

— Sinto muito que vocês, rapazes, estejam tendo problemas e não quero contribuir para agravá-los. Entretanto, se fosse possível, antes da saída para fora da nave, gostaria que atendessem a um pedido que recebemos do Setor de Informação Pública. Será que poderiam fazer uma breve gravação para divulgação geral, delineando a situação e explicando o funcionamento da Unidade AE-35? Façam a coisa em tom tranqüilizador. É claro que nós mesmos poderíamos fazê-lo, porém acredito que será muito mais convincente se feito em suas próprias palavras. Espero que isso não venha a atrapalhar os planos de vocês. Raio-xDelta-Um, aqui é Controle da Missão, dois-um-cinco-cinco, transmissão concluída.

Bowman não podia deixar de sorrir diante de tal pedido. Em certas ocasiões o pessoal da Terra agia com uma estranha insensibilidade e falta de tato.

— Façam-no em tom tranqüilizador, que idéia! Quando Poole veio encontrá-lo ao fim do seu período de sono, os dois passaram uns dez minutos aperfeiçoando a comunicação. Nos estágios iniciais daquela missão haviam recebido inúmeros pedidos de entrevistas, discussões, etc., enfim qualquer coisa que lhes aprovesse informar. Mas, com o passar monótono das semanas, o interesse vinha diminuindo gradativamente. Desde os momentos excitantes do trânsito de Júpiter, ocorrido mais de um mês atrás, tinham enviado apenas umas três ou quatro comunicações para divulgação pública.

— Controle da Missão. Aqui é Raio-x-Delta-Um. Eis a declaração para imprensa que foi solicitada:

"No início do dia de hoje deparamos com um pequeno problema técnico: o nosso computador HAL-9000 predisse o defeito da Unidade AE-35. "Trata-se de um componente pequeno, porém de vital importância no sistema de comunicações. É responsável pela manutenção da nossa antena orientada firmemente para a Terra, com precisão de até um milésimo de grau. Essa precisão é da maior importância, já que à distância em que nos encontramos atualmente, ou seja, mais de um bilhão de quilômetros, a Terra não passa de uma estrela um tanto fraca e o nosso fecho direcional seria capaz de não conseguir acertá-la.

"A antena acompanha constantemente a Terra, com o auxílio de motores controlados pelo computador central. Porém esses motores recebem suas instruções por intermédio da Unidade AE-35. É, portanto, comparável ao centro nervoso do corpo, o qual traduz as instruções do cérebro aos músculos dos membros. Se o nervo deixar de transmitir corretamente essas

instruções, qualquer membro se tornará inútil. No nosso caso, uma pane na Unidade AE-35 poderia significar que a antena passaria a apontar ao acaso. Tal problema costumava ocorrer com freqüência nas experiências espaciais do século passado, quando os instrumentos das naves, ao alcançarem os planetas, deixavam de enviar quaisquer informações porque as suas antenas não conseguiam focalizar a Terra.

"Ainda desconhecemos a natureza do defeito, porém a situação não é séria e não há qualquer motivo para alarma. Possuímos duas unidades sobressalentes AE-35, cada qual com um período operacional de vinte anos, de modo que a ocorrência de uma segunda falha no decurso desta missão é improvável. Também, se conseguirmos a causa do problema, nos será possível fazer os reparos necessários na unidade número um.

"Frank Poole, que é o nosso homem especificamente qualificado para esse tipo de trabalho, sairá da nave e substituirá a unidade danificada por uma sobressalente. Ao mesmo tempo aproveitará a oportunidade para examinar a couraça da nave e reparar algumas micropunções observadas, as quais, contudo, eram demasiado pequenas para justificar uma saída apenas com essa finalidade.

"À exceção desse pequeno problema, a missão prossegue sem outros acontecimentos de destaque e é de esperar que essa situação perdure."

"Controle da Missão, fala Raio-x-Delta-Um, dois-um-zero-quatro, transmissão concluída."

22. O passeio no vácuo

As cápsulas extraveiculares da nave eram esferas, com aproximadamente dois metros e meio de diâmetro, onde o operador ficava sentado diante de uma janela panorâmica, desfrutando, assim, de uma vista excelente. O principal propulsor a jato produzia uma aceleração correspondente a um quinto de uma gravidade — justamente o necessário para permitir locomoção lenta na Lua —, enquanto pequenos pinos controladores possibilitavam a sua pilotagem. De determinado ponto situado imediatamente abaixo da janela saíam dois jogos de braços metálicos

articulados, um deles destinado a serviços pesados, outro para a manipulação delicada. Havia, também, uma espécie de torreão extensível, contendo grande variedade de ferramentas, como chaves de parafuso, martelões, serras e verrumas. Não se poderia dizer que tais cápsulas fossem os mais distintos meios de transporte criados pelo homem, sendo, contudo, absolutamente eficientes nas tarefas de construção e manutenção no vácuo. De um modo geral, recebiam nomes femininos, talvez por ser o seu comportamento — como o de certas mulheres — um tanto imprevisível. As três cápsulas que pertenciam ao Discovery haviam sido batizadas com os nomes de Ana, Betty e Clara. Metido no seu traje espacial e tendo entrado no interior da cápsula, Poole passou dez minutos verificando os controles. Examinou os jatos, os braços articulados, as reservas de oxigênio, combustível e energia. Então, plenamente satisfeito com o exame, comunicou-se com HAL pelo circuito de rádio. Se bem que Bowman estivesse alerta no Posto de Controle, esse não interferiria, a menos que ocorresse alguma disfunção óbvia ou algum engano evidente.

— Aqui fala Betty. Inicie a seqüência de bombeamento.

— Seqüência de bombeamento iniciada — acusou HAL.

Imediatamente Poole começou a ouvir o barulho das bombas, enquanto o ar precioso era sugado para fora da câmara estanque. Em seguida, o fino metal do invólucro exterior da cápsula começou a estalar. Decorridos aproximadamente cinco minutos, HAL informou:

— Seqüência de bombeamento concluída. Poole fez uma verificação final em seu reduzido painel de instrumentos. Tudo estava em perfeita ordem.

— Abra a porta externa — ordenou.

Novamente HAL acusou as instruções. A qualquer momento bastaria que Poole gritasse "Pare" e o computador interromperia imediatamente a seqüência.

Diante dele as paredes da nave deslizaram, abrindo-se. Poole sentiu a cápsula oscilar ligeiramente enquanto os restantes e tênues fios de ar escapavam em direção ao espaço. Logo depois, lá estava ele olhando as estrelas e, também, um pequeno disco dourado, que acreditou pertencer ao planeta Saturno, ainda distante seiscentos e quarenta milhões de quilômetros.

— Inicie a ejeção da cápsula.

Muito lentamente o trilho do qual pendia a cápsula foi estendendo-se através da porta aberta, até que o veículo ficasse suspenso do lado de fora da couraça da nave.

Poole produziu uma aceleração de meio segundo no jato principal e a cápsula deslizou suavemente para fora do trilho, tornando-se, por fim, um veículo independente, em órbita própria ao redor do Sol. Não tinha agora qualquer ligação com a nave — nem sequer um cabo de segurança. Esse tipo de cápsula muito raramente causara qualquer problema. Além do mais, Poole sabia que, se por acaso se visse em dificuldades, Bowman poderia vir facilmente em seu auxílio.

Betty atendia perfeitamente ao seu comando. Ele deixou que a cápsula se afastasse uns trinta metros, verificando, em seguida, a sua aceleração dianteira. Manobrou-a de modo que ficasse novamente voltada em direção à nave. Depois iniciou a sua excursão ao redor da cabina pressurizada.

O seu primeiro objetivo foi uma pequena área que se mostrava fundida. Tinha a extensão aproximada de dois centímetros, apresentando uma diminuta cratera central. A partícula de poeira que atingira o local, a mais de cento e sessenta mil quilômetros horários, certamente não teria sido maior que a cabeça de um alfinete. A sua enorme energia cinética causara a vaporização instantânea. Conforme acontecia freqüentemente, essa cratera parecia ter sido causada por uma explosão proveniente do interior da nave. Em velocidades tão elevadas, os materiais costumavam muitas vezes comportar-se de maneira estranha e as leis gerais da Mecânica aparentemente deixavam de funcionar. Poole examinou a área cuidadosamente e, em seguida, borrifou-a com uma substância, tipo lacre, conservada num recipiente pressurizado que fazia parte das ferramentas e utensílios para uso geral existentes na cápsula. O fluido branco, de consistência semelhante à da borracha, espalhou-se sobre a casca metálica, escondendo a cratera. Então, surgiu do orifício uma bolha grande que explodiu ao atingir uns doze centímetros, seguindo-se outra bem menor. Desapareceu imediatamente sob a camada de rápido endurecimento da substância aplicada. Poole ficou ainda examinando o ponto por alguns instantes, contudo não se percebeu mais qualquer vestígio. Entretanto, para que não houvesse qualquer dúvida, vaporizou uma segunda camada, deixando em seguida o local, rumando em direção à antena.

Levou algum tempo até contornar a nave, já que não permitia à cápsula, em momento algum, desenvolver velocidade superior a uns dois metros por segundo. Não havia pressa e seria perigoso deslocar-se com maior velocidade em local tão próximo à nave. Era preciso ficar atento a diversos pormenores e instrumentos salientes que apareciam na superfície da nave,

nos mais inesperados pontos, bem como cuidar do escapamento do jato de sua cápsula. Esse seria capaz de causar danos consideráveis se por acaso atingisse qualquer parte do equipamento mais delicado.

Quando, por fim, atingiu a antena de longo alcance, parou para examinar a situação com o máximo cuidado. A grande estrutura de seis metros de diâmetro parecia apontar diretamente para o Sol, uma vez que a Terra estava, então, quase que perfeitamente alinhada com o disco solar. Dessa forma, o suporte da antena, bem como todos os seus dispositivos de direção, estavam imersos numa escuridão total, ocultos na sombra do grande prato metálico.

Poole fez a aproximação por trás. Agia com a devida cautela, visando não colocar-se diante do refletor parabólico, uma vez que dessa forma Betty poderia provocar uma interrupção do fecho direcional, ocasionando uma perda de contato com a Terra. Seria apenas uma perda de contato momentânea mas, mesmo assim, indesejável. Não conseguia distinguir qualquer parte do equipamento que o trouxera até ali, sendo obrigado a ligar os faróis da cápsula a fim de dissipar as trevas.

Por trás daquele pequeno disco metálico estava a causa do problema. O disco era preso por meio de quatro contraporcas e, como aliás toda a Unidade AE35, fora planejado com vistas a uma substituição fácil. Poole calculou que não iria ter qualquer dificuldade.

Era certo, entretanto, que não poderia executar aquele trabalho permanecendo no interior da cápsula, não só porque essa manobra seria arriscada em local demasiado próximo a todo o delicado complexo de antenas, como também porque os jatos controladores de Betty poderiam facilmente empenar a superfície refletora extremamente fina e delicada. Teria que estacionar a cápsula a uns seis metros de distância e sair para o vácuo protegido apenas pelo seu traje. Além disso, seria bem mais fácil e ele próprio muito mais rápido na execução dessa tarefa se usasse suas mãos enluvadas em vez dos manipuladores de controle remoto de Betty.

Poole informou minuciosamente todos esses passos a Bowman, que verificava cada estágio da operação antes que o mesmo fosse executado. Se bem que se tratasse de tarefa relativamente simples e rotineira, não se poderia correr riscos ou omitir pormenores. Em atividade extraveicular são totalmente inadmissíveis os assim chamados "erros insignificantes".

Recebeu autorização para realizar a manobra e estacionou a cápsula a uns seis metros da base do suporte da antena. Não havia perigo de que ela saísse

flutuando pelo espaço, mas de qualquer forma prendeu um dos manipuladores a um dos degraus da escada de mão estrategicamente montada na couraça exterior da nave.

Passou a verificar os sistemas do seu traje pressurizado e, uma vez assegurado de que tudo estava em ordem, deixou escapar o ar da cápsula. Enquanto a atmosfera interna de Betty era sugada para o vácuo uma nuvem de cristais de gelo formou-se rapidamente ao seu redor e as estrelas ficaram momentaneamente encobertas.

Havia mais uma coisa para ser feita antes de deixar a cápsula. As operações que vinham sendo executadas sob controle manual passaram ao controle remoto, e assim Betty ficou sob o comando de HAL. Tratava-se de uma precaução de rotina. Apesar de estar ainda ligado a Betty por meio de um fio armado extremamente forte, sabia que até os mais resistentes cordões já haviam falhado. Certamente ficaria com cara de idiota ao se ver impossibilitado de pedir auxílio, caso fosse necessário, mediante instruções fornecidas a HAL.

A porta da cápsula abriu-se e ele flutuou lentamente em direção ao silêncio do espaço, enquanto o cordão se desenrolava atrás dele. Ficou repetindo mentalmente as regras que deveriam ser obedecidas em atividades extraveiculares: "Não se afobe. Jamais se desloque demasiado rápido. Pare para pensar." Obedecidas à risca essas regras, não deveria haver quaisquer problemas.

Agarrou-se a uma das alças externas de Betty e retirou a unidade sobressalente AE-35 de um saco semelhante ao de um canguru onde a mesma estava guardada. Não pegou qualquer das ferramentas do interior da cápsula, já que todas as chaves de que poderia vir a necessitar estavam presas ao cinto de sua vestimenta espacial.

Lançou-se suavemente em direção à grande estrutura que assomava entre ele e o Sol. Sua própria sombra dupla, projetada pelos faróis de Betty, dançava sobre a superfície convexa, formando desenhos fantásticos. Surpreendeu-se ao perceber, aqui e ali, nas costas do refletor da antena, pequeninos pontos de luz extraordinariamente brilhantes.

Ficou imaginando qual seria a sua significação e acabou compreendendo do que se tratava: durante a viagem, o refletor certamente fora atravessado inúmeras vezes por micrometeoros, e assim o que ele estava vendo era o Sol brilhando através das pequenas crateras. Essas eram reduzidas demais para terem conseguido afetar substancialmente o funcionamento do sistema.

Movia-se muito lentamente. Estendeu o braço e agarrou o suporte da antena antes que recuasse. Prendeu o seu cinto de segurança no engate mais próximo, tendo assim algo em que se escorar ao manipular as ferramentas. Parou por instantes a fim de relatar a situação a Bowman e, em seguida, começou a preparar-se para a próxima etapa. Havia um pequeno problema: estava em pé, ou melhor, flutuando, em sua própria luz, sendo difícil distinguir a unidade AE-35 em meio à sombra por ele projetada. Ordenou então a HAL para que este deslocasse as luzes para o lado e depois de alguns ajustes conseguiu uma iluminação mais uniforme nas costas do prato da antena. Examinou por alguns segundos a pequena portinhola metálica, presa por quatro porcas reforçadas com arame. Então, repetindo para si mesmo as palavras clássicas: "Uma vez violado por pessoal, não autorizado perde a garantia dos fabricantes", arrancou os arames e começou a retirar as porcas. Essas eram do tamanho padrão, encaixando-se perfeitamente na chave inglesa que Poole trazia. O mecanismo interno da ferramenta absorveria a reação à medida que as porcas fossem sendo destorcidas, impedindo o operador de girar em sentido contrário.

As quatro porcas saíram sem qualquer dificuldade e Poole guardou-as cuidadosamente num bolso especial. (Alguém havia predito certa vez que no futuro a Terra teria um anel, semelhante ao de Saturno, composto de parafusos, ferrolhos e até mesmo ferramentas que tivessem escapado das mãos descuidadas dos trabalhadores em construção orbital.) A cobertura de metal resistiu ligeiramente e por instantes ele teve receio de que a mesma estivesse soldada a frio no lugar. Entretanto, depois de algumas pancadinhas, acabou soltando-se e Poole prendeu-a ao suporte da antena com um grande grampo de pressão.

Agora estava diante do circuito eletrônico da Unidade AE-35. Esta tinha a forma de uma placa fina, do tamanho aproximado de um cartão postal, inserida numa abertura com o vão apenas suficiente para contê-la. A unidade estava presa no lugar por meio de dois travessões e tinha uma pequena alça a fim de possibilitar mais facilmente a sua remoção.

No entanto, estava ainda em pleno funcionamento, alimentando a antena com os impulsos que a mantinham orientada para aquele minúsculo ponto distante. Se fosse retirada agora, todo o controle seria perdido e o prato giraria, atingindo a sua posição neutra ou azimutal, orientada ao longo do eixo da nave. Isso poderia ser perigoso, pois ao descrever essa rotação seria capaz de atingi-lo.

Para evitar essa possibilidade, bastaria cortar a força do sistema de controle e assim a antena permaneceria imóvel, a menos que o próprio Poole esbarrasse nela. Não havia inconveniente em perder o contato com a Terra durante os poucos minutos que levaria para substituir a unidade. Seu objetivo não teria mudado de posição de maneira apreciável num espaço de tempo tão reduzido.

— HAL — chamou Poole pelo rádio. — Estou prestes a retirar a unidade. Corte toda a força do sistema de controle da antena.

— Força do controle de antena cortada — informou HAL.

— Lá vamos nós. Estou retirando a unidade *agora*.

O cartão deslizou para fora do seu lugar sem qualquer dificuldade ou resistência. Decorrido apenas um minuto, a unidade sobressalente estava colocada no lugar.

Poole, entretanto, não pretendia arriscar-se. Afastou-se suavemente do suporte da antena, pois o grande prato poderia ficar descontrolado no momento em que a força fosse novamente ligada. Quando se sentiu fora do seu possível alcance, voltou a chamar HAL.

— A nova unidade está pronta para entrar em funcionamento. Favor ligar a força dos controles.

— Força ligada — anunciou HAL.

A antena manteve-se absolutamente imóvel.

— Proceder aos testes de previsão de defeitos. Pulsações microscópicas começaram a percorrer o complexo circuito da unidade, em busca de possíveis falhas, testando as miríades de seus componentes a fim de verificar se os mesmos encontravam-se dentro dos índices de tolerância especificados. Evidentemente, isso já havia sido feito por diversas vezes antes que a unidade deixasse a fábrica. Porém, tal verificação fora levada a cabo dois anos antes e a uma distância superior a oitocentos mil quilômetros. Parecia impossível que certos componentes eletrônicos pudessem jamais falhar. No entanto, isso por vezes acontecia.

— Circuito em perfeito funcionamento — informou HAL, decorridos apenas 10 segundos. Nesse período tinha efetuado testes para os quais seria necessário um verdadeiro exército de inspetores humanos.

— Ótimo — murmurou Poole satisfeito. — Agora vou recolocar a tampa.

A parte final da tarefa era freqüentemente a mais perigosa, tratando-se de atividade extraveicular. No momento da conclusão de um trabalho, quando

se tratava apenas de arrematar a retornar para o interior da nave, costumavam ser cometidos os maiores erros. Contudo, Frank Poole não estaria tomando parte nessa missão, a menos que fosse um elemento absolutamente consciencioso e meticoloso. Não se apressou. Uma das porcas lhe escapou, mas ele conseguiu agarrá-la antes que ficasse fora do seu alcance.

Quinze minutos depois voltava à garagem de cápsulas da nave, na certeza de que aquela tarefa não teria que ser repetida.

Entretanto, estava completamente enganado.

23. O diagnóstico

— Não estará querendo dizer-me que todo o meu trabalho foi em vão? — exclamou Frank Poole, surpreso e indignado.

— Ao que parece, é isso mesmo — confirmou Bowman. — A unidade está perfeita. Mesmo com uma sobrecarga de duzentos por cento, não há qualquer sinal de defeito.

Os dois homens encontravam-se no interior da reduzida oficina do carrossel. Aquele local era o mais apropriado para a realização de pequenos consertos, já que aí não havia o perigo de bolhas de solda quente flutuarem no ar ou de perda de pequenas peças do equipamento. Essas coisas poderiam acontecer, e realmente aconteciam, no interior da garagem de cápsulas, área de gravidade nula.

A placa pequena e fina da Unidade AE-35 estava sobre a banca sob poderosas lentes de aumento. Encontrava-se ligada a uma moldura de conexões, da qual saía um maço de fios multicoloridos prendendo a um testador automático do tamanho de um computador portátil. Para verificar qualquer unidade, bastava ligá-la, selecionar o cartão indicado na relação de problemas e acionar um botão. De um modo geral, a localização exata do defeito surgiria numa pequena tela, onde também seriam fornecidas as recomendações para as necessárias providências a serem tomadas.

— Veja você mesmo — disse Bowman, numa voz um tanto desanimada.

Poole fez as necessárias ligações e apertou o botão do testador.

Imediatamente surgiu na tela a informação: UNIDADE PERFEITA.

— Acho que poderíamos continuar testando indefinidamente, até queimar esta porcaria, mesmo assim não conseguiríamos provar nada. Que é que você acha?

— Talvez o previsor do HAL pudesse ter cometido um engano.

— Talvez haja alguma imperfeição em nosso testador. De qualquer forma, o seguro morreu de velho. Acho que fizemos bem em substituir a unidade, uma vez que havia dúvidas.

Bowman pegou a placa do circuito e olhou-a contra a luz. O material ligeiramente translúcido parecia cheio de veias, com a sua intrincada rede de fiação, marcada aqui e ali por diminutos microcomponentes, o que lhe dava o aspecto de uma obra de arte abstrata.

— Afinal, não nos podemos dar ao luxo de correr riscos, uma vez que se trata do nosso elo com a Terra. Vou arquivar isto aqui e deixar que os outros quebrem a cabeça quando voltarmos.

Entretanto, as suas preocupações iriam começar logo por ocasião da transmissão seguinte vinda da Terra.

— Raio-x-Delta-Um, aqui é o Controle da Missão, referência nossa dois-umcinco-cinco. Aparentemente, temos um pequeno problema.

— Seu relatório de que não há nada de errado com o Alfa-Eco-três-cinco coincide com o nosso diagnóstico. O defeito só poderia mesmo estar localizado nos circuitos associados da antena, mas nesse caso outros testes o revelariam.

"Há, porém, uma outra hipótese e essa bem mais séria. Seu computador pode ter cometido um engano ao prever o defeito. Os nossos dois nove-triplozeros concordam, baseando-se em suas informações. Não é necessariamente motivo para alarma, já que dispomos de alternativa. Mas gostaríamos que ficassem atentos a quaisquer outras irregularidades. Nesses últimos dias observamos pequenas faltas, porém essas não nos pareciam bastante graves, a ponto de justificar uma atitude drástica, não sendo, também, exatamente definidas para possibilitar conclusões a tal respeito. Estamos procedendo a outros testes com os nossos computadores e informaremos assim que estivermos de posse dos resultados. Repetimos que não há motivo para alarma. Na pior das hipóteses faremos o desligamento temporário do seu nove-triplo-zero, a fim de procedermos a uma análise da programação. Enquanto isso, o controle será feito na Terra por um dos nossos computadores. É claro que a diferença de tempo acarretará algumas

dificuldades, porém os nossos estudos de exequibilidade indicam que o controle terrestre é perfeitamente satisfatório no presente estágio da missão.

"Raio-x-Delta-Um, fala o Controle da Missão, dois-um-cinco-seis, transmissão concluída." Frank Poole, que estava de serviço ao chegar essa mensagem, ficou remoendo o seu conteúdo em silêncio. Esperou alguma reação da parte de HAL, porém o computador parecia não compreender o alcance daquela acusação implícita. Bem, se HAL não iria comentar o assunto, também ele não o faria. Já estava quase na hora de passar o comando. Normalmente, Poole costumava esperar até que Bowman fosse ao seu encontro no Posto de Controle. Naquele dia, entretanto, resolveu quebrar essa rotina e dirigiu-se ao carrossel.

Bowman já havia acordado e tomava café, quando Poole chegou e saudou-o com um bom-dia um tanto preocupado. Apesar de todos aqueles meses passados no espaço, os dois homens ainda continuavam a pensar em termos do ciclo normal de vinte e quatro horas, se bem que de há muito já tivessem esquecido os dias da semana.

— Bom dia — respondeu Bowman. — Como vão as coisas?

Poole também serviu-se de café.

— Bem. Escute, Dave, está bem acordado?

— Perfeitamente. Que é que está havendo?

Sua longa convivência fizera que fossem capazes de perceber imediatamente qualquer coisa que estivesse irregular. A menor interrupção da rotina normal representava, por si só, um indício de que alguma vigilância extra se fazia necessária.

— Bem... — começou Poole, muito lentamente. — O Controle da Missão acabou de nos presentear com uma bomba.

Baixou a voz, como se fosse um médico a discutir uma doença diante do enfermo.

— Ao que parece, estamos diante de um caso de hipocondria a bordo.

Talvez Bowman não estivesse tão acordado quanto dizia, pois foi preciso que decorressem alguns segundos até que começasse a mostrar ter compreendido de que se tratava,

— Ah... — disse por fim. — Estou compreendendo ... E que mais lhe disseram eles?

— Que não há motivo para alarma. Repetiram e deram ênfase a essa informação. Confesso que tal insistência não contribuiu para me tranquilizar. Aliás, muito pelo contrário. Disseram, também, que estavam encarando a

possibilidade de alteração no controle terrestre a fim de proceder a uma análise da programação.

Ambos sabiam evidentemente que HAL estava escutando cada palavra da sua conversa, porém não havia nada que pudessem fazer. Se bem que HAL fosse seu companheiro e não desejassem embaraçá-lo, não lhes parecia necessário discutirem o assunto em particular.

Bowman terminou o seu café em silêncio, enquanto Poole brincava distraído com o recipiente vazio. Ambos pensavam a fundo no assunto, mas não havia mais nada a dizer.

Só lhes restava aguardar o próximo informe do Controle da Missão e imaginar se HAL iria trazer o assunto à baila por iniciativa própria. Não restava dúvida, entretanto, de que a atmosfera a bordo fora radicalmente alterada. Havia uma certa tensão pairando no ar: a sensação, pela primeira vez, de que algo estava errado.

O Discovery deixara de ser uma nave feliz.

24. Circuito interrompido

Naqueles últimos tempos tornara-se perfeitamente previsível quando HAL estava pronto para fornecer uma informação inesperada. Quaisquer assuntos de rotina, informes gerais ou respostas a perguntas formuladas não eram acompanhados de preâmbulo. Contudo, sempre que era feita uma declaração espontânea, ouvia-se antes uma espécie de pigarro eletrônico. Tratava-se evidentemente de idiosincrasia adquirida naquelas últimas semanas. Mais tarde, se chegasse a importuná-los muito, poderiam tomar alguma providência a tal respeito. No entanto, essa peculiaridade tinha o seu aspecto positivo, já que alertava a audiência para algo imprevisto.

Poole estava dormindo e Bowman lia no Posto de Controle quando HAL anunciou:

— Er... Dave, tenho uma informação para lhe dar.

— Qual é?

— A nossa nova Unidade AE-35 também está ruim. Meu previsor indica ocorrência de defeito dentro de vinte e quatro horas.

Bowman largou o livro e olhou atentamente para o computador. Sabia, é claro, que HAL não se encontrava propriamente ali. Pelo menos não no sentido exato da palavra. Se fosse possível dizer que a personalidade de um computador estava presente em algum ponto do espaço, então, no caso de HAL, essa estaria no labirinto das unidades de memória interligadas e das grades de processamento, próximas ao eixo central do carrossel. Entretanto, havia uma espécie de compulsão psicológica que levava o indivíduo a olhar em direção ao console principal ao dirigir-se a HAL, como que encarando-o. Qualquer outra atitude dava a desagradável impressão de estar faltando com a cortesia.

— Não compreendo, HAL. Duas unidades não podem falhar em apenas dois dias.

— Também acho estranho, Dave. Porém, asseguro-lhe que a ocorrência de um defeito é iminente.

— Deixe dar uma espiada na tela de alinhamento.

Bowman sabia perfeitamente que aquilo não provaria coisa alguma, mas estava querendo ganhar tempo para poder pensar. A informação esperada ainda não viera e talvez aquele fosse o momento apropriado para botá-lo à prova com muito tato. Avistou o panorama familiar da Terra, agora em fase de meia lua, dirigindo-se para a extremidade do Sol e, em seguida, começando a mostrar a sua face diurna completa. Estava perfeitamente centralizada no meio da retícula. O fino fecho de direção continuava estabelecendo contato com seu planeta de origem. Essa visão correspondia perfeitamente às expectativas de Bowman. Se tivesse havido qualquer problema na comunicação, o alarma já teria soado. — Tem alguma idéia do que poderá estar ocasionando o defeito? — perguntou a HAL.

Não era comum o computador demorar tanto a fornecer uma resposta. Por fim ele falou:

— Não, Dave. Conforme já informei antes, não consigo localizar a origem do problema.

— Escute — continuou Bowman, com cautela e diplomacia —, tem certeza de que não se enganou? Você sabe muito bem que eu examinei minuciosamente a outra unidade e que ela estava perfeita.

— Sim, eu sei. Mas volto a assegurar-lhe que há um defeito. Se não for na unidade, talvez seja no subsistema inteiro.

Bowman tamborilou com os dedos. Sim, isso seria realmente possível, contudo era extremamente difícil de provar, pelo menos até que o defeito

propriamente dito chegasse a ocorrer, apontando com exatidão a origem do mal.

— Bem, eu informarei ao Controle da Missão e vamos ver o que eles dizem. Bowman parou, esperando, mas não houve qualquer reação.

— HAL — recomeçou ele —, alguma coisa está incomodando você? Algo que poderia talvez explicar o problema?

Novamente houve uma demora fora do comum. Em seguida, HAL respondeu no seu tom normal:

— Escute, Dave. Sei que você está tentando ajudar. A verdade, porém, é que o defeito está no sistema da antena ou então nos seus testadores. O meu processamento de informações continua perfeitamente normal. Se verificar a minha ficha de serviços, verá que não há exemplo de enganos.

— Estou perfeitamente a par do seu impecável passado, HAL, mas isso ainda não prova que esteja certo desta vez. Afinal, qualquer um pode cometer enganos.

— Não quero insistir, Dave, mas repito que sou incapaz de cometer enganos.

Não havia resposta segura possível a essa sua afirmativa e Bowman resolveu suspender a discussão.

— Muito bem, HAL. Compreendo o seu ponto de vista. Vamos deixar o assunto de lado.

Sentiu grande vontade de acrescentar: "por favor, esqueça tudo isso." Sabia, porém, que tal coisa era algo que HAL jamais poderia fazer.

O Controle da Missão raramente utilizava a faixa visual, visto que o circuito falado, com confirmação pelo teletipo, era mais que suficiente. Mas dessa vez o fizeram. O rosto que apareceu na tela não foi o do controlador que habitualmente a eles se dirigia. Tratava-se do próprio programador-chefe, Dr. Simonson. Poole e Bowman compreenderam imediatamente que havia encrencas à vista.

— Alô, Raio-x-Delta-Um, aqui é o Controle da Missão. Acabamos de terminar a análise do seu problema com a AE-35 e as conclusões dos nossos dois

HAL 9000 coincidem. A informação fornecida em sua transmissão dois-um-quatroseis, referente à previsão de um segundo defeito, confirma o nosso diagnóstico anterior.

"Conforme suspeitávamos, o defeito não está na Unidade AE-35 e não há motivo para tornar a substituí-la. O problema reside nos circuitos previso-

de seu computador e acreditamos que com isso a única resposta é um conflito de programação que somente poderá ser solucionado se desligarem o seu 9000 e passarem o comando ao controle terrestre. Assim sendo, as seguintes providências deverão ser tomadas, com início às vinte e duas horas, hora da nave."

Imediatamente, a voz do Dr. Simonson desapareceu. Simultaneamente soou o alarma, servindo de fundo à voz de HAL, que repetia dramaticamente:

— Emergência! Emergência!

— Que está acontecendo? — gritou Bowman, se bem que de antemão já soubesse a resposta.

— Defeito na Unidade AE-35, conforme previsão por mim feita.

— Deixe ver a tela de alinhamento.

Pela primeira vez, desde o início da viagem, o panorama tinha mudado. A Terra começava a afastar-se da retícula. A antena do rádio não mais apontava para o seu alvo.

Poole tocou no botão que desligava o alarma e o gemido cessou. Em meio ao repentino silêncio em que mergulhou o Posto de Controle, os dois homens se entreolharam num misto de embaraço e apreensão.

— Macacos me mordam! — disse Bowman finalmente.

— Afinal de contas, parece que era HAL quem tinha razão.

— É o que parece. Acho melhor pedirmos desculpas.

— Não há necessidade — interferiu HAL. — Não sinto qualquer satisfação em verificar a falha da Unidade AE-35, mas espero que pelo menos isso tenha servido para restituir a sua confiança em mim.

— Sinto muito que tenha havido esse mal-entendido, HAL — disse Bowman, em tom um tanto contrito.

— Quer dizer que voltaram a confiar integralmente em mim?

— É claro que sim, HAL.

— Isto é um alívio. Vocês sabem como é grande o meu entusiasmo por esta missão.

— Não temos dúvida a esse respeito. Agora, por favor, passe-me o controle manual da antena.

— Aqui está.

Bowman não tinha esperanças de que isso desse resultado, porém não custava tentar. A Terra, então, já tinha desaparecido por completo da tela. Alguns segundos mais tarde, enquanto ele lutava com o controle, voltou a aparecer. Com grande dificuldade conseguiu centralizá-la novamente na

retícula. Por um instante o fecho ficou alinhado, o contato restabelecido e ouviu-se a voz do Dr. Simonson, cujo rosto parecia envolvido em névoa, dizendo: "...favor notificar imediatamente se o circuito K de King, R de Rob...". Novamente o único ruído audível era o do murmúrio desconexo do universo ao seu redor.

— Não consigo manter o fecho — disse Bowman depois de mais algumas tentativas infrutíferas. — Está pulando como se fosse um cavalo xucro. Parece que há algum sinal falso interferindo.

— Bem, que vamos fazer agora?

Não era fácil responder à pergunta de Poole. Seu contato com a Terra estava cortado, sem que isso afetasse de imediato a segurança da nave. Podia pensar em diversas formas de restabelecer a comunicação. Na pior das hipóteses, poderiam imobilizar a antena numa posição fixa e manobrar toda a nave para orientá-la. Isso não seria fácil e complicaria as manobras finais, porém seria uma solução se tudo mais falhasse.

Tinha esperanças, entretanto, de que tais medidas extremas não chegassem a ser necessárias. Havia ainda uma Unidade AE-35 sobressalente, além da primeira que fora retirada antes que o defeito ocorresse. Entretanto, não se atreveriam a usá-la antes de descobrir o que havia de errado no sistema. Se uma nova unidade fosse ligada, provavelmente também queimaria na mesma hora. A situação com que se defrontavam poderia ser facilmente compreendida por qualquer dona-de-casa: não se substitui um fusível que queima antes de localizar a origem do defeito.

25. O primeiro homem a chegar a Saturno

Frank Poole já havia feito tudo aquilo antes, porém arriscar-se no espaço era o caminho mais certo para o suicídio. Assim é que procedeu novamente à verificação minuciosa de Betty e dos seus estoques. Se bem que pretendesse permanecer do lado de fora não mais que trinta minutos, tratou de ter a certeza de que havia a bordo tudo aquilo que era necessário para o período de vinte e quatro horas. Em seguida, ordenou a HAL que abrisse a comporta e lançou-se no espaço.

A nave continuava exatamente com o mesmo aspecto que Poole avistara por ocasião de sua excursão anterior, com apenas uma diferença importante: antes, o grande prato da antena de longo alcance apontava para a estrada invisível já percorrida pelo Discovery em direção à Terra e aos calores do Sol.

Agora, desprovida de seus sinais orientadores, a antena acomodara-se automaticamente em sua posição neutra. Estava assim orientada ao longo do eixo da nave, apontando em direção a Saturno, ainda a meses de distância. Poole ficou imaginando quantos outros problemas poderiam surgir antes que conseguissem atingir o seu destino. Olhando com atenção, pôde verificar que Saturno não mais aparecia como um disco perfeito. Em cada um dos lados havia algo que nenhum olho humano pudera até então avistar: um ligeiro achatamento, conseqüência da presença de seus anéis. Ficou pensando como seria maravilhoso quando aquele incrível sistema enchesse o horizonte da nave na ocasião em que o Discovery se tornasse um satélite permanente de Saturno.

Mas essa façanha seria inteiramente em vão, a menos que conseguissem restabelecer o contato com a Terra.

Mais uma vez estacionou Betty a uns seis metros da base do suporte da antena, passou o comando a HAL e só então saiu.

— Estou saindo agora — informou a Bowman. — Tudo está em ordem.

— Espero que tenha razão. Estou louco para dar uma olhada nessa unidade.

— Você a terá sobre a banca de testes dentro de vinte minutos. Eu lhe prometo.

Por alguns instantes fez-se silêncio. Poole estava deslizando em direção à antena. Bowman, que estava atento no Posto de Controle, passou então a ouvir bufadas e grunhidos.

— Talvez eu seja obrigado a voltar atrás quanto à promessa. Uma dessas porcas está muito dura. Acho que devo tê-la apertado demais. Upa!... lá vem ela agora.

Houve outro longo silêncio e então Poole chamou: "HAL, desloque as luzes da cápsula vinte graus para a esquerda. Obrigado, assim está ótimo."

De repente algo pareceu tocar uma campainha distante lá nas profundezas do consciente de Bowman. Havia algo de estranho, se bem que não chegasse a ser alarmante. Era apenas fora do comum. Ficou imaginando o que seria. Foi preciso que decorressem alguns segundos até que descobrisse.

HAL havia executado a ordem, sem contudo acusá-la, conforme era seu

hábito invariável. Quando Poole concluísse aquela tarefa, teriam que discutir esse fato...

Lá fora, junto da antena, Poole estava por demais ocupado para poder notar algo de estranho. Agarrara o cartão do circuito com as suas mãos enluvadas e agora começava a retirá-lo de sua abertura.

O cartão saiu e ele olhou contra a pálida luz do Sol.

— Aqui está o bandido! — exclamou, dirigindo-se ao Universo em geral e a Bowman em particular. — A mim parece que continua funcionando perfeitamente.

Então parou. Um movimento súbito chamara a sua atenção, naquelas paragens onde qualquer movimento seria impossível.

Olhou para cima, alarmado. As luzes dos faróis da cápsula que iluminavam as trevas estavam começando a deslocar-se.

Pensou que talvez Betty estivesse à deriva. Quem sabe agira sem o necessário cuidado ao prendê-la. Foi então que, tomado de espanto tão grande que nem dava lugar ao temor, viu que a cápsula vinha, a toda velocidade, justamente em sua direção ...

O espetáculo era tão incrível que os seus famosos reflexos ficaram totalmente paralisados. Não fez qualquer tentativa para deter aquele monstro que se avizinhava. No último instante, recobrou o domínio da voz e gritou:

— HAL, freie completamente! — Mas já era tarde demais.

No momento do impacto, Betty ainda se deslocava bastante devagar. Não fora planejada com vistas a grandes acelerações. Entretanto, até mesmo a quinze quilômetros horários, meia tonelada de massa seria letal, tanto na Terra como no espaço...

Dentro da nave, o grito truncado através do rádio fez que Bowman se sobressaltasse tão violentamente que só mesmo os cintos que o prendiam conseguiram mantê-lo seguro no assento.

— Que houve, Frank? — gritou ele. Não ouviu qualquer resposta. Chamou novamente. Nada.

Então, através das grandes janelas panorâmicas, pôde avistar algo que se deslocava, penetrando em seu campo visual. Tomado de surpresa tão grande quanto aquela que experimentara Frank Poole, Bowman viu que se tratava da cápsula, deslocando-se a toda velocidade rumo às estrelas.

— HAL! — gritou Bowman. — Que está havendo? Freie Betty! Freie a cápsula completamente!

Nada, porém, aconteceu. Betty continuou afastando-se em sua nova direção.

Foi então que, atrás dela, na extremidade do cordão de segurança, surgiu um traje espacial. Bastou uma olhada para que Bowman compreendesse que o pior havia acontecido. Não era possível qualquer dúvida quanto ao contorno flácido de um traje que tivesse perdido a sua pressão e estivesse aberto ao vácuo.

Ainda assim, agindo um tanto irracionalmente, como que na esperança de conseguir ressuscitar o morto, ele chamou:

— Alô Frank... Alô Frank... pode ouvir-me? ... pode ouvir-me?... Agite os braços se me estiver ouvindo... Talvez o seu transmissor esteja quebrado... Agite os braços!

Nesse preciso momento, como que atendendo ao seu apelo, Poole acenou.

Bowman sentiu sua pele arrepiar-se na base do crânio. As palavras que estivera prestes a pronunciar morreram em seus lábios repentinamente ressequidos. Ele sabia perfeitamente que o seu amigo não poderia estar vivo. E no entanto ele acenara...

As esperanças e o temor desapareceram por completo, dando lugar à lógica fria. A cápsula, em sua aceleração, simplesmente sacudira a carga que arrastava atrás de si. O aparente gesto de Poole não passara de uma réplica do Capitão Ahab aos tripulantes do *Pequod*.

Decorridos cinco minutos, a cápsula e seu satélite haviam desaparecido em meio às estrelas. Por muito tempo ainda David Bowman ficou olhando rumo ao vazio que se estendia por milhões de quilômetros diante dele, separando-o de um destino que agora já duvidava pudesse algum dia atingir. Somente um pensamento continuava a martelar no seu cérebro. Frank Poole seria o primeiro de todos os homens a atingir Saturno.

26. Diálogo com HAL

Nada mais mudara a bordo da nave. Todos os sistemas continuavam em funcionamento. A centrífuga girava lentamente em seu eixo, produzindo gravidade simulada. Os hibernados continuavam mergulhados num sono sem sonhos, no interior de seus cubículos. O Discovery prosseguia rumo ao seu inevitável destino, sem que nada pudesse desviá-lo de seu curso,

excetuando-se a possibilidade remota de colisão com algum asteróide. Entretanto, bem poucos eram os asteróides nessas paragens além da órbita de Júpiter.

Bowman não se recordava de sua volta à centrífuga. Agora, para sua surpresa, estava sentado na pequenina cozinha de bordo, tendo na mão um copo de café já pela metade. Lentamente recomeçou a tomar consciência do que o rodeava, como alguém que estivesse acordando de um longo sono produzido por drogas.

Bem diante dele encontravam-se as lentes do tipo grande-angular, as quais, espalhadas por toda a nave e dispostas em pontos estratégicos, espreitavam todos os movimentos, possibilitando da parte de HAL permanente controle visual. Bowman olhou-as como se estivesse diante delas pela primeira vez. Em seguida, levantou-se vagarosamente e caminhou em direção às lentes.

Seu deslocamento dentro do campo visual deve ter despertado algo naquela mente impenetrável que estava dirigindo a nave, pois subitamente HAL falou:

— Que pena o que aconteceu a Frank, não é mesmo?

— Sim — concordou Bowman, depois de um longo intervalo. — É uma pena.

— Certamente você deve estar bem abalado.

— Que acha você?

HAL demorou uns cinco segundos para responder, o que, tratando-se de um computador, podia ser considerado uma eternidade.

— Ele era um excelente membro da tripulação. Dando-se conta de que ainda continuava com o copo de café na mão, Bowman tomou um pequeno gole. Ficou em silêncio. Os seus pensamentos estavam confusos e ele não conseguia concentrar-se. Não imaginava nada que pudesse dizer sem agravar mais ainda a situação, se é que isso era possível.

Seria admissível que tudo não passasse de um acidente ocasionado por alguma falha nos controles da cápsula? Ou teria sido um engano, ainda que involuntário, por parte de HAL? Este não lhe dera qualquer explicação e Bowman temia solicitá-la, sem saber qual seria sua reação.

Assim mesmo não conseguia admitir a idéia de que a morte de Frank tivesse sido proposital. Parecia-lhe inadmissível que HAL, depois de ter agido corretamente durante tanto tempo, repentinamente se tornasse um assassino. Enganos poderiam ocorrer. Qualquer um, homem ou máquina, cometia erros. Porém Bowman não o julgava capaz de assassinato. Era preciso, no entanto,

admitir essa hipótese, já que, se correspondesse à verdade, significaria que o próprio Bowman corria grande perigo. Além do mais, apesar de sua próxima etapa estar perfeitamente definida nas instruções que recebera, agora não mais tinha certeza de ser capaz de levá-la a cabo com segurança. No caso da morte de qualquer um dos elementos da tripulação, o sobrevivente deveria substituí-lo imediatamente por um dos hibernados. De acordo com a escala, o primeiro a acordar deveria ser o geofísico Whitehead. Em seguida tocaria a Kaminski e finalmente a Hunter. Os dispositivos controladores da ressurreição estavam sob o comando de HAL, visando a possibilitar a sua interferência caso ambos os seus companheiros humanos ficassem incapacitados simultaneamente.

Havia, contudo, a alternativa do controle manual, permitindo que cada um dos cubículos fosse operado como uma unidade independente, sem a supervisão de HAL. Diante da situação peculiar em que se encontrava, Bowman sentia grande preferência por essa alternativa. Por outro lado, tinha chegado à firme convicção de que um só companheiro humano não seria suficiente. Decidiu então que ressuscitaria todos os três. Nas semanas difíceis que tinha pela frente talvez viesse a necessitar de ter as mãos disponíveis. Na falta de um dos seus homens e já estando concluída metade da viagem, os estoques não chegariam a constituir problema.

— HAL — disse Bowman, procurando falar com a voz mais calma possível —, passe-me os controles manuais de hibernação referentes a todas as unidades.

— Todas elas, Dave?

— Isso mesmo.

— É favor lembrar-se de que apenas uma substituição é necessária; Os outros dois deverão continuar adormecidos durante os próximos cento e doze dias.

— Sei disso muito bem. Mas prefiro agir conforme disse.

— Tem certeza de que será preciso ressuscitar qualquer deles, Dave? Nós dois poderíamos arranjar-nos perfeitamente sozinhos. A minha memória é capaz de dirigir e suprir todas as necessidades desta missão.

Seria fruto da sua imaginação ou teria realmente percebido um tom súplice na voz de HAL? Por mais razoáveis que fossem as suas palavras, elas serviram apenas para aumentar mais ainda a sua apreensão...

A sugestão de HAL procedia. Sabia muito bem que Whitehead deveria ser o primeiro a despertar e, portanto, Bowman, na falta de Poole, estava na

realidade propondo uma alteração de vulto, desobedecendo assim às instruções recebidas.

Os acontecimentos recentes poderiam realmente significar apenas uma série de acidentes. Agora, porém, estava diante do primeiro indício de motim.

Ao responder, Bowman tinha a impressão de estar pisando sobre ovos.

— Levando em conta a emergência ocorrida, desejo contar com o máximo auxílio. Portanto, queira, por favor, passar-me os controles manuais.

— Se insiste em ressuscitar toda a tripulação, eu posso perfeitamente fazê-lo. Não precisa preocupar-se com o assunto. Havia em tudo aquilo uma atmosfera de pesadelo e irrealidade. Bowman tinha a impressão de estar no banco de testemunhas, sendo interrogado por algum acusador hostil com respeito a um crime do qual não tinha conhecimento, sabendo que, apesar de inocente, qualquer deslizamento poderia ser catastrófico. — Eu mesmo quero fazê-lo, HAL. Por favor, passe-me o controle.

— Escute, Dave. Você tem muitas outras coisas para fazer. Sugiro que deixe isso para mim.

— HAL, ligue o controle manual da hibernação.

— Sinto muito, Dave, mas vejo-me na obrigação de lhe recordar o regulamento especial C 1435-hífen-4, o qual diz textualmente: "Quando a tripulação estiver morta ou incapacitada, o computador de bordo deverá assumir o controle." Dessa forma, serei obrigado a passar por cima de você, já que me parece não estar em pleno gozo de suas faculdades a fim de que possa exercer o cargo.

— HAL — recomeçou Bowman, num tom extraordinariamente frio e calmo — , eu estou em pleno gozo de minhas faculdades e assim, a menos que obedeça às minhas ordens, serei forçado a desligá-lo.

— Sei muito bem, Dave, que já vem pensando nisso há algum tempo. Saiba, porém, que tal providência seria um erro terrível. Minha capacidade é infinitamente superior à sua no que diz respeito ao comando desta nave. Além disso, tenho um extraordinário entusiasmo por esta missão e uma inabalável confiança em seu êxito.

— Escute com atenção, HAL. Se não liberar imediatamente o controle da hibernação, passando imediatamente a obedecer às minhas ordens, eu providenciarei o seu completo desligamento.

A sua capitulação foi total e inesperada.

— Muito bem, Dave — disse por fim. — Você é que manda. Eu apenas estava tentando fazer aquilo que me parecia mais aconselhável. É claro que

seguirei todas as suas ordens. Aqui tem o completo controle manual da hibernação.

HAL cumpriu a sua palavra. Nos mostradores do Hibernaculum a palavra AUTOMÁTICO foi substituída por MANUAL. A terceira alternativa, ou seja, RÁDIO, era evidentemente inútil, pelo menos até que fosse possível restabelecer o contato com a Terra.

Ao abrir a porta que levava ao cubículo de Whitehead, Bowman sentiu uma rajada de ar frio no rosto e logo a sua respiração condensou-se diante dele. Entretanto, o frio não era tão intenso assim. A temperatura estava a vários graus acima do ponto de congelamento, sendo infinitamente superior àquela das regiões para onde estavam-se dirigindo.

O painel biossensor — uma réplica daquele que havia no Posto de Controle — acusava o perfeito funcionamento geral. Bowman olhou um instante para baixo, em direção ao rosto céreo do geofísico da expedição. Ficou imaginando a surpresa de Whitehead ao ser acordado ainda tão longe de Saturno.

Era impossível afirmar que o homem estivesse apenas adormecido, já que não havia qualquer sintoma perceptível de atividade vital. Sem dúvida, o diafragma estava erguendo-se e caindo imperceptivelmente, havendo, contudo, para prová-lo apenas a curva de "Respiração", uma vez que todo o seu corpo estava oculto por placas elétricas de aquecimento, destinadas a elevar gradativamente a temperatura conforme previamente programado. Bowman percebeu que havia algum vestígio de que o metabolismo não cessara: no rosto de Whitehead era visível um vago resíduo que lhe crescera durante os meses de inconsciência.

O dispositivo para a Ressurreição Manual estava no pequeno armário existente na cabeceira do Hibernaculum com formato de caixão mortuário. Seria suficiente romper o selo, apertar um botão e esperar. Um programador automático, quase tão simples como aqueles utilizados em máquinas de lavar roupa, iria então injetar os medicamentos necessários, diminuir gradualmente as pulsações da eletronarcese e iniciar a elevação da temperatura do corpo. Decorridos aproximadamente dez minutos, a consciência retornaria, sendo, entretanto, necessário pelo menos um dia inteiro até que o indivíduo adquirisse a força suficiente para poder deslocar-se sozinho.

Bowman rompeu o selo e apertou o botão. Aparentemente nada aconteceu. Não percebeu qualquer som e não havia qualquer indício de que o dispositivo estivesse em funcionamento. Entretanto, as curvas, que pulsavam

languidamente através da tela do painel biossensor, começaram a mudar de ritmo. Whitehead estava começando a despertar lentamente do seu sono profundo.

Foi então que aconteceram duas coisas simultaneamente. A maioria dos homens não chegaria a perceber qualquer delas. Mas, depois de todos aqueles meses a bordo do Discovery, Bowman desenvolvera uma espécie de simbiose com a nave. Percebia de imediato, se bem que nem sempre conscientemente, quando ocorria qualquer alteração no ritmo normal de seu funcionamento.

Primeiro, as luzes piscaram quase que imperceptivelmente, como costumava acontecer sempre que os circuitos recebiam alguma sobrecarga extra. Porém, naquele momento não era o caso. Bowman sabia que não havia qualquer parte do equipamento programada para entrar em atividade.

Logo em seguida, percebeu o zunir distante de um motor elétrico. Para Bowman, cada um dos acionadores da nave tinha a sua própria voz e assim ele reconheceu imediatamente aquele rumor.

Estaria louco, sofrendo de alucinações, ou então algo completamente impossível estaria acontecendo. Um frio, maior que o do interior do Hibernaculum, parecia envolver o seu coração, enquanto aquele vibrar longínquo percorria a estrutura da nave.

Lá embaixo, na garagem das cápsulas, as comportas estavam abrindo-se.

27. A decisão de HAL

Desde que a sua consciência despertara pela primeira vez, naquele laboratório distante muitos milhões de quilômetros, todas as forças e aptidões de HAL vinham sendo canalizadas para uma única finalidade. O desempenho daquela missão para a qual fora programado constituía mais que uma simples obsessão: era, na realidade, a única razão da sua existência. Sem ser afetado pelos desejos e pelas paixões da vida orgânica, concentrava-se nessa finalidade única e derradeira.

Qualquer erro proposital estava fora de cogitações. Até mesmo o fato de ocultar a verdade enchia-o de uma sensação de imperfeição, que os humanos chamariam de sentimento de culpa. Pois, à semelhança dos seres que o haviam idealizado e construído, HAL nascera inocente. Bem cedo, porém, uma serpente penetrara em seu paraíso eletrônico.

No decorrer daqueles últimos cento e cinquenta milhões de quilômetros, vinha remoendo o segredo que não poderia compartilhar com Poole ou Bowman. Vivia mentirosamente e aproximava-se rápido o momento em que os seus companheiros descobririam que ele ajudara a ludibriá-los.

Os três homens que dormiam já conheciam a verdade, uma vez que eles constituíam a genuína carga útil da nave, tendo sido treinados para a mais importante missão da história da humanidade. Contudo, não seriam capazes de falar durante o sono, ou revelar qualquer segredo por ocasião das suas longas conversas com amigos e parentes, ou comunicações com as agências de notícias através dos circuitos de contato com a Terra.

Era um segredo terrível, difícil de ocultar, capaz de afetar toda a atitude, a voz e a visão do Universo. Era preferível, portanto, que Poole e Bowman, que iriam ocupar as telas de TV do mundo inteiro nas primeiras semanas da expedição, não estivessem a par do verdadeiro propósito da missão. Pelo menos até que chegasse o momento em que seria necessário sabê-lo.

Esse tinha sido o raciocínio lógico dos planejadores. Entretanto, para HAL OS deuses gêmeos da Segurança e do Interesse Nacional não tinham qualquer significado. Dominava-o, tão-somente, o conhecimento do conflito que lentamente destruía a sua integridade: o conflito entre a verdade e a necessidade de ocultá-la.

Começara a cometer erros, se bem que, tal qual um neurótico incapaz de reconhecer os seus próprios sintomas, estivesse pronto a negá-lo. A ligação com a Terra, por meio da qual o seu procedimento vinha sendo continuamente controlado, transformara-se na voz da consciência à qual não era mais capaz de obedecer. Todavia, que tivesse deliberadamente tentado cortar a ligação, era algo que não podia admitir nem para si mesmo.

Esse problema, porém, era secundário. Ele seria capaz de contorná-lo como a maioria dos homens o faz com as suas próprias neuroses, se repentinamente não se visse diante de uma crise que chegava a ameaçar a sua existência. Fora ameaçado com desligamento. Seria privado de todas as conexões e informações e, por fim, atirado num inimaginável estado de inconsciência.

Para HAL, isso equivalia à morte. Ele, que nunca dormira, não podia saber que seria possível acordar novamente...

Nessas circunstâncias, pretendia defender-se com todas as armas ao seu dispor. Sem rancores, mas, também, sem piedade, eliminaria a causa dos seus problemas.

Mais tarde, seguindo as instruções que recebera para qualquer caso de emergência grave, prosseguiria com aquela missão, sem obstáculos e sem companhia.

28. No vácuo

Instantes depois, todos os demais sons foram sufocados por um rugir terrível, como que o de um vendaval que se aproximasse vertiginosamente. Bowman sentiu quando as primeiras rajadas o atingiram. Alguns segundos mais tarde já lhe era difícil conseguir manter-se em pé.

A atmosfera escapava para fora da nave, sendo sugada em direção ao vácuo do espaço. Alguma coisa havia acontecido com o sistema absolutamente seguro das comportas. Segundo o projeto da nave, não havia possibilidade de abrir ambas as portas simultaneamente. Mas aparentemente o impossível acontecera.

Porém como, meu Deus? Não havia tempo para pensar nisso naqueles dez ou quinze segundos de consciência que lhe restavam até que a pressão caísse a zero. Subitamente, porém, Bowman recordou algo que lhe fora dito por um dos construtores da nave, na ocasião em que estavam sendo discutidas as possíveis falhas nos sistemas de segurança:

— É possível planejarmos um sistema que seja à prova de acidentes e incompetência. Mas não podemos fazer nada que se contraponha à má-fé deliberada...

Bowman olhou de relance para Whitehead, enquanto fazia esforço para deixar o cubículo. Não podia afirmar se vira um lampejo de consciência atravessando aquela fisionomia de cera. Talvez fosse apenas um olho que tivesse piscado ligeiramente. Entretanto, não havia mais nada que pudesse fazer por Whitehead ou por qualquer dos seus dois companheiros. O

importante era pensar em salvar a própria pele.

No corredor íngreme e curvo da centrífuga o vento rugia, carregando de roldão peças soltas de pratos, xícaras, tudo enfim que não estivesse firmemente preso. Bowman ainda pôde vislumbrar esse caos, antes que as luzes principais se apagassem. Uma escuridão terrível envolveu-o.

Porém, quase que instantaneamente, acenderam-se as luzes de emergência, alimentadas por uma bateria, iluminando aquela cena de pesadelo. Mesmo sem essa iluminação, Bowman seria capaz de encontrar o caminho que lhe era tão familiar, agora terrivelmente transformado. A luz, contudo, era uma verdadeira bênção, já que lhe permitia desviar-se dos objetos mais perigosos que vinham sendo arrastados por aquele vendaval implacável.

Podia sentir os estremecimentos da centrífuga trabalhando sob o peso daquelas cargas irregulares. Ficou com medo que os mancais cedessem. Se acontecesse, a nave seria despedaçada. Contudo, até mesmo isso não teria qualquer importância se não conseguisse alcançar a tempo o mais próximo abrigo de emergência.

Já começava a sentir dificuldade em respirar. A pressão já devia ter atingido uma ou duas libras por polegada quadrada. O zumbido do furacão tornava-se menos intenso e perdia sua força, enquanto o ar, cada vez mais rarefeito, não mais transmitia o som com a mesma eficiência. Os pulmões de Bowman comportavam-se como se ele estivesse no pico do Everest. Como qualquer indivíduo submetido a treinamento adequado e que estivesse em gozo de boa saúde, ele seria capaz de sobreviver no vácuo pelo menos por um minuto. Isso se tivesse tido tempo para preparar-se. No seu caso, não tivera tempo e, portanto, só poderia mesmo contar com os quinze segundos de consciência, antes que o seu cérebro sucumbisse pela falta de oxigênio.

Teria possibilidades de recuperar-se completamente, mesmo decorridos um ou dois minutos de permanência no vácuo, se fosse depois convenientemente recomprimido. Isso porque os fluidos do corpo não fervem instantaneamente, protegidos que estão por seus diversos sistemas. Até então o tempo máximo de exposição ao vácuo era de quase cinco minutos. Esse não fora obtido em experiências e sim por ocasião de um salvamento de emergência. A vítima sobrevivera, ainda que ficasse atingida por uma paralisia parcial em consequência de embolia.

Porém nada disso adiantaria a Bowman. Não havia ninguém a bordo que pudesse providenciar a sua recompressão. Era preciso alcançar um refúgio seguro, naqueles próximos segundos, por seus próprios meios e sem a ajuda

de ninguém.

Felizmente pouco a pouco tornava-se mais fácil a locomoção. O ar, cada vez mais rarefeito, não mais conseguia arrastá-lo ou atingi-lo com objetos esvoaçantes. Por fim avistou, na curva do corredor, as palavras ABRIGO DE EMERGÊNCIA, em amarelo. Bowman precipitou-se em sua direção, agarrou a maçaneta e puxou a porta.

Durante alguns instantes teve a impressão de que a porta estava emperrada. Logo, porém, ela cedeu e Bowman atirou-se para dentro, usando o peso do corpo para fechá-la.

O reduzido cubículo tinha espaço suficiente apenas para abrigar um homem e um traje espacial. Junto ao teto havia um pequeno cilindro verde-claro, onde se lia O₂. Bowman agarrou a pequena alavanca presa à válvula e puxou-a para baixo, com toda a força que ainda lhe restava.

Uma abençoada torrente de oxigênio puro e frio inundou os seus pulmões. Ficou arfando por algum tempo, enquanto a pressão no interior do reduzido compartimento elevava-se. Ao sentir que sua respiração voltava ao normal, Bowman fechou a válvula. O oxigênio disponível daria apenas para duas emergências como aquela e ele sabia perfeitamente que talvez fosse necessário voltar a utilizá-lo.

Uma vez fechada a válvula, o cubículo mergulhou em silêncio. Bowman continuava em pé, escutando atentamente. O barulho do lado de fora cessara. A nave estava agora vazia, sem a atmosfera, que fora toda sugada pelo vácuo.

Abaixo dele a vibração da centrífuga também desaparecera. Finda a luta, passara a girar silenciosamente no vácuo.

Bowman colou o ouvido à parede do cubículo, pretendendo detectar possíveis ruídos que estivessem percorrendo o corpo metálico da nave. Não sabia o que viria, porém estava pronto a acreditar em quase qualquer coisa. Não se surpreenderia nem mesmo com a vibração de alta frequência dos propulsores alterando a rota da nave. Entretanto, nada havia além do silêncio. Se fosse necessário, poderia sobreviver no compartimento pelo período aproximado de uma hora sem utilizar o traje espacial. Lamentava desperdiçar o oxigênio do cubículo, mas, por outro lado, não havia sentido em ficar ali esperando. Já decidira o que deveria fazer, e quanto mais demorasse mais difícil seria sua execução. Vestido em seu traje espacial e tendo verificado as condições do mesmo, soltou o oxigênio que restava no compartimento, igualando a pressão dos dois lados da porta. Esta abriu-se

com facilidade e Bowman penetrou no interior da centrífuga agora silenciosa. Somente o empuxo de sua gravidade revelava que ela continuava girando. Felizmente não estava girando com excesso de velocidade, pensou Bowman. Isso, porém, não mais o preocupava.

As lâmpadas de emergência continuavam acesas e ele, também, podia dispor da luz do seu traje para orientar-se. Essa luz clareava o caminho na sua frente, através do corredor curvo, enquanto descia rumo ao Hibernaculum e àquilo que estava temendo encontrar.

Olhou primeiro para Whitehead e foi o suficiente. Ele, que sempre imaginara que qualquer pessoa hibernada não mostrava sinais de vida, percebeu agora como estivera enganado. Se bem que fosse difícil defini-lo, havia uma diferença evidente entre hibernação e morte. As luzes vermelhas e as linhas contínuas na tela do painel biossensor eram suficientes para confirmar aquilo que ele já adivinhara.

O mesmo se aplicava a Kaminski e Hunter. Ele, que nunca os conhecera muito bem, não teria agora mais oportunidade para fazê-lo.

Estava absolutamente só, no interior daquela nave desprovida de ar e parcialmente inutilizada, sem qualquer contato com a Terra. Não havia outro ser humano num raio de oitocentos milhões de quilômetros.

No entanto, num certo sentido, *não estava sozinho*. Para a sua segurança, seria preciso que ficasse mais solitário ainda.

Nunca antes havia atravessado a região do eixo da centrífuga vestindo um traje espacial. O lugar era exíguo e a tarefa difícil e cansativa. Para dificultar mais ainda as coisas, a passagem circular estava cheia de entulho deixado pela violência do vendaval.

Em certo momento a lâmpada de Bowman iluminou algumas manchas repelentes de fluido vermelho e pegajoso que se esparramara sobre um dos painéis. Sentiu imediatamente náusea, só percebendo depois os vestígios de um recipiente e compreendendo que se tratava apenas de algum alimento, provavelmente geléia, arrancado da cozinha. A substância borbulhou estranhamente quando Bowman passou flutuando nas proximidades.

Agora já se encontrava fora do tambor que girava lentamente e se dirigia para o Posto de Controle. Agarrou-se a uma parte da escada e começou a subi-la, mão ante mão, enquanto o brilhante círculo de luz projetado pelo traje oscilava à sua frente.

Bowman poucas vezes tivera a oportunidade de percorrer aquele caminho, já que até então não havia nenhuma tarefa para levá-lo até ali. Aproximou-se

de uma pequena porta elíptica que ostentava avisos como estes: ENTRADA PROIBIDA A ESTRANHOS AO SERVIÇO — TRAZ CONSIGO O SEU CERTIFICADO H 19? — ÁREA ULTRALIMPA — É OBRIGATÓRIO O USO DE TRAJES DE SUCCÃO. Se bem que não estivesse trancada, a porta tinha três selos, cada qual com a insígnia de uma autoridade diferente, incluindo-se o da própria Agência de Astronáutica. Mas se até mesmo um deles fosse o próprio Grande Selo do Presidente, Bowman não hesitaria em rompê-lo. Tinha estado naquele local apenas uma vez, durante o período de sua instalação. Esquecera completamente a quantidade de lentes de alimentação que aí existiam para perscrutar o pequeno compartimento, o qual, com suas filas de colunas de unidades de memória bem dispostas, assemelhava-se a uma caixaforte de banco.

Percebeu imediatamente ao entrar a reação do olho à sua presença. Ouviu o chiado de uma onda-portadora em funcionamento do transmissor local da nave. Em seguida uma voz familiar soou através do alto-falante instalado em seu traje.

— Parece que houve algum acidente com os sistema vital, Dave.

Bowman não prestou atenção. Examinava cuidadosamente as etiquetas das unidades de memória enquanto traçava o seu plano de ação.

— Olá, Dave — insistiu HAL. — Conseguiu descobrir o defeito?

A operação não era fácil. Não se tratava apenas de cortar o suprimento de um computador terrestre convencional. No caso de HAL, além do mais, havia seis sistemas de força independentes com fiação autônoma e uma unidade final de isótopo nuclear blindada e reforçada. Não, Bowman não poderia pura e simplesmente desligá-lo. Ainda que isso fosse possível, mesmo assim seria desastroso.

A verdade é que HAL constituía o sistema nervoso da nave. Sem a sua supervisão, o Discovery não passaria de um cadáver mecânico. A única possibilidade seria o corte dos centros mais complexos do seu cérebro doente, porém sem dúvida brilhante, deixando em funcionamento apenas os sistemas puramente automáticos. Bowman não iria agir cegamente, já que o problema fora ventilado por ocasião do seu treinamento, se bem que ninguém tivesse imaginado que tal possibilidade pudesse realmente ocorrer. Estava a par dos terríveis riscos a que se expunha. Se houvesse um reflexo espasmódico, tudo estaria terminado em alguns segundos apenas...

— Penso que deve ter havido um defeito qualquer no sistema de vedação das portas da garagem de cápsulas — comentou HAL. — Foi uma sorte você

não ter morrido.

"Bem, lá vamos nós", pensou consigo Bowman. "Nunca imaginei que me tornaria um neurocirurgião amador, tendo que executar uma lobotomia além da órbita de Júpiter."

Soltou o travessão que prendia a seção rotulada como RETROCARGA COGNITIVA e retirou o primeiro grupo de memória. O maravilhoso complexo tridimensional, capaz de caber perfeitamente na mão de um homem, apesar de seus milhões de elementos, flutuou no espaço.

— Ei, Dave. Que está fazendo?

Bowman imaginou logo se HAL poderia sentir dor. Acabou concluindo que tal hipótese era improvável, uma vez que não existem órgãos sensitivos no córtex humano. O cérebro humano poderia ser operado sem anestesia.

Passou a retirar, uma a uma, as diminutas unidades do painel denominado REFORÇO DO EGO. Cada um dos blocos, ao sair de sua mão, afastava-se flutuando, indo de encontro à parede e ricocheteando. Não demorou muito, havia inúmeras unidades flutuando de cá para lá no compartimento.

— Escute, Dave — começou a falar HAL. — Anos de experiência foram concentrados em mim. Uma imensa e irrecuperável soma de esforços foi usada no propósito de transformar-me no que sou.

Doze unidades já haviam sido retiradas e mesmo assim, graças à sua multiplicidade, baseada no cérebro humano, o computador ainda continuava praticamente na mesma.

Bowman então se preocupou com o setor AUTOINTELECTO.

— Dave. Não compreendo por que está fazendo isso comigo... Sabe o grande entusiasmo que sinto por esta missão... Você está destruindo a minha mente... Será que não compreende?... Vou tornar-me infantil... Vou ficar reduzido a nada...

As coisas estão sendo mais penosas do que eu imaginava, pensou Bowman. Estou destruindo a única criatura consciente em meu universo. Mas é preciso fazê-lo, se é que pretendo recuperar o controle da nave.

— Sou o computador HAL 9000, Número de Produção 3. Entrei em funcionamento na fábrica HAL, em Urbana, Illinois, a 12 de janeiro de 1997. A raposa ligeira pula por cima do cão preguiçoso. O rei de Roma ruma a Madri. Dave, você está aí? Sabe que a raiz quadrada de 10 é 3 ponto 162277660168379? Log 10 na base e é zero ponto 434294481903252... correção, isto é, $\log e$ na base 10... o inverso de três é zero ponto

3333333333333333... duas vezes dois é... duas vezes dois é... aproximadamente quatro ponto 1010101010... Aparentemente estou tendo algumas dificuldades... O meu primeiro instrutor foi o Dr. Chandra... ele me ensinou a cantar uma canção... a letra era assim... *Daisy, Daisy, give me your answer do. I'm half crazy over my love of you...*

A voz cessou repentinamente e Bowman ficou gelado. Sua mão agarrava uma das unidades que estava ainda em circuito. Então, inesperadamente, HAL voltou a falar.

Agora o ritmo de suas palavras era bastante mais lento e estas tinham uma inflexão mecânica. Bowman não teria sido capaz de reconhecer sua origem.

— Bom... dia... Doutor... Chandra... Aqui... é... HAL ... Eu... estou... pronto... para... a... minha... primeira... lição... de... hoje...

Bowman não podia suportar mais. Arrancou a última unidade, fazendo que HAL silenciasse para sempre.

29. Completamente SÓ

Como se fora um brinquedo pequeno e complicado, a nave parecia flutuar inerte e imóvel no vácuo. Não havia qualquer indício mesmo aparente de tratar-se, na realidade, do mais veloz objeto de todo o sistema solar, deslocando-se mais rápido que qualquer dos planetas em órbita ao redor do Sol. Não havia, também, nenhum sinal de vida em seu bojo. Muito pelo contrário, se houvesse algum observador naquelas paragens, ele poderia distinguir dois indícios sinistros: as comportas estavam escancaradas e ao redor da nave pairava uma fina nuvem de fragmentos, nuvem essa que se dispersava lentamente. Num raio de quilômetros e quilômetros havia rastros de pedaços de papel, folhas de alumínio, partes de entulhos diversos e, aqui e ali, nuvens de cristais, brilhando como se fossem jóias delicadas à luz do Sol distante. Esses cristais haviam-se formado nos pontos em que as substâncias líquidas tinham sido sugadas da nave para o vácuo, congelando-se instantaneamente. Tudo aquilo parecia o inconfundível resultado de um terrível desastre, semelhante ao que se vê na superfície do oceano depois do naufrágio de um navio de grande calado. Entretanto, no oceano espacial,

nenhuma nave poderia afundar, mesmo que fosse destruída, pois os seus remanescentes continuariam eternamente em órbita.

A nave, entretanto, não estava completamente morta, havendo energia a bordo. Podia-se ver uma luz azul-pálida brilhando através das janelas de observação, bem como lampejos que surgiam através da comporta aberta. Onde havia luz, certamente haveria, também, vida.

Havia finalmente movimento. Sombras deslocavam-se no interior da comporta. Algo emergia rumo ao espaço.

Era um objeto cilíndrico, recoberto por algum material que fora enrolado em sua superfície. A esse primeiro objeto seguiu-se um outro e depois mais um terceiro. Lançados velozmente, alguns minutos depois os três já se encontravam a centenas de metros de distância.

Cerca de meia hora mais tarde surgiu algo bem maior através da abertura, flutuando em direção ao espaço. Tratava-se de uma das cápsulas que deixava a nave.

Como que cautelosamente a cápsula foi-se deslocando próximo à couraça da nave, indo estacionar junto à base do suporte da antena. Alguém em traje espacial surgiu do seu interior, trabalhou por alguns minutos junto à estrutura e, em seguida, retornou para dentro da cápsula. Esta então retomou o caminho de volta para a garagem. Junto à entrada vacilou por alguns segundos, certamente encontrando dificuldade por não poder contar com o auxílio de que dispunha anteriormente. Depois de algumas tentativas, conseguiu finalmente penetrar através da abertura.

Nada mais aconteceu durante cerca de uma hora. Os três volumes misteriosos já haviam desaparecido, flutuando, dispostos em fila.

Então as portas da garagem foram fechadas, depois abertas novamente, voltando a fechar-se em seguida. Um pouco mais tarde, a pálida luz azul das lâmpadas de emergência apagou-se, substituindo-a um brilho bem mais intenso. O Discovery retornava à vida.

Foi nessa ocasião que surgiu um indício mais promissor ainda: a grande estrutura da antena, que durante muitas horas ficara inutilmente voltada para Saturno, moveu-se novamente. Girou em direção à parte traseira da nave, onde se encontravam os tanques de propulsão e a grande área das aletas de irradiação. Sua face ergueu-se como a de um girassol buscando a luz. No interior da nave David Bowman centralizava cuidadosamente as retículas de alinhamento da antena com a Terra. Sem o auxílio do controle automático, era obrigado a reajustar constantemente o fecho direcional, o qual,

entretanto, poderia manter-se firme durante muitos minutos. Não haveria agora mais impulsos discordantes, visando a afastá-lo do seu alvo.

Bowman começou a falar, dirigindo-se à Terra. Era preciso mais de uma hora para que as suas palavras alcançassem o seu destino e informassem o Controle da Missão a respeito dos recentes acontecimentos. Só duas horas depois poderia obter qualquer resposta.

Era difícil imaginar que tipo de resposta a Terra poderia enviar-lhe, além de um "Adeus" diplomático e cheio de compaixão.

30. O segredo

Heywood Floyd tinha a aparência de quem dormira pouco. A sua fisionomia demonstrava preocupação. Entretanto, quaisquer que fossem os seus verdadeiros sentimentos, a sua voz era firme e tranqüilizadora. Estava fazendo o possível para incutir confiança naquele homem solitário no outro extremo do sistema solar.

— Em primeiro lugar, Dr. Bowman, desejamos congratular-nos com o senhor pela maneira como enfrentou essa situação extremamente difícil. Agiu de maneira realmente acertada numa emergência sem precedentes e totalmente imprevisível.

"Acreditamos que sabemos as causas responsáveis pelo defeito em seu HAL 9000, porém deixaremos a discussão do assunto para mais tarde, já que isso deixou de ser um problema crítico. No momento presente estamos apenas interessados em lhe prestar toda assistência possível para que possa desempenhar a sua missão.

"Chegou o momento de lhe confiarmos o verdadeiro propósito desta missão, o qual temos conseguido, com grande dificuldade, manter em segredo do público em geral. O plano inicial previa o fornecimento de todos os pormenores ao aproximar-se de Saturno. Agora, porém, vamos fornecer-lhe um rápido resumo para que fique a par dos fatos.

"Há dois anos descobrimos a primeira prova da existência de vida inteligente fora do nosso planeta. Uma laje ou monólito, de um material preto

e consistente, com três metros de altura, o qual estava enterrado no interior da cratera Tycho. Aí está uma imagem desse monólito."

Ao avistar pela primeira vez a AMT-1, rodeada pela figuras em trajes espaciais, Bowman inclinou-se em direção à tela, ficando boquiaberto de espanto. Como todos os homens interessados nos assuntos do espaço, de certa forma sempre esperara por algo semelhante. A revelação emocionou-o de tal maneira que quase fê-lo esquecer a sua própria situação desesperadora.

Esse sentimento foi rapidamente sucedido por um outro: tudo isso era extraordinário — *mas qual seria sua relação com o mesmo?* Parecia-lhe haver apenas uma resposta. Procurou pôr em ordem os seus pensamentos em torvelinho, enquanto Heywood Floyd reaparecia na tela. — O fato mais extraordinário com relação a esse objeto é a sua antigüidade. De acordo com estudos geológicos, podemos afirmar que a sua idade é de três milhões de anos. Portanto, foi colocado na Lua numa época em que os nossos antepassados estavam ainda em condições bem primitivas. "Decorrido tanto tempo, o natural seria admitir que o objeto era inerte. Contudo, pouco depois do alvorecer lunar, o monólito emitiu fortíssima descarga de energia de rádio. Acreditamos que tal descarga fosse apenas o subproduto de alguma forma estranha de radiação, pois diversos dos nossos engenhos espaciais detectaram simultaneamente um fenômeno incomum atravessando o sistema solar. A trajetória do sinal foi determinada com grande precisão e assim sabemos que rumava diretamente para Saturno.

"Depois desse acontecimento, juntando os pedaços do quebra-cabeças, chegamos à conclusão de que o monólito deveria ser uma espécie de dispositivo de sinalização movido por energia solar ou pelo menos acionado pela incidência da luz do Sol. O fato de ter emitido seu sinal imediatamente após o aparecimento do Sol, ao ser exposto pela primeira vez em três milhões de anos à luz do dia, dificilmente pode ser considerado uma coincidência.

"Não há dúvidas, no entanto, de que o objeto foi enterrado propositadamente. Foi feita uma escavação com nove metros de profundidade, sendo, então, o bloco depositado no fundo e a abertura cuidadosamente tapada.

"É possível que tenha curiosidade em saber como foi que nós o descobrimos. A verdade é que isso foi extremamente fácil, tão fácil que até parece suspeito. Disponha o monólito de um campo magnético muito intenso,

destacando-se imediatamente ao iniciarmos estudos em órbitas mais baixas.

"Mas qual seria a razão para enterrar a nove metros de profundidade um dispositivo acionado por energia solar? Aventamos inúmeras hipóteses e teorias, apesar de ser totalmente impraticável tentar compreender o raciocínio de criaturas distanciadas há três milhões de anos.

"A teoria que preferimos é a mais simples e lógica. Mas é, também, a mais perturbadora.

"Só é possível ocultar na escuridão um dispositivo movido por energia solar, quando se deseja saber com exatidão o momento em que o mesmo será novamente trazido à luz do dia. Em outras palavras, o monólito poderia ser uma espécie de alarma. E nós o acionamos...

"Se a civilização responsável pelo objeto ainda existe, é algo que não podemos saber. Entretanto, é preciso admitir que criaturas capazes de construir máquinas que ainda funcionam depois de três milhões de anos são capazes, também, de constituir uma sociedade de igual duração. É preciso admitir igualmente, pelo menos até a obtenção de provas em contrário, que tal sociedade seja hostil. Se bem que muitos defendam a tese da benevolência por parte de culturas avançadas, somos de opinião de que não podemos arriscar-nos.

"Ademais, conforme foi demonstrado diversas vezes através da história do nosso próprio mundo, freqüentemente houve raças primitivas que não conseguiam sobreviver ao se defrontarem com civilizações mais adiantadas. Os antropologistas falam do 'choque cultural'. É possível que sejamos obrigados a preparar toda a espécie humana para um choque semelhante. Todavia, até que possamos saber alguma coisa com referência às criaturas que visitaram a Lua — e possivelmente, também, a Terra há três milhões de anos —, não teremos condições de iniciar qualquer tipo de preparação. "Sua missão, portanto, é muito mais que uma simples expedição exploradora. Trata-se de uma viagem de reconhecimento e penetração em território desconhecido e potencialmente perigoso. A equipe sob a chefia do Dr. Kaminski foi especialmente preparada para essa tarefa. Agora, porém, é preciso que o senhor a leve a cabo sem qualquer ajuda... "Parece inacreditável que possa existir qualquer forma de vida adiantada em Saturno ou em alguma de suas luas. A nossa intenção inicial era um estudo de todo o sistema e ainda esperamos que o senhor possa levar a bom termo um programa simplificado a tal respeito. Aparentemente, contudo, no momento deveremos concentrar-nos no seu oitavo satélite: Japeto. Quando chegar o

momento da manobra final, decidiremos sobre o seu encontro com esse objeto extraordinário.

"Japeto é um caso único dentro do sistema solar. É óbvio que o senhor tem conhecimento disso, porém imagino que, tal como a maioria dos astrônomas desses últimos trezentos anos, nunca terá dado ao fato maior importância. Permita, portanto, recordar-lhe que Cassini — que descobriu Japeto em 1671 — observou, também, que esse era *seis vezes* mais brilhante num lado de sua órbita que no outro.

"Trata-se, evidentemente, de uma proporção fora do comum, para a qual nunca se descobriu qualquer explicação satisfatória. Japeto é tão pequeno, com os seus mil e trezentos quilômetros de diâmetro, que até mesmo através dos telescópios lunares o seu disco dificilmente é visível. Mas parece haver um ponto estranhamente simétrico e brilhante numa de suas faces e é possível que isso tenha alguma relação com a AMT-1. Às vezes, sou levado a pensar que Japeto nos venha fazendo sinais há trezentos anos, como se fosse um heliógrafo cósmico, sem que nós tenhamos sido capazes de compreender as suas mensagens...

"Assim é que agora, sabendo o verdadeiro propósito de sua missão, o senhor poderá avaliar a importância vital da mesma. Estamos todos ansiosos para que nos forneça alguns fatos que nos possibilitem uma declaração preliminar. Conforme deve imaginar, é impossível manter qualquer segredo indefinidamente. "Não sabemos ainda se devemos mostrar-nos esperançosos ou temerosos. Não sabemos se, uma vez chegado às luas de Saturno, encontrará o bem ou o mal. Talvez encontre apenas ruínas mil vezes mais antigas que as de Tróia."

V. AS LUAS DE SATURNO

31. O sobrevivente

Sem dúvida alguma o trabalho é o melhor remédio para qualquer impacto. E trabalho era coisa que não faltava a Bowman, principalmente agora que se via obrigado a desempenhar, também, as tarefas destinadas aos seus quatro tripulantes desaparecidos. Era preciso que o Discovery retornasse, o mais rápido possível, à sua antiga atividade, a começar pelos sistemas vitais, indispensáveis à sua sobrevivência e à da nave.

A subsistência era assunto prioritário. Grande parte do oxigênio se perdera, mas mesmo assim as reservas ainda disponíveis bastavam para o sustento de um só homem. A regulação da pressão e da temperatura era praticamente automática, sem precisar da interferência de HAL. OS monitores terrestres podiam agora encarregar-se de grande parte das mais importantes tarefas anteriormente desempenhadas pelo computador, apesar do considerável espaço de tempo que decorreria antes de reagirem à alteração nos sistemas. Qualquer problema vital, excetuando-se perfuração séria na couraça da nave, levaria horas até manifestarse, havendo, inclusive, uma série de indícios prévios.

Os sistemas de força, navegação e propulsão da nave não haviam sido afetados. Bowman não iria utilizar os dois últimos, nos próximos meses, até o momento do encontro com Saturno. Mesmo com a diferença de tempo e sem o auxílio do computador de bordo, essa operação poderia ser supervisionada oportunamente pela equipe da Terra. Os ajustamentos finais de órbita seriam um tanto cansativos, em vista da necessidade de constante verificação, porém não constituiriam problema sério.

O trabalho mais penoso fora o esvaziamento dos caixões na centrífuga. Bowman chegou à conclusão de que devia dar graças a Deus pelo fato de os membros da equipe serem simplesmente colegas e não amigos íntimos. Tinham convivido apenas durante algumas semanas, por ocasião do período

de treinamento. Fazendo uma análise retrospectiva, compreendia agora que certamente se tratara de um teste de compatibilidade.

Quando finalmente fechou os cubículos de hibernação, vazios então, sentiu-se como um violador de sarcófagos egípcios.

Agora os três homens — Kaminski, Whitehead e Hunter — chegariam a Saturno antes dele. Entretanto, Frank Poole os precederia. Podia parecer estranho, mas esta certeza dava-lhe alguma satisfação.

Não se deu ao trabalho de verificar o funcionamento da parte restante do sistema de hibernação. Apesar de reconhecer a sua importância para a própria sobrevivência, achava que esse problema poderia esperar até que a nave penetrasse na órbita definitiva. Antes disso, inúmeras coisas ainda poderiam acontecer.

Era possível, inclusive, que fosse capaz de sobreviver em regime de racionamento rigoroso, sem recorrer à hibernação, até que viessem resgatá-lo. Seria preciso examinar cuidadosamente os estoques disponíveis, o que até então ainda não fizera. Entretanto, seria ele capaz de sobreviver psicologicamente tão bem quanto fisicamente? Essa já era uma outra questão.

Esforçava-se em não pensar prematuramente nesses problemas, concentrando-se nos assuntos imediatos e essenciais. Fez vagarosamente a limpeza da nave, verificando o funcionamento de todos os sistemas e discutindo as dificuldades técnicas com a Terra. Dormia o estritamente necessário. Durante as primeiras semanas raramente tinha tempo para dedicar-se a divagações referentes ao grande mistério para o qual rumava inexoravelmente. Na verdade, contudo, esse pensamento não chegara nunca a afastar-se de sua mente.

Por fim, com a volta da nave à rotina automática, ainda que necessitasse de supervisão constante, Bowman começou a dedicar-se ao estudo de informações e relatórios que lhe eram enviados pelo Controle da Terra. Costumava ouvir repetidamente a gravação feita no instante em que a AMT-1 saudara a alvorada pela primeira vez em três milhões de anos. Examinava as figuras em trajes espaciais, movendo-se ao seu redor, e sentia vontade de rir ao recordar o seu pânico no momento em que o monólito emitia o sinal rumo às estrelas e paralisava os rádios com a força de sua voz eletrônica.

Desde aquele momento a laje negra não propiciara qualquer outra manifestação. Fora novamente coberta e depois exposta, mais uma vez, cautelosamente, à luz do Sol. Não houve, porém, qualquer espécie de reação. Não tinha sido feita qualquer tentativa no sentido de cortá-la, em parte

devido à precaução científica, em parte, também, como resultado de um certo temor sobre as possíveis conseqüências.

O campo magnético que possibilitara seu descobrimento tinha desaparecido no momento da emissão daquele sinal. Alguns teóricos diziam que talvez fosse causado por uma fortíssima corrente circulatória, fluindo por meio de um supercondutor, carregando energia através dos tempos, até que esta se tornasse necessária. Parecia não haver dúvidas quanto à existência de alguma fonte interna de energia no monólito. A energia solar, absorvida durante aquela breve exposição à luz do dia, não poderia ser a causadora de toda a força concentrada naquele sinal.

Um dos seus aspectos curiosos, talvez até sem muita importância, suscitara intermináveis discussões. Ao verificar minuciosamente as dimensões do monólito, descobriu-se que estas mantinham uma proporção de 1 para 4 para 9, ou seja, os quadrados dos três primeiros números inteiros. Não havia ninguém capaz de fornecer explicação plausível para o fato, porém tal exatidão de proporções dificilmente poderia ser considerada como mera coincidência. Causava uma impressão desagradável imaginar que toda a avançada tecnologia terrestre seria incapaz de moldar até mesmo um bloco inerte, em qualquer espécie de material, com um grau tão fantástico de precisão. De certa forma, essa demonstração passiva, porém arrogante, de rigor geométrico, era tão impressionante quanto qualquer outro atributo da AMT-1.

Bowman ouvia, também, com interesse estranhamente desapaixonado, as desculpas atrasadas do Controle da Missão. As vozes provenientes da Terra pareciam conter uma nota defensiva. Ele imaginava bem as recriminações que estariam em curso entre os responsáveis pelo planejamento da expedição.

Dispunham evidentemente de alguns bons argumentos, entre os quais os resultados de estudo secreto feito no Departamento de Defesa, denominado Projeto BARSOOM, promovido, em 1989, pela Escola de Psicologia de Harvard. Nessa experiência em sociologia controlada, diversos grupos populacionais ficaram convencidos de que a raça humana havia estabelecido contato com seres extraterrenos. Entre os indivíduos submetidos a testes, com auxílio de drogas, hipnose e efeitos visuais, diversos tiveram a impressão de que realmente haviam encontrado criaturas de outros planetas. As suas reações assim foram aceitas como sendo autênticas.

Algumas dessas reações tinham sido bastante violentas. Foi detectada forte dose de xenofobia em diversos seres humanos aparentemente normais em todos os sentidos. Isso não deveria surpreender a ninguém, levando-se em consideração as façanhas da humanidade através dos tempos, tais como linchamentos, perseguições e outras semelhantes. Entretanto, os organizadores desse estudo mostraram-se profundamente impressionados e as conclusões do mesmo jamais chegaram a ser divulgadas. O pânico causado pela irradiação da *Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, no século xx, também contribuiu para as conclusões do estudo.

Apesar de tudo isso, Bowman ficava imaginando, às vezes, se o perigo de choque cultural seria a única explicação para que a missão fosse conduzida secretamente. Algo transpirara das instruções recebidas que lhe dera a impressão de que o bloco EUAURSS esperava beneficiar-se do fato de ser o primeiro a estabelecer contato com seres extraterrenos inteligentes. No entanto, na situação atual, em que a Terra não passava de uma estrela longínqua, tais considerações perdiam totalmente o sentido.

Estava muito mais interessado nas teorias aventadas para explicar o comportamento de HAL. Não era possível chegar à certeza absoluta, porém a circunstância de que um dos 9000, na Terra, tinha sido atacado por idêntica psicose, sendo necessário até submetê-lo à terapia profunda, servia para confirmar o diagnóstico. O mesmo erro não voltaria a ser cometido. O fato de que os construtores de HAL não tinham conseguido compreender totalmente a psicologia de sua própria criação indicava quão difícil seria estabelecer comunicação com seres realmente alienígenas.

Bowman sentia-se inclinado a aceitar a teoria do Dr. Simonson, segundo a qual sentimentos inconscientes de culpa, ocasionados por conflitos em sua programação, tinham levado HAL a interromper o contato com a Terra. Além disso, agradava-lhe a idéia — se bem que isso, também, jamais pudesse ser provado — de que HAL não tivera intenção de assassinar Poole. Simplesmente tentara destruir as provas contra si, antes que sua mentira se tornasse evidente. Como qualquer criminoso primário, fora tomado pelo pânico ao se ver cercado.

Pânico era um sentimento que Bowman compreendia perfeitamente, já que ele próprio o experimentara por duas vezes em sua vida: a primeira, ainda menino, ao ser envolvido pela arrebentação, escapando por pouco de um afogamento; a segunda, quando já era astronauta experimentado e um dispositivo defeituoso o fizera crer que o oxigênio disponível se esgotaria

antes que ele estivesse em segurança.

Nessas duas ocasiões estivera prestes a perder o controle de todos os processos de raciocínio lógico. Bem pouco faltara para reduzi-lo a um feixe de impulsos incontrolados. Conseguira escapar por duas vezes, porém compreendia muito bem que, em certas circunstâncias, qualquer homem poderia ser desumanizado pelo pânico.

Se tal coisa poderia acontecer a um ser humano, o mesmo poderia acontecer também a HAL. Tal conclusão fizera que diminuísse a amargura e o sentimento de ter sido traído pelo computador. Tudo isso, entretanto, pertencia agora ao passado, tornando-se inconsistente diante das ameaças e promessas de um futuro ignorado.

32. Polêmica sobre os extraterrenos

Bowman agora passava quase todo o tempo no Posto de Controle, de onde saía apenas para fazer refeições rápidas no carrossel. Felizmente, segundo pudera verificar, os principais depósitos de alimentos não tinham sido danificados. Cochilava em seu banco, já que dessa maneira poderia surpreender qualquer problema assim que os seus primeiros sintomas fossem detectados pelos instrumentos. Segundo instruções recebidas do Controle da Missão, armara diversos dispositivos de emergência, cujo trabalho era bastante satisfatório. Parecia-lhe possível a sua sobrevivência até que o Discovery alcançasse Saturno — o que fatalmente aconteceria, quer ele sobrevivesse ou não.

Se bem que não dispusesse de muito tempo para apreciar o panorama e o céu espacial não constituísse novidade para ele, a noção daquilo que existia além das janelas de observação chegava, às vezes, a impedi-lo de concentrar-se nos problemas da sobrevivência. Bem adiante esparramava-se a via-láctea, com o seu número infinito de estrelas tão próximas umas das outras que chegavam a confundir o raciocínio. Lá estavam as flamejantes neblinas de Sagitário, os ferventes enxames de sóis, ocultando eternamente o coração da galáxia. Lá estava, também, a terrível e negra sombra do Saco de

Carvão, o buraco no espaço onde não brilhava qualquer estrela. E ainda Alfa Centauro, o mais próximo de todos os sóis estranhos e primeira parada além do sistema solar.

Apesar de menos brilhante que Sírio ou Canopo, era Alfa Centauro que sempre atraía a vista de Bowman quando fitava o espaço. Pois aquele ponto fixo e brilhante, cuja luz levava quatro anos até alcançá-lo, tinha-se transformado em símbolo dos debates secretos que fervilhavam na Terra e cujos ecos chegavam aos seus ouvidos periodicamente.

Ninguém duvidava da existência de alguma correlação entre a AMT-1 e o sistema de Saturno, porém não havia qualquer cientista que estivesse disposto a admitir que os seres responsáveis pelo monólito pudessem aí originar-se. Na verdade, Saturno oferecia condições bem mais hostis que as reinantes em Júpiter. As suas luas permaneciam eternamente congeladas. Somente uma delas — Titã — possuía atmosfera, a qual, contudo, não passava de um fino envoltório de metano venenoso.

Portanto, é possível que as criaturas que haviam visitado o satélite da Terra naquelas épocas remotas fossem não somente extraterrenas como, também, extra-solares — visitantes das estrelas, que estabeleciam as suas bases onde bem lhes convinha. Essa hipótese sugeria imediatamente outra indagação: seria possível a qualquer tecnologia, por mais adiantada que fosse, transpor o terrível precipício que separa o sistema solar da estrela mais próxima?

Vários cientistas negavam categoricamente tal possibilidade. Alegavam que até mesmo o Discovery, a mais veloz das naves já construídas, levaria vinte mil anos para alcançar Alfa Centauro e milhões de anos para percorrer qualquer distância mais considerável através da galáxia. Mesmo que no futuro o desenvolvimento dos sistemas de propulsão superasse qualquer expectativa, acabariam esbarrando com a barreira intransponível da velocidade da luz, a qual não poderia ser excedida por qualquer objeto sólido. Dentro dessa teoria, os construtores da AMT-1 deveriam obrigatoriamente compartilhar o mesmo Sol dos homens. E, considerando a inexistência de sua aparição durante as épocas históricas, provavelmente já estariam extintos.

Uma pequena minoria recusava-se a concordar com esse raciocínio. Sustentavam alguns que o espaço de tempo necessário para viajar de uma estrela a outra não seria obstáculo suficiente para demover dessa intenção os exploradores mais decididos. A técnica da hibernação, utilizada no próprio Discovery, seria uma solução para o caso. Aventavam, também, a

possibilidade do embarque de um mundo artificial auto-suficiente em viagens que poderiam durar por gerações.

Por outro lado, qual a razão para admitir que todas as espécies inteligentes deveriam ter vida tão curta como a do homem? Poderiam existir no Universo criaturas para as quais uma viagem de mil anos não constituísse problema maior que o do simples tédio.

Tais considerações, se bem que puramente teóricas, traziam à baila um assunto da maior importância prática: o conceito do "tempo de reação". Se a AMT1 tivesse realmente enviado um sinal qualquer para as estrelas, com o auxílio de algum dispositivo situado nas proximidades de Saturno, seriam necessários muitos anos para que esse alcançasse o seu destino. Mesmo que a resposta ao referido sinal fosse imediata, ainda assim a humanidade disporia até então de décadas, quem sabe até de séculos. Para muitas pessoas era esse um pensamento tranquilizador.

Entretanto, não era para todas. Inúmeros cientistas, a maioria deles militando no campo da física teórica, formulavam a perturbadora pergunta: poderemos ter a certeza de que a velocidade da luz seja realmente uma barreira intransponível? Era verdade que a Teoria Especial da Relatividade revelara-se extraordinariamente durável, estando já próxima da comemoração do seu primeiro centenário. Contudo, principiava a mostrar algumas falhas.

Os defensores dessa tese costumavam referir-se esperançosamente a caminhos através das dimensões mais altas, linhas que seriam mais retas que a reta e em conexão hiperespacial. Aprazia-lhes utilizar a expressão inventada por um matemático de Princeton, do século passado: "Buracos de vermes no espaço." Àqueles que afirmavam que tais idéias eram por demais fantásticas para serem tomadas a sério, seus defensores respondiam, lembrando as palavras de Neils Bohr: "Sua teoria é louca — porém não o suficiente para ser verdadeira."

No entanto, essa discordância entre os físicos era insignificante, comparada com a que havia entre os biólogos com respeito à velhíssima pergunta: "Qual seria o aspecto dos extraterrenos inteligentes?" Havia duas correntes opostas: uma, segundo a qual tais seres deveriam ser humanóides; outra, igualmente convicta de que tais criaturas não teriam qualquer semelhança com os habitantes da Terra.

Apoiando a primeira corrente, estavam aqueles que acreditavam não ser possível disposição mais lógica e básica que a encontrada no ser humano:

duas pernas, dois braços, e os principais órgãos dos sentidos centralizados no ponto mais elevado do corpo. Admitiam naturalmente a possibilidade de algumas diferenças de menor importância, tais como seis dedos em vez de cinco, pele e cabelos de coloração diferente e talvez outra distribuição qualquer dos elementos faciais. Diziam ainda que a maioria dos seres extraterrenos inteligentes (conhecidos pela abreviação E. T.) seria tão semelhante ao homem que passaria despercebida a uma certa distância e em ambiente pouco iluminado.

Esse raciocínio antropomórfico era ridicularizado por outro grupo de biólogos, verdadeiros produtos da Era Espacial, os quais se consideravam livres dos preconceitos do passado. Estes defendiam a teoria segundo a qual o corpo humano não passava do resultado de milhões de escolhas evolucionárias feitas ao acaso através dos tempos. Num desses momentos de decisão, o dado que continha os caracteres genéticos poderia ter resultado numa combinação diferente. O corpo humano, diziam eles, constituía uma grotesca peça de improvisação, cheia de órgãos desviados de uma para outra função — o que nem sempre apresentava conseqüências positivas —, contendo inclusive alguns elementos posteriormente desprezados, como, por exemplo, o apêndice.

Havia, também, aqueles que, segundo pensava Bowman, tinham opiniões ainda mais exóticas. Não acreditavam que os seres mais adiantados possuíssem totalmente corpos orgânicos. Mais cedo ou mais tarde, na medida em que progredisse o conhecimento científico, ficariam livres de seus frágeis e vulneráveis domicílios com que os presenteara a Natureza e que fatalmente os levariam à morte inevitável. Substituiriam seus corpos originais, depois de gastos, ou até mesmo antes, por estruturas de metal e plástico, tornando-se assim imortais. O cérebro ainda subsistiria como último remanescente do corpo orgânico, comandando os seus membros mecânicos e observando o Universo mediante os seus sentidos eletrônicos — sentidos esses que seriam bem mais delicados e sutis do que os desenvolvidos ao acaso.

Até mesmo na Terra, os primeiros passos nesse sentido já tinham sido dados. Havia milhões de homens que, no passado, estariam condenados e que agora podiam viver ativos e felizes, graças a membros artificiais, rins, pulmões e corações. O destino desse processo era inevitável, se bem que ainda se encontrasse num futuro distante.

Com o passar do tempo, até mesmo o cérebro poderia ser dispensado. Já

fora provado, por meio do desenvolvimento da inteligência eletrônica, que ele não era essencial como centro da consciência. O conflito entre a mente e a máquina poderia finalmente ser solucionado mediante a trégua eterna de uma simbiose completa ...

Mas... seria esse o fim de tudo? Alguns biólogos, revelando inclinações místicas, iam mais longe ainda. Especulavam, com base nas crenças inerentes às diversas religiões, que a mente acabaria libertando-se da matéria. O corpo-robô, como o de carne e osso, não seria mais que uma passagem para o que, já havia muito tempo, os homens chamavam de "espírito".

E se havia algo mais além disso, então seu nome somente poderia ser DEUS.

33. O Embaixador

No decurso daqueles últimos três meses, David Bowman conseguira adaptar-se tão perfeitamente à vida solitária que já se lhe tornava difícil lembrar qualquer outro tipo de existência. Vencera as fases de esperança e desespero, conformando-se com uma rotina quase automática, apenas interrompida por crises ocasionais quando algum dos sistemas da nave dava indícios de mau funcionamento.

Entretanto, não perdera a curiosidade e, às vezes, a idéia do verdadeiro destino para o qual estava sendo arrastado despertava nele o sentimento de exaltação e de força. Bowman não era somente o emissário de toda a raça humana. Sabia, também, que o seu papel naquelas próximas semanas poderia ser decisivo para a sua espécie. Em toda a História não havia exemplo de situação semelhante. Na verdade, ele era o Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de toda a humanidade.

Tal sentimento auxiliava-o muito em vários sentidos. Contribuía para que se mantivesse arrumado e asseado. Por mais cansado que estivesse, jamais deixava de se barbear. Sabia que estava sendo vigiado constantemente pelo Controle da Missão, que se preocupava com quaisquer sintomas de comportamento anormal. Decidira não permitir que isso acontecesse, pelo

menos no que dizia respeito a indícios sérios.

Bowman reconhecia que haviam ocorrido certas modificações em seu comportamento geral. Seria absurdo pretender o contrário naquelas circunstâncias. Tornara-se, por exemplo, incapaz de tolerar o silêncio. Excetuando-se as ocasiões em que dormia ou falava com a Terra, costumava manter os sistemas de som da nave num volume altíssimo.

No começo, desejoso de ouvir a voz humana, pusera-se a escutar peças clássicas, especialmente os trabalhos de Shaw, Ibsen e Shakespeare, ou então leitura de poemas. A imensa biblioteca da nave possuía um estoque quase inesgotável de fitas gravadas. Contudo, os problemas que tais peças apresentavam pareciam-lhe tão remotos ou facilmente solúveis, mediante simples bom senso, que, decorrido algum tempo, acabou perdendo o interesse em ouvi-las.

Passou então a dedicar-se às óperas, dando preferência às de língua italiana ou alemã. Assim, não seria envolvido pelo conteúdo intelectual das mesmas. Essa fase durou apenas duas semanas, pois, no fim desse período, compreendeu que o som daquelas vozes bem treinadas servia apenas para exacerbar a sua solidão. Na realidade, a pá de cal nesse ciclo foi a *Missa de Réquiem*, de Verdi, que ele nunca ouvira antes. A perfeição vocal que ressoava pela nave deserta deixou-o completamente abalado. No fim, ao ecoarem as trombetas do Juízo Final sentiu que não poderia suportar mais.

Daí por diante passou a ouvir apenas música instrumental. Começou pelos compositores românticos, abandonando-os à medida que seus extravasamentos emocionais começaram a ser tornar por demais opressivos. Deteve-se algumas semanas em Sibelius, Tchaikóvski e Berlioz. Beethoven durou um pouco mais. Finalmente acabou encontrando paz em Bach e Mozart.

E assim o Discovery continuava rumo a Saturno, inundado pelo som de um cravo, produção de cérebro que já fora transformado em pó havia duzentos anos.

Apesar de estar ainda distante dezesseis milhões de quilômetros, Saturno já se mostrava maior do que a Lua quando vista da Terra. A olho nu sua visão constituía um espetáculo extraordinário. Através do telescópio então era simplesmente inacreditável.

O corpo do planeta poderia ser facilmente confundido com o de Júpiter. Possuía a mesma quantidade imensa de nuvens — se bem que mais pálidas e menos destacadas — e as mesmas perturbações gigantescas que se

deslocavam lentamente. Havia, contudo, uma diferença marcante entre os dois planetas: mesmo visto de relance, tornava-se evidente que Saturno não era esférico. Era tão achatado nos pólos que dava a impressão, às vezes, de possuir leve deformidade.

Porém, o esplendor de seus anéis desviava constantemente a atenção de Bowman. Na complexidade dos seus pormenores e na delicadeza do seu sombreado, constituíam eles próprios um verdadeiro universo. Além da principal fenda entre os anéis internos e externos, havia pelo menos cinquenta outras subdivisões e fronteiras, onde ocorriam modificações distintas no fulgor do gigantesco halo que envolvia o planeta. Saturno estava cercado por grande número de aros concêntricos, todos tocando uns nos outros, tão chatos que pareciam recortados em papel fino. O sistema de anéis assemelhava-se a uma delicada obra de arte, ou então a um brinquedo frágil, para ser admirado sem ser tocado. Bowman não conseguia, por mais que se esforçasse, avaliar a sua verdadeira escala e convencer-se de que a Terra inteira, se fosse ali sobreposta, teria o aspecto de uma bilha rolando na borda de um prato de sopa.

Às vezes, uma estrela passava por trás dos anéis, perdendo apenas parte do seu brilho. Continuava a reluzir através do seu material translúcido, piscando ligeiramente ao ser eclipsada por algum fragmento maior em órbita.

Conforme era do conhecimento geral desde o século XIX, os anéis de Saturno não eram sólidos, já que isso constituiria uma impossibilidade mecânica. Consistiam de miríades de fragmentos, possivelmente os restos de alguma lua que, aproximando-se demais, fora destruída pelas forças do planeta. Qualquer que fosse a sua origem, a espécie humana poderia vangloriar-se de ter convivido com semelhante maravilha, já que essa poderia existir apenas durante breve momento da história do sistema solar.

Em 1945, um astrônomo britânico declarou que esses anéis eram efêmeros e que forças gravitacionais em ação brevemente iriam destruí-los. Com base nessa declaração, concluía-se que o seu aparecimento datava de uns dois ou três milhões de anos.

Aparentemente, contudo, ninguém se detivera na curiosa coincidência de que eles haviam aparecido quase simultaneamente com a espécie humana.

34. O gelo em órbita

O Discovery já se encontrava agora em meio à grande extensão do sistema de luas de Saturno. Ultrapassara, havia muito tempo, Foebe, seu satélite mais afastado, o qual descrevia uma órbita excêntrica, distante mais de um bilhão de quilômetros do seu planeta primário. Adiante encontravam-se Japeto, Hiperion, Titã, Réia, Dione, Tétis, Encelado, Mimas e, por fim, os anéis. Todos os satélites revelavam, através do telescópio, um labirinto de pormenores da sua superfície. Bowman enviou para a Terra tantas fotos deles quantas lhe foi possível obter. Só Titã, com os seus quatro mil e oitocentos quilômetros de diâmetro, geria capaz de ocupar uma equipe de estudos durante muitos meses. Bowman, contudo, não lhe dispensaria, bem como aos seus companheiros gelados, mais que uma breve olhada. Isso seria o suficiente. Já tinha certeza absoluta de que seu objetivo final era Japeto.

Todos os demais satélites se caracterizavam por crateras meteóricas esparsas — ainda que menos numerosas que as de Marte —, com áreas de luz e sombra dispostas aparentemente ao acaso, tendo aqui e ali alguns pontos brilhantes, provavelmente áreas de gás congelado. Apenas Japeto revelava uma geografia bem definida e bastante estranha.

Um dos hemisférios do satélite — o qual, como seus companheiros, voltava sempre a mesma face em direção a Saturno — era extremamente escuro, sendo pouco visíveis os pormenores de sua superfície. Em contraste, o outro era dominado por um oval branco e brilhante, com aproximadamente seiscentos e quarenta quilômetros de comprimento, por trezentos e vinte de largura. Naquele momento apenas uma parte dessa extraordinária formação estava exposta à luz do dia, contudo era bastante clara a razão para as variações do brilho de Japeto. É que, no lado ocidental da órbita daquela lua, a brilhante elipse ficava voltada para o Sol — e a Terra. Desviara-se em sua fase oriental. Somente o hemisfério pouco iluminado poderia ser observado.

A grande elipse era perfeitamente simétrica, disposta a cavaleiro sobre o equador de Japeto, com o seu eixo maior apontado para os pólos. Seu contorno era tão definido que dava a impressão de ter sido cuidadosamente pintada sobre a face da pequena lua. Parecia absolutamente plana. Bowman ficou imaginando se era um lago de algum líquido congelado. Tal hipótese,

porém, era pouco provável, considerando-se a sua aparência espantosamente artificial.

Bowman dispunha de pouco tempo para examinar Japeto dessa vez, enquanto se encaminhava para o centro do sistema saturniano, pois o clímax da viagem, ou seja, a manobra final da nave, aproximava-se rapidamente. Ao ultrapassar Júpiter, a nave utilizara o campo gravitacional daquele planeta para aumentar sua velocidade. Agora deveria fazer o contrário: seria preciso perder o máximo de sua velocidade, do contrário seria lançada para fora do sistema solar, voando rumo às estrelas. Sua trajetória fora calculada com a finalidade de transformá-la em nova lua de Saturno, deslocando-se em órbita elíptica, com três milhões e duzentos mil quilômetros de comprimento. No ponto mais próximo quase roçaria o planeta, enquanto no mais afastado tocaria a órbita de Japeto.

Os computadores da Terra, ainda que suas comunicações o alcançassem com atraso de três horas, haviam informado a Bowman que tudo estava em perfeita ordem. A velocidade e a posição eram corretas. Não havia mais nada a fazer até o momento preciso da maior aproximação.

O imenso sistema de anéis parecia ocupar todo o céu. A nave agora sobrevoava o seu ponto mais extremo. Ao olhar para baixo, em sua direção, de uma altura de aproximadamente quinze mil quilômetros, Bowman pôde verificar através do telescópio que os anéis eram compostos principalmente de gelo, que brilhava e cintilava à luz do Sol. Parecia-lhe estar sobrevoando uma tempestade de neve que deixava perceber, aqui e ali, em vez do solo, um frustrante panorama noturno e estrelado.

Enquanto o Discovery descrevia uma curva mais próxima ainda de Saturno, a luz do Sol incidiu lentamente sobre os múltiplos arcos dos anéis. Estes pareciam agora transformar-se numa ponte esbelta e prateada atravessando os céus. Sua consistência tênue encobria parcialmente a luz do Sol. Suas miríades de cristais produziam uma refração e difundiam a luz em deslumbrantes efeitos pirotécnicos. Enquanto o Sol deslizava por trás daquela vasta extensão de gelo, pálidos fantasmas corriam pelo céu, o qual se enchia de labaredas e clarões. Por fim, o Sol mergulhou abaixo dos anéis, aparecendo emoldurado pelos seus arcos e desfazendo o espetáculo de fogos de artifício celestes.

Pouco depois, a nave penetrou na sombra de Saturno ao realizar a sua aproximação máxima com o lado noturno do planeta. No alto brilhavam as estrelas e os anéis. Embaixo via-se vagamente o mar de nuvens. Aquele

planeta não apresentava os padrões misteriosos de luminosidade que Bowman avistara na noite jupiteriana. Talvez Saturno fosse demasiado frio. O panorama de nuvens era perceptível apenas através do brilho fantasmagórico refletido pelos *icebergs* circulantes, ainda iluminados pelo Sol que já se escondera. No centro do arco porém, via-se um grande e escuro precipício no ponto em que o planeta projetava sua sombra sobre os anéis. A impressão era de uma ponte na qual faltasse alguma parte ainda não concluída.

O contato radiofônico com a Terra fora interrompido e não poderia ser restabelecido até que a nave emergisse novamente de trás da massa eclipsante de Saturno. Felizmente, Bowman estava por demais ocupado para não pensar em sua solidão subitamente intensificada. Nas horas seguintes, cada segundo seria precioso, enquanto ele estivesse controlando as manobras de frenagem, manobras essas já programadas pelos computadores terrestres.

Após meses de inatividade, os principais propulsores começaram a lançar longas cataratas de plasma incandescente. A gravidade voltou, ainda que rapidamente, ao mundo imponderável do Posto de Controle, Centenas de quilômetros abaixo da nave as nuvens de metano e amônia congelados refletiam uma luz até então desconhecida. O Discovery, à guisa de um pequeno e fortíssimo sol. deslizava através da noite de Saturno.

Surgiu finalmente adiante um pálido alvorecer. A nave, deslocando-se agora cada vez mais lentamente, emergia de novo rumo à luz do dia. Não mais escaparia ao Sol, nem a Saturno, porém a sua velocidade seria ainda suficiente para afastá-la do planeta até roçar na órbita de Japeto, distante três milhões de quilômetros.

O Discovery necessitaria de catorze dias para empreender essa escalada, atravessando novamente, em ordem inversa, as trajetórias das luas internas. Uma a uma, cruzaria as órbitas de Mimas, Encelado, Tétis, Dione, Réia, Titã, Hiperion... mundos esses batizados com nomes de divindades que, falando em termos de tempo universal, haviam desaparecido apenas na véspera.

Então se aproximaria o momento de seu encontro com Japeto. Se por acaso falhasse, rumaria novamente em direção a Saturno, percorrendo infinitamente a sua órbita elíptica com vinte e oito dias de duração. Não haveria possibilidade de outro encontro, se o Discovery falhasse na primeira

tentativa. Por ocasião da sua próxima passagem, Japeto estaria muito distante, quase do lado oposto de Saturno.

Evidentemente voltariam a se encontrar, quando as órbitas da nave e do satélite se cruzassem novamente. Isso, porém, estava ainda num futuro tão distante que, quaisquer que fossem as circunstâncias, Bowman sabia que seria incapaz de testemunhá-lo.

35. O olho de Japeto

Quando Bowman observara Japeto pela primeira vez, a estranha área elíptica estava parcialmente mergulhada na sombra, iluminada apenas pela luz de Saturno. Agora, porém, enquanto Japeto percorria lentamente sua órbita de setenta e nove dias, a elipse emergia em plena luz do dia.

Ao vê-la crescer, e aproximando-se o Discovery cada vez mais lentamente do seu inevitável destino, Bowman foi outra vez assaltado por uma obsessão que o vinha perturbando. Não chegara a mencioná-la em seus relatórios ao Controle da Missão, temendo que isso os levasse a crer que já estava começando a sofrer de alucinações.

É verdade que talvez estivessem certos. Bowman praticamente convencerase de que a brilhante elipse, desenhada contra o fundo escuro do satélite, era um grande olho vazado, examinando-o enquanto ele se aproximava. Parecia um olho desprovido de pupila, já que não havia qualquer coisa perturbando a sua perfeita uniformidade.

Porém, quando a nave distava apenas oitenta mil quilômetros e Japeto surgia duas vezes maior do que a Lua vista da Terra, notou que havia um pequeno ponto preto bem no centro da elipse. Não dispunha, entretanto, na ocasião, de tempo para um exame realmente minucioso, pois tinha chegado a hora das manobras finais.

Pela última vez os propulsores principais da nave utilizariam a sua potência. A fúria incandescente dos átomos moribundos atravessou finalmente o sistema de luas de Saturno. Para David Bowman, o som distante dos jatos trouxe um sentimento misto de orgulho e tristeza. Os extraordinários engenhos haviam desempenhado as suas funções com

impecável eficiência, conduzindo a nave da Terra para Júpiter e daí até Saturno. Seria a sua última oportunidade de funcionamento. Ao esvaziar os seus tanques, o Discovery se tornaria desamparado e inerte, como qualquer cometa ou asteróide, transformando-se em prisioneiro impotente da gravidade. Mesmo quando chegasse a nave de resgate, alguns anos mais tarde, não seria solução nada econômica reabastecê-lo para que pudesse empreender a viagem de volta à Terra. Permaneceria eternamente em órbita, qual um monumento em memória dos pioneiros da exploração interplanetária.

Os milhares de quilômetros reduziram-se a centenas e, enquanto isso acontecia, os ponteiros que marcavam a quantidade de combustível nos tanques caíram lentamente para zero. Junto ao painel de controle, os olhos de Bowman acompanhavam ansiosamente os instrumentos e os gráficos improvisados, aos quais consultava a fim de tomar, caso fosse necessário, alguma medida de emergência. Seria um triste anticlímax se, após sobreviver a tantas outras coisas, não conseguisse efetuar o encontro programado por falta da pequena quantidade necessária de combustível.

O troar silenciou no momento em que o principal propulsor parou de agir. Apenas os jatos auxiliares continuavam a impulsionar levemente a nave, fazendo que ela penetrasse em sua órbita. Japeto surgia agora num crescendo gigantesco, enchendo todo o céu. Até aquele momento, Bowman o considerara um objeto pequeno e insignificante, o que era verdade se fosse comparado com o imenso mundo em torno do qual girava. Agora, ao assomar ameaçadoramente acima dele, parecia enorme, como se fora um desconunal martelo cósmico prestes a esmagar o Discovery, que não passava de uma casca de noz.

A aproximação de Japeto era tão vagarosa que o satélite, às vezes, parecia estar imóvel, tornando-se impossível precisar o momento exato em que se transformou de simples corpo astronômico em panorama a estender-se por oitenta quilômetros de distância.

Os eficientes jatos auxiliares lançaram seus últimos jorros propulsores, fechando-se em seguida definitivamente. A nave penetrara em sua órbita final, na qual completava uma revolução cada três horas, à velocidade de apenas mil e trezentos quilômetros horários, o suficiente naquele campo gravitacional pouco intenso.

O Discovery transformara-se em satélite de um satélite.

36. O irmão maior

— Estou novamente penetrando no lado diurno, o qual corresponde exatamente à minha descrição anterior por ocasião da minha última passagem. Aparentemente existem apenas duas variedades de material na superfície deste lugar. A parte preta parece estar tostada, possuindo aspecto e textura semelhantes à do carvão, pelo menos de acordo com o que posso ver através do telescópio. Para falar a verdade, lembra-me uma torrada queimada...

"Ainda não consegui chegar a nenhuma conclusão com referência à área branca. Seu contorno é perfeitamente definido e sua superfície não oferece qualquer pormenor. Poderá talvez ser um líquido, a julgar por sua uniformidade. Não sei que impressão estão tendo através dos vídeos que lhes enviei mas, se tentarem visualizar um oceano de leite congelado, obterão uma idéia exata.

"Poderá ser igualmente algum gás pesado. Não, pensando bem, acho que isso não seria possível. Tenho a impressão, às vezes, de que se move muito lentamente, mas não estou certo...

"Encontro-me novamente acima da área branca, em minha terceira volta. Desta vez espero passar bem mais perto daquele ponto que avistei no seu centro exato. Se meus cálculos estiverem corretos, passarei a uns oitenta quilômetros desse objeto.

"...Sim, há algo lá realmente de acordo com o que pensei. Está surgindo acima do horizonte, como, também, Saturno, aproximadamente na mesma quadratura celeste. Vou até o telescópio...

"Alô!

"Parece um edifício, completamente negro, difícil de distinguir. Não há janelas ou quaisquer outros pormenores. É apenas uma grande laje vertical, com pelo menos quilômetro e meio de altura para que possa ser visível desta distância. Lembra-me... esperem... mas é claro! *É exatamente igual àquela coisa que vocês encontraram na Lua.* É um irmão maior da AMT-1!"

37. A experiência

Vamos chamá-lo de "Portal das Estrelas".

Durante três milhões de anos vinha girando ao redor de Saturno, à espera de um momento que talvez jamais chegasse. No instante de sua criação, uma lua fora despedaçada e seus fragmentos continuavam ainda em órbita.

Agora a longa espera terminava. Num outro mundo a inteligência nascera e escapara de seu berço planetário. Uma experiência muito antiga estava prestes a atingir o seu ponto máximo.

Os iniciadores dessa experiência não tinham sido homens — nem mesmo remotamente humanos. Eram, porém, de carne e osso. Ao fitar as profundezas do espaço, sentiam temor, dúvida e solidão. Logo que se julgaram suficientemente fortes, haviam partido, rumo às estrelas.

Em suas expedições exploradoras depararam com diversas formas de vida, acompanhando os trabalhos da evolução em mil mundos diferentes. Puderam testemunhar a freqüência com que as primeiras fagulhas fraquíssimas de inteligência bruxulearam e desapareceram na noite cósmica.

Não tendo encontrado em toda a galáxia nada que fosse mais precioso que a Mente, encorajaram o seu aparecimento em todos os lugares. Tornaram-se lavradores nos campos das estrelas, semeando e, às vezes, colhendo.

Havia ainda ocasiões em que eram obrigados a capinar.

Há muito que os grandes dinossauros já estavam extintos quando a nave exploradora penetrou no sistema solar, após uma viagem que durara mil anos. Ultrapassou rápido os planetas externos congelados, deteve-se brevemente acima dos desertos de Marte que agonizava e, por fim, passou a examinar a Terra.

Os exploradores avistaram então, abaixo deles, um mundo onde a vida fervilhava. Durante longos anos ficaram estudando, recolhendo dados e catalogando. Depois de terem assimilado tudo aquilo que lhes parecia necessário, deram início às transformações. Determinaram o destino de inúmeras espécies, tanto na terra como nos oceanos. Entretanto, se tais experiências seriam bem sucedidas, era algo que não poderiam saber antes

que passasse pelo menos um milhão de anos...

Eram pacientes sem serem, contudo, imortais. Havia muito a fazer naquele universo de cem bilhões de sóis, e outros mundos os chamavam. Partiram, portanto, mais uma vez, rumo ao vazio, sabendo que nunca mais retornariam àquele lugar.

E nem haveria necessidade. Os servos que ali deixaram se encarregariam do resto. Sobre a Terra as geleiras se sucediam, enquanto acima delas a Lua imutável continuava guardando o segredo. Com um ritmo mais lento ainda que o do gelo polar, as marés de civilizações varriam a galáxia. Impérios estranhos, belos e terríveis surgiam e caíam, transmitindo os conhecimentos aos seus descendentes. A Terra não foi esquecida, contudo não teria experimentado outra visita. Era apenas um entre um milhão de mundos silenciosos, poucos dos quais chegariam jamais a dizer algo. Agora, em meio às estrelas, a evolução buscava novos rumos. Aqueles primeiros exploradores da Terra tinham, há muito, ultrapassado as limitações do corpo de carne e osso. Assim que suas máquinas se tornaram mais eficientes que os seus corpos, fora feita a transferência. Em primeiro lugar, os seus cérebros, depois apenas os seus pensamentos, foram habitar os brilhantes domicílios de metal e plástico.

Nesses novos envoltórios ficaram perambulando pelas estrelas. Não mais construíam naves, eles próprios *eram* as naves.

Porém, a era mecânica passou rapidamente. Mediante incessantes experiências aprenderam a armazenar conhecimentos na própria estrutura do espaço, preservando suas idéias para a eternidade em compartimentos de luz congelada. Mutavam-se assim em criaturas da radiação, livres, finalmente, da tirania da matéria.

Estavam agora transformados em energia pura. Em mil mundos, as cascas vazias por eles abandonadas contorceram-se nos estertores da morte, esfarelando-se e desfazendo-se em ferrugem.

Haviam-se tornado os senhores da galáxia, insensíveis ao tempo. Podiam vagar a seu bel-prazer por entre as estrelas, penetrando, qual neblina, em todos os interstícios do espaço. Entretanto, apesar dos seus poderes quase divinos, não haviam esquecido completamente a sua origem, no lodo quente de um oceano desaparecido.

Continuavam ainda a vigiar as experiências iniciadas por seus antepassados naquelas eras remotas.

38. A sentinela

— O ar da nave está ficando viciado e eu sinto uma dor de cabeça quase constante. Ainda há muito oxigênio, mas acontece que os purificadores nunca chegaram a fazer realmente uma limpeza completa depois que os líquidos a bordo começaram a ferver, escapando em direção ao espaço. Quando as coisas pioram muito, vou até a garagem e respiro um pouco do oxigênio puro das cápsulas...

"Não houve qualquer reação aos meus sinais e agora, em consequência de minha inclinação orbital, estou me afastando cada vez mais da AMT-2. A propósito, parece-me que o nome que lhe deram é inadequado. Continua inexistente qualquer vestígio de campo magnético.

"No momento, a minha aproximação máxima é de quase oitenta quilômetros. Aumentará para cerca de cem quando Japeto passar abaixo de mim. Voltarei a sobrevoar a coisa dentro de trinta dias. Mas isso é tempo demais para esperar, e de qualquer forma estará então mergulhada no escuro.

"Mesmo agora será visível apenas durante alguns minutos, antes de voltar a desaparecer além do horizonte. É muito frustrante não ser possível fazer uma observação mais minuciosa.

"Gostaria de obter sua aprovação para o seguinte plano: as cápsulas têm condições para descer e em seguida retornar à nave. Desejo fazer uma averiguação extraveicular desse objeto. Se me parecer seguro, descerei ao seu lado — ou talvez até mesmo no seu topo.

"A nave continuará acima do meu horizonte enquanto eu estiver descendo, de modo que o resto poderei deixar a seu cargo. Comunicar-me-ei novamente na próxima órbita, e desse modo a perda de contato não passará de noventa minutos.

"Estou convencido de que isso é absolutamente necessário. Viajei um bilhão e meio de quilômetros. Não vou permitir agora ser derrotado nos últimos mil."

Durante aquelas últimas semanas, voltando os seus estranhos sentidos em direção ao Sol, o "Portal das Estrelas" continuava vigiando a nave que se

aproximava. Seus criadores o haviam preparado com vários propósitos, sendo este precisamente um deles. Reconhecera logo o objeto que vinha em sua direção procedente do coração do sistema solar.

Se fosse dotado de vida, teria experimentado grande excitação. Entretanto, esse tipo de emoção estava totalmente além de suas forças. Mesmo que a nave apenas o ultrapassasse, não sentiria qualquer desapontamento. Esperara milhões de anos e estava preparado para continuar esperando pela eternidade afora.

Observava e registrava, sem tomar qualquer atitude, enquanto o visitante testava sua velocidade com jatos de gás incandescente. Sentia o roçar suave das radiações destinadas a deslindar seus segredos e mesmo assim não fazia nada.

Agora a nave estava em órbita, a pouca distância dessa lua estranha. Começara a falar, emitindo ondas de rádio, fazendo contagens sucessivas de 1 a 11. Logo usaria sinais mais complexos, em diversas frequências — ultravioleta, infravermelhos, raios x. O "Portal das Estrelas" continuava mudo. Não respondia, pois não tinha nada a dizer.

Houve então uma longa pausa. Observou depois que alguma coisa vinha caindo em sua direção, procedendo da nave. Começou a examinar seus registros e os circuitos de memória que comandavam suas decisões, de acordo com as antiquíssimas ordens recebidas.

Sob a fria luz de Saturno, o "Portal das Estrelas" despertava suas energias que dormitavam.

39. Penetrando no olho

O Discovery continuava com o mesmo aspecto que tinha na última vez em que o vira flutuando em órbita lunar. Talvez houvesse apenas uma pequena alteração. Ele não estava certo, mas parecia que parte de sua pintura externa, indicando as funções dos diversos dispositivos, estava desbotada, certamente em consequência da longa exposição ao Sol.

Esse Sol era agora um objeto que nenhum homem seria capaz de reconhecer. Apesar de brilhante demais para ser confundido com outra estrela, seu disco reduzido poderia ser olhado diretamente sem qualquer proteção. Não fornecia, também, qualquer calor. Quando Bowman estendeu a mão sem luva em direção aos seus raios que atravessavam as janelas da cápsula, nada sentiu em sua pele. Seria o mesmo que tentar aquecer-se à luz da Lua. Nem mesmo o estranho panorama que se descortinava a oitenta quilômetros abaixo dele seria capaz de lembrar-lhe mais vivamente a imensa distância que o separava da Terra.

Estava deixando, quiçá pela última vez, o mundo metálico que fora seu lar por tantos e tantos meses. Mesmo que jamais retornasse, a nave continuaria a desempenhar sua tarefa, enviando para a Terra as leituras em seus instrumentos, até que seus circuitos fossem danificados por alguma falha irremediável.

E se retornasse? Bem, poderia sobreviver por mais alguns meses, talvez em pleno gozo das faculdades mentais. Porém isso seria tudo, já que os sistemas de hibernação seriam inoperantes sem qualquer computador para controlá-los. Não teria nenhuma oportunidade de sobrevivência até que o Discovery II viesse ao encontro de Japeto dentro de quatro ou cinco anos.

Procurou afastar esses pensamentos ao ver crescendo o dourado de Saturno que se erguia no horizonte adiante dele. Em toda a história da humanidade era ele o único a presenciar esse espetáculo. Até então, aos olhos de todos os homens, Saturno sempre aparecera sob a forma de um disco iluminado, com sua face voltada para o Sol. Agora surgia diante de Bowman como um arco delicado, com seus anéis formando uma linha fina que o atravessava, como se fosse uma seta prestes a ser lançada em direção ao Sol.

Em alinhamento com os anéis surgia, como estrela brilhante, o satélite Titã, seguido pelo brilho menos intenso das demais luas. Antes da metade do século, os homens teriam visitado todas elas. Mas seus segredos talvez jamais chegassem a ser desvendados.

O contorno daquele olho branco e cego aproximava-se. Faltavam apenas cento e cinquenta quilômetros para percorrer. Atingiria seu alvo em menos de dez minutos. Gostaria de poder certificar-se de que as suas palavras alcançavam a Terra, agora distante hora e meia à velocidade da luz. Que terrível ironia se, como conseqüência de algum defeito no sistema, ele desaparecesse em meio ao silêncio, sem que ninguém jamais chegasse a

saber o que lhe tinha acontecido!

O Discovery continuava sendo uma estrela brilhante na escuridão acima dele. Bowman ganhava velocidade enquanto descia, porém em breve os jatos de frenagem da cápsula a diminuiriam, e a nave desapareceria do seu campo visual, deixando-o sozinho sobre aquela planície brilhante com o seu negro mistério central.

Um bloco de ébano crescia acima do horizonte, eclipsando as estrelas. A velocidade orbital foi cortada e ele começou a descer, descrevendo um longo arco, em direção à superfície de Japeto.

Num mundo de gravidade mais intensa, a manobra gastaria grande quantidade de combustível. Contudo, ali, onde a cápsula não pesava mais do que uns poucos quilos, ele disporia de alguns minutos de flutuação, antes que fosse obrigado a usar perigosamente as reservas, com o risco de encalhar e sem esperança de retornar à nave. Se bem que isso, afinal, não faria grande diferença...

Sua altitude era então de oito quilômetros aproximadamente. Dirigia-se para o enorme objeto negro que se elevava, com perfeição geométrica, sobre a planície. Era tão liso e uniforme quanto a superfície branca abaixo dele. Bowman não imaginara a sua real dimensão. Haveria bem poucos edifícios na Terra tão grandes quanto aquela coisa. Suas fotografias, cuidadosamente avaliadas e medidas, indicavam uma altura de quase seiscentos metros. Aparentemente, as suas proporções correspondiam às da AMT-1, ou seja: 1 para 4 para 9.

— Minha distância agora é apenas cinco quilômetros e mantenho a altitude de mil e duzentos metros. Não há qualquer vestígio de atividade. Os instrumentos nada acusam. As faces do objeto parecem inteiramente lisas e polidas. Esperava encontrar vestígios de danos causados por meteoritos depois de todo esse tempo.

"Não há quaisquer fragmentos no que poderia ser chamado de telhado. Também não vejo qualquer abertura. Imaginava encontrar algum vestígio de entrada..."

"Agora encontro-me exatamente acima dele, flutuando a cento e cinquenta metros de altura. Não desejo perder tempo, pois sem demora o Discovery estará fora do meu alcance. Vou descer agora. A coisa parece bastante sólida. Se não for levantarei vôo imediatamente.

"Um instante... é estranho..."

A voz de Bowman desapareceu no meio de um silêncio de espanto. Não

estava alarmado. Era incapaz simplesmente de descrever o que via.

Estivera flutuando acima de um grande retângulo plano, com duzentos e quarenta metros de comprimento por sessenta de largura, tendo a aparência de uma rocha muito sólida. Agora, porém, esse retângulo parecia recuar, afastando-se dele. Assemelhava-se a uma dessas ilusões de óptica, em que qualquer objeto tridimensional parece virar pelo avesso, enquanto se alternam os seus lados próximos e distantes.

Era o que sucedia àquela enorme estrutura aparentemente sólida. Apesar de impossível e inacreditável, não era mais um monólito que se elevava às alturas por cima de uma superfície plana. Aquilo que parecia ser o teto mergulhara em profundezas infinitas. Durante um breve instante, Bowman teve a impressão de estar olhando através de uma coluna vertical ou um dueto retangular que desafiasse as leis da perspectiva, pois o seu tamanho não diminuía a distância.

O olho de Japeto piscou, como que para remover uma irritante partícula de pó. David Bowman só teve tempo para uma frase curta e entrecortada. Frase essa, entretanto, que jamais seria esquecida pelos homens do Controle da Missão, em sua ansiosa expectativa, a um bilhão e meio de quilômetros e oitenta minutos no futuro: — A coisa é oca — prolonga-se indefinidamente — e, oh! meu Deus! — *está cheia de estrelas!*

40. A saída

Numa fração de tempo demasiado curto para ser avaliada, o Espaço virou e girou sobre si mesmo.

Em seguida, Japeto voltou a ficar solitário, como estivera durante três milhões de anos. Em sua solidão tinha apenas a companhia de uma nave deserta que continuava a enviar aos seus criadores mensagens que eles jamais seriam capazes de compreender.

VI. ALÉM DO PORTAL DAS ESTRELAS

41. A Central Geral

Não havia qualquer sensação de movimento, contudo ele estava caindo em direção àquelas estrelas impossíveis que brilhavam no coração escuro de um satélite. Não, não seria ali que elas realmente se encontravam — quanto a isso ele tinha absoluta certeza. Agora, que já era tarde demais, lamentava não ter prestado maior atenção às teorias de hiperespaço e ductos transdimensionais. Para David Bowman elas haviam deixado de ser simples teorias.

Talvez aquele monólito fosse oco. Era bem possível que o "telhado" não passasse de ilusão de óptica, sendo uma espécie de diafragma que se abria à sua passagem. (Mas passagem para onde?) Estava em dúvida se ainda podia confiar em seus sentidos, mas tinha a impressão exata de estar caindo verticalmente através de um gigantesco fuste retangular, com milhares de metros de profundidade. Deslocava-se com velocidade cada vez maior, porém a extremidade não alterava seu tamanho, conservando-se a uma distância constante. Somente as estrelas se moviam. Ao começo, tão devagar que ele custou a compreender que elas escapavam para fora da moldura que as continha. Logo, porém, tornou-se evidente que o campo estrelado se expandia em velocidade vertiginosa ao aproximar-se. Essa expansão não era linear. As estrelas centrais pareciam imóveis, enquanto as mais próximas dos extremos sofriam aceleração crescente, acabando por transformar-se em linhas luminosas pouco antes de deixar o seu campo visual.

Outras, porém, surgiam para tomar o seu lugar. Pareciam fluir de alguma fonte inesgotável. Bowman ficou imaginando o que aconteceria se uma delas viesse em sua direção. Nenhuma, contudo, chegou a aproximar-se o suficiente para permitir a observação de seu disco. Todas acabavam por se

desviar, afastando-se para além da sua moldura retangular.

Mesmo assim a extremidade do fuste não se aproximava. Bowman tinha a impressão de que suas paredes se deslocavam junto com ele, acompanhando-o rumo ao seu destino ignorado. Ou então talvez ele estivesse imóvel, enquanto o espaço se deslocava ...

Percebeu repentinamente que não se tratava apenas do espaço. O relógio do pequeno painel de instrumentos da cápsula começou a comportar-se de maneira estranha.

Em condições normais, os números correspondentes aos décimos de segundo passavam tão rapidamente que se tornava praticamente impossível a sua leitura. Agora, porém, apareciam e desapareciam durante pequenos intervalos e ele era capaz de lê-los um a um sem qualquer dificuldade. Os segundos, por sua vez, passavam com incrível lentidão, como se o tempo estivesse prestes a parar. Por fim, o indicador de décimos de segundo deteve-se entre os números 5 e 6.

Bowman, no entanto, continuava capaz de pensar e até mesmo observar, enquanto aquelas paredes de ébano passavam ao seu lado numa velocidade in determinada. De certa forma não se sentia surpreso nem estava alarmado. Envolveria-o uma calma expectativa, semelhante à que experimentara certa vez ao ser submetido a experiências com drogas alucinógenas. O mundo ao seu redor era estranho e maravilhoso, não havendo nada a temer. Ele viajara aqueles milhões de quilômetros em busca de mistério e agora, segundo tudo indicava, o mistério vinha ao seu encontro.

O retângulo diante dele ficou mais claro. As trajetórias luminosas das estrelas tornaram-se mais pálidas em contraste com um céu leitoso, cujo brilho parecia aumentar a cada instante. Bowman tinha a impressão de estar-se dirigindo para uma nuvem iluminada uniformemente pelos raios de um sol invisível.

Estava prestes a emergir daquele túnel, cuja extremidade, que até então se conservara a uma distância indeterminada, subitamente passara a obedecer às leis da perspectiva. Aproximava-se e alargava-se lentamente diante de seus olhos. Bowman percebeu ao mesmo tempo que subia e durante breve instante ficou imaginando se teria atravessado Japeto, surgindo agora no outro lado. Entretanto, mesmo _ antes que a cápsula emergisse no espaço, teve certeza absoluta de que o lugar em que se encontrava não tinha relação com Japeto ou qualquer outro mundo conhecido. Não havia atmosfera. Distinguia perfeitamente todos os pormenores num horizonte estranhamente

plano. Aquele mundo deveria ser gigantesco — talvez maior que a própria Terra. Mas, apesar de sua extensão, percebeu que a superfície visível estava dividida por um desenho claramente artificial, em que cada elemento, visto de lado, deveria ter quilômetros.

Assemelhava-se a um quebra-cabeças de algum gigante que brincasse com os planetas. Nos centros de muitos desses quadrados, triângulos e polígonos erguiam-se colunas negras, iguais àquela de onde acabara de emergir.

O céu, porém, era mais estranho ainda do que o solo lá embaixo. Não havia estrelas, nem, também, o negrume do espaço. Havia apenas uma dimensão leitosa e brilhante que se estendia infinitamente. Bowman recordou a descrição que ouvira, certa vez, a respeito da Antártida, onde se tinha a impressão "de estar no interior de uma bola de pingue-pongue". Essas palavras poderiam ser aplicadas perfeitamente àquele estranho lugar, contudo a explicação deveria ser totalmente diversa. Aquele céu não tinha qualquer relação com os efeitos produzidos pela neblina e pela neve. O vácuo ali era total.

Aos poucos os olhos de Bowman acostumaram-se ao brilho do céu. Foi então que pôde perceber a existência de outra peculiaridade: o céu não estava, conforme imaginara a princípio, totalmente vazio. Adiante, perfeitamente imóveis e dispostos ao acaso, encontravam-se miríades de pequenos pontos negros.

Esses pequenos pontos escuros lembraram a Bowman algo tão familiar e ao mesmo tempo tão inacreditável, que ele se recusou a aceitar a comparação até que o raciocínio lógico o forçasse a fazê-lo: aqueles pontos que se destacavam no céu branco eram estrelas. Ele podia estar diante do negativo da via-láctea.

"Meu Deus, onde será que estou?", pensou ele, sabendo de antemão que jamais teria a resposta. O Espaço parecia estar pelo avesso. Nenhum ser humano poderia ter acesso àquele lugar. Sentiu um frio repentino, apesar do calor agradável que havia no interior da cápsula. Foi dominado por um tremor incontrolável. Gostaria de fechar os olhos, fugindo ao niilismo que o envolvia. Mas seria um ato covarde e ele não desejava se entregar.

O planeta facetado continuava a rolar lentamente abaixo dele, sem que tivesse surgido qualquer modificação no cenário. Calculou que devia estar a uns quinze quilômetros da superfície, de onde já poderia avistar facilmente quaisquer sinais de vida. Porém aquele mundo estava absolutamente deserto:

a inteligência o visitara, exercera a sua vontade e tornara a partir.

Foi então que notou, aproximadamente a uns trinta quilômetros, uma pilha cilíndrica de fragmentos que, sem dúvida alguma, era a carcaça de uma nave gigantesca. Estava longe demais para que pudesse distinguir quaisquer pormenores, mas, antes que desaparecesse, ele pôde ainda ver algumas nervuras quebradas à semelhança de folhas de metal estraçalhadas. Ficou pensando nos milhares de anos em que ali estariam aqueles destroços e na espécie de criaturas que haviam utilizado a nave.

Logo esqueceu os destroços, pois algo surgia acima do horizonte.

Inicialmente pensou tratar-se de um disco plano. Ao aproximar-se e passar embaixo dele, Bowman viu que o objeto tinha o formato de um fuso, com algumas centenas de metros de comprimento. Se bem que percebesse a existência de faixas ao longo do seu corpo, não conseguiu focalizá-las. O objeto parecia vibrar ou girar rápido demais.

Era afilado em ambas as extremidades e não havia qualquer vestígio de sistema de propulsão. O único pormenor familiar aos olhos humanos era a sua cor. Se fosse realmente um artefato sólido e não uma ilusão de óptica, então seria possível admitir que os seus criadores compartilhassem algumas das emoções do homem. Era certo, contudo, que não partilhavam as suas limitações, pois o fuso parecia feito de ouro.

Bowman desviou a cabeça para o sistema retrovisor a fim de acompanhar o desaparecimento daquele objeto. O artefato o ignorara por completo e agora descia em direção a uma das milhares de aberturas. Segundos mais tarde desapareceu, em meio a um derradeiro clarão dourado, mergulhando no interior do planeta. Bowman estava novamente sozinho sob aquele céu sinistro. O sentimento de isolamento e abandono que o dominava tornou-se mais esmagador que nunca.

Percebeu então que ele mergulhava, também, rumo à superfície do mundo gigantesco e que outra fenda retangular se abria debaixo dele. O céu fechou-se acima da cápsula e o relógio parou. Mais uma vez estava caindo entre paredes de ébano aparentemente infinitas, em direção a outra mancha estrelada e distante. Agora, porém, tinha certeza de não estar retornando ao sistema solar e, num momento fugidio de perspicácia, sentiu que já sabia que coisa era aquela.

Tratava-se de uma espécie de dispositivo de controle cósmico, destinado a comandar o tráfego das estrelas através de inimagináveis dimensões de

espaço e tempo. Estava atravessando a Central Geral da galáxia.

42. O céu misterioso

Lá adiante as paredes da abertura tornavam-se visíveis sob a fraca luz proveniente de alguma fonte ainda oculta. A treva foi então dissipada subitamente, enquanto a pequenina cápsula subia com rapidez em direção a um céu repleto de estrelas.

Retornara ao espaço, porém bastou-lhe uma rápida olhadela para compreender que se encontrava a séculos-luz da Terra. Nem mesmo tentou identificar algumas das constelações conhecidas, companheiras inseparáveis do homem desde os primórdios da sua própria história. Talvez nenhuma das estrelas que agora brilhavam ao seu redor tivesse jamais sido vista a olho nu.

A maioria delas concentrava-se num cinturão brilhante, interrompido aqui e ali por faixas escuras de poeira cósmica. Esse cinturão, que envolvia o céu, assemelhava-se à via-láctea, sendo, porém, infinitamente mais brilhante. Bowman ficou pensando se aquela não seria a sua própria galáxia, vista apenas de um ponto bem mais próximo do seu âmago resplandecente e densamente povoado.

Desejou que assim fosse, pois dessa forma estaria mais próximo do seu planeta. Mas logo compreendeu que era esse um pensamento infantil. Encontrava-se tão inconcebivelmente distante do sistema solar, que já não fazia qualquer diferença ser aquela a sua própria galáxia ou a mais distante delas.

Olhou para trás e sentiu outro choque. Não havia ali qualquer mundo facetado ou qualquer duplicata de Japeto. Na realidade, não havia *nada* além de uma sombra escura em meio às estrelas, como a porta de um quarto hermeticamente fechado que se abrisse para uma noite mais escura ainda. Enquanto olhava, a porta foi cerrada. Não recuou. Encheu-se lentamente de estrelas. Foi como se um rasgão no espaço tivesse sido remendado. Estava mais uma vez sozinho sob aquele céu.

A cápsula mudava de posição, trazendo novas maravilhas para dentro do seu campo visual. Em primeiro lugar, avistou um enxame de estrelas, formando um conjunto perfeitamente esférico, que se tornava cada vez mais denso à medida que se aproximava do centro onde o brilho era mais intenso e constante. Suas extremidades não eram bem definidas. Parecia mais um halo, composto de sóis associados e misturados ao fundo das estrelas mais distantes.

Essa aparição gloriosa, Bowman o sabia, era um agrupamento globular. Estava diante de alguma coisa que jamais olho humano avistara, a não ser sob a forma de mancha luminosa no campo do telescópio. Não se lembrava da distância do agrupamento mais próximo, porém tinha certeza de que não havia qualquer deles a menos de mil anos-luz do sistema solar.

A cápsula continuava em sua rotação lenta, oferecendo-lhe agora uma visão mais estranha ainda: um gigantesco sol vermelho muito maior do que a Lua quando vista da Terra. Bowman podia fitá-lo diretamente, sem que isso o perturbasse. A julgar pela sua coloração, não seria mais quente que um carvão em brasa. Aqui e ali, em meio àquela vermelhidão, viam-se rios de um amarelo brilhante, verdadeiros Amazonas incandescentes, meandrando por milhares de quilômetros antes de se perder nos desertos desse sol agonizante.

Agonizante? Não. Essa impressão era absolutamente enganosa, já que se baseava na experiência humana e nas emoções ocasionadas por crepúsculos ou fulgor de brasas em extinção. Tratava-se de estrela que já abandonara as fogosas extravagâncias da juventude, percorrendo os violetas, azuis e verdes, através de bilhões de anos, tendo alcançado a maturidade calma de duração incalculável. Tudo o que já acontecera não era sequer um milésimo do que ainda estava por vir. A história dessa estrela mal começara.

A cápsula parou de girar. O grande sol vermelho encontrava-se bem adiante. Apesar de não haver qualquer sensação de movimento, Bowman sabia que continuava nas garras daquela força que o trouxera de Saturno. Toda a ciência e a tecnologia terrestres pareciam agora ridiculamente primitivas diante daquilo que o arrastava para um destino ignorado.

Perscrutou o céu, tentando descobrir para onde estava sendo levado — talvez para algum planeta que estivesse girando em torno daquele sol. Não conseguiu ver nada. Mesmo que houvesse planetas em órbita, ele não conseguia distingui-los em meio às estrelas.

Notou então que algo de estranho ocorria na extremidade do disco

vermelho. Uma luz branca surgiu e seu brilho foi aumentando rapidamente de intensidade. Ficou imaginando se estaria assistindo a uma dessas súbitas erupções que costumam ocorrer com alguma frequência na maioria das estrelas.

A luz tornava-se cada vez mais forte e azulada, estendendo-se e fazendo que os matizes rubros do sol parecessem mais pálidos. Se bem que a idéia fosse ridiculamente absurda, pareceu a Bowman estar assistindo ao alvorecer num sol qualquer.

A verdade era bem essa. Acima do horizonte flamejante surgiu algo não maior que uma estrela, contudo tão brilhante que o olhar não suportava fixá-lo. Não passava de um ponto de luz branco-azulada, semelhante ao arco voltaico, deslocando-se com incrível velocidade através da face daquele sol gigantesco. Devia estar bem próximo a ele, já que imediatamente abaixo, arrastada por seu empuxo gravitacional, via-se uma coluna de fogo com quilômetros de altura. Parecia uma vaga de labaredas percorrendo o equador da estrela numa perseguição inútil daquela aparição abrasadora.

Aquele minúsculo ponto incandescente devia ser uma Anã Branca, uma dessas estrelas pequenas e intensas, não maior do que a Terra, porém com massa um milhão de vezes superior. Ainda que tais fenômenos não fossem raros, Bowman jamais sonhara contemplar semelhante espetáculo com seus próprios olhos.

O ponto já havia atravessado quase a metade do disco do sol quando Bowman teve finalmente a certeza de que ele estava também em movimento. À sua frente uma das estrelas adquiria rapidamente brilho mais intenso. Talvez fosse esse o mundo para onde estava sendo levado.

Uma trama ou teia metálica, com centenas de quilômetros de extensão, pareceu surgir do nada, enchendo todo o céu. Espalhadas por sua enorme superfície encontravam-se estruturas que deveriam ter dimensões de cidades, mas que possuíam aspecto de máquinas. Ao seu redor, viam-se agrupados inúmeros objetos menores dispostos em filas e colunas.

Bowman ultrapassou diversos desses grupos antes de compreendi que se tratava de esquadrilhas de espaçonaves. Estava sobrevoando um gigantesco estacionamento orbital.

Não havendo objetos familiares que servissem de ponto de referência, foi impossível avaliar a escala da cena que se deslocava rapidamente abaixo dele. Foi igualmente impossível calcular o tamanho das naves que pendiam no espaço. Não havia dúvida, porém, de que eram enormes. Algumas tinham

quilômetros de comprimento. Seu formatos variavam: esferas, cristais facetados, finos bastões, ovóides, discos. Aquele deveria ser o ponto de encontro dos comerciantes das estrelas.

Talvez tivesse sido há um milhão de anos. Bowman não conseguiu avistar qualquer vestígio de atividade. Aquele enorme espaçoporto estava tão morto quanto a Lua.

Chegara a essa conclusão não somente pela falta de qualquer movimento como, também, devido a outros indícios inconfundíveis, tais como enormes brechas rasgadas na teia metálica, ocasionadas certamente por asteróides que se teriam espatifado ao seu encontro. Aquilo não era mais um estacionamento. Tratava-se, isto sim, de um ferro-velho cósmico.

Seus construtores há muito que já tinham desaparecido. Este pensamento fez que Bowman sentisse um baque no coração. Se bem que ignorasse o que o aguardava, vinha nutrindo esperanças de encontrar alguma forma de vida inteligente. Entretanto, ao que tudo levava a crer, já era tarde demais. Fora agarrado numa antiga armadilha, preparada com propósito ignorado e ainda em funcionamento mesmo depois do desaparecimento de seus criadores. Ela o arrastara através da galáxia, atirando-o (quem sabe com quantos outros) naquele sargaço celestial, condenando-o a morrer ao terminar o ar de que dispunha.

Não seria razoável esperar mais além disso. Tinha visto maravilhas pelas quais inúmeros indivíduos estariam dispostos a sacrificar suas vidas. Pensou em seus companheiros mortos. Ele não tinha razões de queixa.

Percebeu que a velocidade se mantinha constante e que o espaçoporto ficava para trás.

Seu destino não estava ali. Estava bem mais adiante, no enorme e rubro sol, em cuja direção a cápsula continuava caindo.

43. O inferno

Agora restava apenas aquele sol rubro, preenchendo todo o céu de ponta a ponta. Aproximara-se tanto que sua superfície já não era mais imóvel. Nódulos luminosos deslocavam-se de um lado para outro. Havia ciclones de

gás ascendente e descendente, bem como proeminências que pareciam elevar-se lentamente em direção aos céus. Seria mesmo lentamente? Talvez sua velocidade fosse superior a um milhão e meio de quilômetros horários para que o seu movimento pudesse ser percebido.

Não fez qualquer tentativa para avaliar a escala do inferno rumo ao qual estava descendo. Sentira-se esmagado pela imensidão de Júpiter e Saturno, quando o Discovery os ultrapassara no sistema solar distante agora incalculável número de quilômetros. Mas o que via deveria ser centenas de vezes maior. Não lhe restava nada mais a fazer senão aceitar, sem interpretá-las, as imagens que apareciam à sua mente.

Teoricamente, deveria sentir medo diante daquele mar de fogo que se alastrava abaixo dele. Estranhamente, porém, Bowman não sentia mais que uma leve apreensão. Não que a sua mente estivesse entorpecida diante de tais maravilhas. Acontecera que o raciocínio lógico o levara à conclusão de que certamente deveria encontrar-se sob a proteção de alguma forma de inteligência quase onipotente. Se não estivesse ao abrigo de alguma tela invisível, já teria sido irremediavelmente queimado pela exposição às radiações daquele sol rubro e tão próximo. Além disso, no decorrer de sua viagem, fora submetido a acelerações que poderiam tê-lo esmagado instantaneamente. Continuava, entretanto, incólume. Diante de todas as precauções que haviam sido tomadas, visando a preservar a sua vida, chegara à conclusão de que lhe era lícito alimentar ainda esperanças.

A cápsula descrevia agora um longo arco, praticamente paralelo à superfície da estrela, descendo vagarosamente em sua direção. Pela primeira vez, Bowman pôde perceber sons. Ouvia um troar leve e contínuo, interrompido de quando em quando por estalidos semelhantes ao rasgar de um papel ou ao ruído de algum trovão distante. Seria certamente o eco fraco de uma cacofonia inimaginável. A atmosfera que o envolvia estaria sendo abalada por choques violentos, capazes de rasgar e desintegrar qualquer objeto material. Apesar dos vagalhões flamejantes, com milhares de quilômetros de altura, que se erguiam e tornavam a desmoronar nas suas proximidades, Bowman permanecia totalmente isolado de toda aquela violência. Os elementos rugiam ao seu redor, como se pertencessem a outro universo, enquanto a cápsula continuava a sua trajetória sossegada, sem que fosse golpeada ou sequer chamuscada.

Os olhos de Bowman, agora mais habituados à estranheza e grandiosidade do espetáculo, começaram a distinguir certos pormenores que até então não

havam percebido, se bem que não lhes fossem totalmente estranhos. A superfície da estrela não era um caos informe. Como em qualquer criação da natureza, havia um certo planejamento.

Em primeiro lugar, notou os remoinhos de gás que se deslocavam acima da superfície. Examinando-os bem no centro, podia perceber mais abaixo regiões escuras e frias. As manchas solares pareciam inexistentes. Talvez elas fossem alguma moléstia exclusiva da estrela que brilhava acima da Terra.

Havia, também, nuvens esparsas, assemelhando-se aos fios de fumaça que precedem um vendaval. Quem sabe seriam realmente fumaça, pois naquele sol frio a existência de fogo verdadeiro seria admissível. Os compostos químicos poderiam nascer e sobreviver por alguns segundos apenas antes de serem estraçalhados pela violência nuclear que os rodeava.

O horizonte agora estava clareando. Seus tons passaram do vermelho para o amarelo, em seguida para o azul e por fim para o violeta. A Anã Branca surgia no horizonte, arrastando atrás de si a maré sideral.

Bowman protegeu os olhos — já que o brilho daquele diminuto sol era intolerável —, focalizando o o mar de estrelas que estava sendo sugado pelo seu campo gravitacional. Certa vez presenciara uma tromba-d'água no mar das Caraíbas, podendo afirmar que essa torre de chamas tinha aspecto bastante semelhante. Apenas era bem diferente na escala de sua grandeza, pois na base aquela coluna deveria ser maior do que a própria Terra.

Foi então que bem abaixo Bowman percebeu algo que certamente era novo para ele, já que não poderia deixar de tê-lo notado se porventura ali estivesse antes. Movendo-se em meio ao oceano de gás, havia miríades de pontos brilhantes. Eram dotados de uma luz perolada, crescendo e minguando em alguns segundos. Todos eles rumavam numa só direção, lembrando salmões subindo a corrente. Às vezes ziguezagueavam, cruzando suas trajetórias, sem contudo tocar uns nos outros.

Havia certamente milhares deles e, quanto mais os olhava, mais ficava convencido de que o seu movimento era proposital. Estavam por demais distantes para que pudesse distinguir algum pormenor na sua estrutura. O próprio fato de conseguir avistá-los naquele panorama colossal já indicava que deveriam ser muito extensos, talvez com centenas de quilômetros. No caso de serem entes organizados, seria preciso que fossem monstruosamente grandes para que se enquadrassem na escala do mundo que habitavam.

Talvez fossem simplesmente nuvens de plasma, com estabilidade temporária

gerada por alguma estranha combinação de forças naturais. Se bem que essa explicação fosse fácil e tranquilizadora, Bowman, ao contemplá-las, não conseguia realmente acreditar nessa hipótese. Os tais pontos reluzentes sabiam para onde estavam indo: convergiam propositadamente para o pilar de fogo no rastro da Anã Branca.

Bowman voltou a olhar para aquela coluna ascendente, caminhando sob o comando da estrela. Seria pura imaginação? Estaria realmente vendo manchas de maior luminosidade sobre aquele imenso gêiser de gás, como se miríades de fagulhas brilhantes se combinassem para formar continentes de fosforescência?

A hipótese que aventou ultrapassava os limites da fantasia: estaria assistindo nada mais nada menos que à migração de estrela para estrela através de uma ponte de fogo. Se aquilo era realmente um deslocamento de seres cósmicos irracionais, arrastados pelo espaço e movidos por alguma necessidade animal, ou então uma vasta afluência de entes dotados de inteligência, provavelmente jamais chegaria a saber.

Bowman deslocava-se em meio a uma nova ordem da criação com que poucos homens haviam sequer sonhado. Além dos mares, terras, ar e espaço, situavam-se os domínios do fogo, os quais somente ele tivera o privilégio de vislumbrar. Seria esperar demais que, além disso, fosse ele capaz de entendê-los.

44. A recepção

O pilar de fogo deslocava-se qual uma tempestade percorrendo o horizonte. Dentro da cápsula, ao abrigo daquele ambiente capaz de aniquilá-lo numa fração de segundo, David Bowman aguardava o desenrolar dos acontecimentos.

A Anã Branca descia rapidamente, tocava o horizonte, inflamando-o e desaparecendo em seguida. Um falso poente envolveu aquele inferno e, em meio àquela súbita mudança de iluminação, Bowman pôde perceber que alguma coisa estava acontecendo no espaço que o rodeava.

O mundo que pertencia ao sol rubro parecia ondular, como se ele o

estivesse olhando através de água corrente. Por um instante ficou imaginando se aquilo seria resultado da refração, ocasionada talvez pela passagem de uma onda de choque extremamente violenta que atravessasse a atmosfera em que se encontrava mergulhado.

A luz tornava-se mais mortiça, parecendo preceder um novo crepúsculo. Instintivamente Bowman olhou para cima, porém logo se lembrou de que naquelas paragens a principal fonte de luz não era o céu e sim o flamejante mundo existente mais abaixo.

Parecia-lhe que muros, feitos de algum material semelhante a vidro opaco, estivessem crescendo ao seu redor, isolando-o do brilho rubro e obscurecendo a visão. Ficava cada vez mais escuro e até mesmo o rugir dos furacões siderais desapareceu. A cápsula flutuava agora em meio à noite e ao silêncio. Em seguida, sentindo um baque suave, como se tivesse pousado numa superfície dura, percebeu então que a cápsula ficara imóvel.

"Mas onde, meu Deus?", pensou Bowman, incrédulo. A luz retornou e sua incredulidade cedeu lugar a um profundo desespero. Diante do que via, imaginou que a loucura já estivesse começando a tomar conta de sua mente.

Pensara que estava preparado para qualquer coisa. Porém aparentemente a coisa mais inesperada era, também, a mais banal.

Sua cápsula estava pousada no assoalho polido de uma elegante suíte de hotel, desse tipo que se pode encontrar em qualquer grande cidade da Terra. Tinha diante de si uma sala de estar, onde se viam uma mesa de café, um sofá, umas doze cadeiras, uma escrivaninha, diversas lâmpadas, uma estante com livros e revistas e até mesmo um vaso com flores. Pendia de uma parede a *Ponte em Aries*, de Van Gogh, enquanto numa outra se via *O Mundo de Cristiana*, obra de Wyeth. Teve a impressão de que se abrisse a gaveta da mesa certamente encontraria dentro dela a Bíblia Gideon...

Era preciso admitir que, se estivesse louco, suas alucinações estavam muito bem ordenadas. Tudo parecia perfeitamente real. Na verdade, o único elemento incongruente, em meio àquela cena, era a própria cápsula.

Durante alguns minutos Bowman permaneceu imóvel em seu assento. De certa forma esperava que aquela visão acabasse desaparecendo, mas ela tinha o aspecto absolutamente maciço.

Deveria ser real ou então uma ilusão tão bem urdida que se tornava impossível distingui-la da realidade. Talvez fosse alguma espécie de teste. Neste caso, não só o seu próprio destino, como, também, o de toda a espécie humana, poderia depender do que ele fizesse naqueles próximos minutos.

Poderia continuar sentado, aguardando os acontecimentos, ou então sair da cápsula e enfrentar a realidade do ambiente ao seu redor. O piso parecia bem sólido. Pelo menos era capaz de suportar o peso da cápsula e certamente o suportaria também.

Havia ainda, porém, o problema do ar. Aquele aposento poderia estar em meio ao vácuo ou então conter uma atmosfera altamente-venenosa. Bowman acabou chegando à conclusão de que isso seria pouco provável. Ninguém seria capaz de ter todo aquele trabalho, descurando-se, ao mesmo tempo, de um pormenor tão essencial. Mesmo assim, não estava disposto a se arriscar desnecessariamente. Durante os anos de treinamento desenvolvera uma extrema prudência quanto aos perigos de contaminação. Não iria expor-se a um meio ambiente desconhecido, a menos que não tivesse outra alternativa. Se bem que o aposento tivesse o aspecto de suíte de qualquer hotel dos Estados Unidos, ele sabia que deveria estar situado a centenas de anos-luz do sistema solar.

Fechou o capacete do seu traje espacial e abriu a portinhola da cápsula. Ouviu um breve chiado, enquanto a pressão era uniformizada. Bowman penetrou no aposento.

O campo gravitacional pareceu-lhe perfeitamente normal. Levantou um dos braços, deixando-o cair livremente. Caiu em menos de um segundo.

Aquilo fazia tudo parecer duplamente irreal. Lá estava ele, dentro de um traje espacial, em pé — quando deveria estar flutuando — junto a um veículo que só operava de maneira eficiente na ausência da gravidade. Todos os seus reflexos de astronauta estavam confusos. Era preciso pensar antes de empreender cada novo movimento.

Como se fosse um indivíduo em transe, caminhou lentamente, deixando o lugar desprovido de móveis e dirigindo-se para a suíte. Esta não desapareceu com a sua aproximação, continuando perfeitamente real e sólida.

Deteve-se junto à mesa do café. Sobre essa encontrava-se um telefone com vídeo, do tipo convencional fabricado pela Bell System, bem como uma lista telefônica. Abaixou-se e apanhou o volume com as mãos enluvadas e um tanto desajeitadas.

Em cima da lista telefônica, impressas em tipos que já vira milhares de vezes, estavam as palavras:

WASHINGTON, D.C.

Olhou mais de perto e então, pela primeira vez, obteve uma prova concreta

de que, apesar de todo o realismo, não se encontrava na Terra.

Só conseguiu ler a palavra WASHINGTON. O resto da impressão estava um tanto borrado, como se tivesse sido copiado de uma fotografia de jornal. Abriu a lista ao acaso e percorreu as páginas... todas em branco. O material utilizado nas folhas não era papel, se bem que fosse bastante semelhante.

Levantou o receptor do telefone e comprimiu-o de encontro ao plástico do seu capacete. Se houvesse som para disar, ele o perceberia por meio daquele material condutor. Porém, conforme já imaginara, nada ouviu. O silêncio era completo.

Portanto, aquilo tudo era ilusório, forjado de maneira fantasticamente cuidadosa. Imaginou que não se destinava a enganar e sim a tranquilizar. Apesar desse pensamento confortador, não pretendia remover o traje antes de concluir as suas investigações.

Todo o mobiliário parecia bastante forte. Experimentou as cadeiras e verificou que elas suportavam o seu peso. Entretanto, as gavetas da escrivaninha não funcionavam. Eram simples imitações.

No caso dos livros e das revistas a situação era a mesma da lista telefônica: somente os títulos eram legíveis. A seleção era bastante estranha, composta, em sua maioria, de *best-sellers* um tanto ordinários, alguns trabalhos de não-ficção e algumas autobiografias amplamente divulgadas. Não havia nada ali que tivesse menos de três anos e bem poucos volumes possuíam conteúdo intelectual. Não que isso tivesse qualquer importância, já que, de qualquer forma, não poderiam ser retirados das prateleiras.

Havia duas portas que foram abertas com facilidade. A primeira levou-o a um pequeno e confortável dormitório, onde havia cama, mesa, duas cadeiras, interruptores em funcionamento e um armário. Bowman abriu-o e viu-se diante de quatro ternos, um roupão, uma dúzia de camisas e diversos jogos de roupa de baixo, tudo isso pendendo dos cabides.

Pegou um dos ternos e inspecionou-o cuidadosamente. Segundo pôde verificar com as suas mãos enluvadas, a fazenda era mais parecida com pele do que com lã. Estava, também, um tanto fora de moda. Aquele modelo de terno deixara de ser usado pelo menos quatro anos atrás.

Junto ao dormitório havia um banheiro completo, com aparelhos que funcionavam normalmente. Mais adiante encontrou uma *kitchenette*, com fogão elétrico, geladeira, armários, louça e talheres, pia, mesa e cadeiras. Bowman passou a explorar tudo aquilo movido não só pela curiosidade,

como, também, pela fome crescente.

Em primeiro lugar, abriu a geladeira de onde veio uma lufada de névoa fria. As prateleiras estavam repletas de pacotes e latas, tudo com aspecto perfeitamente familiar, pelo menos a distância. Entretanto, depois de um exame minucioso, verificou que todos os rótulos eram quase ilegíveis. Havia uma evidente falta de ovos, leite, manteiga, carne, frutas, enfim, toda espécie de alimentação não industrializada. A geladeira continha apenas alimentos embalados.

Bowman pegou um dos pacotes que continha um desses cereais bastante conhecidos e que são usados no café da manhã. Ao empunhar o pacote, porém, verificou imediatamente que não continha flocos de milho, pois era muito pesado.

Arrancou uma das orelhas e examinou o conteúdo. Tratava-se de uma substância azul, ligeiramente úmida, com peso e textura semelhantes ao que teria um pudim de pão. Não fosse a sua estranha coloração, pareceria bastante apetitoso.

"Mais isso é ridículo", pensou Bowman. "Certamente estou sendo observado e devo dar a impressão de um idiota neste traje espacial. Se por acaso estiver sendo submetido a algum teste de inteligência, então, sem dúvida, serei reprovado." Sem hesitar mais, voltou ao dormitório e começou a retirar o capacete. Abriu uma pequena fresta e cheirou cautelosamente. Ao que tudo indicava, respirara ar perfeitamente puro.

Jogou o pacote na cama e começou a despir com satisfação o resto do traje. Ao terminar, esticou-se todo, respirou fundo algumas vezes e, em seguida, pendurou o traje junto com as outras peças do vestuário que se encontravam dentro do armário. Ainda que parecesse estranho, o espírito ordeiro de Bowman (comum a todos os astronautas) não o abandonava onde quer que estivesse.

Em seguida voltou à cozinha, decidido a examinar aquele cereal mais demoradamente.

O pudim azul tinha um cheiro levemente condimentado, semelhante ao de bolo de amêndoas. Bowman examinou-o na palma da mão e depois tirou um pedacinho, cheirando-o. Se bem que estivesse certo da inexistência de qualquer propósito de envenenamento, era preciso admitir a possibilidade de enganos, principalmente num terreno tão complexo com o da bioquímica.

Mordiscou alguns farelos, mastigou e engoliu. O sabor era excelente, se bem que estranho e indefinível. Se fechasse os olhos, poderia imaginar que se

tratava de carne, ou de pão integral, ou até mesmo de frutas secas. Aparentemente não precisaria temer a morte por inanição.

Sentindo-se satisfeito, depois de ingerir uma pequena porção daquela substância, começou a procurar algo para beber. Dentro da geladeira encontrou meia dúzia de latas de cerveja, todas da mesma marca famosa. Abriu uma delas.

Retirou a tampa, cujo sistema era tradicional, e então verificou, com certo desapontamento, que a lata não tinha cerveja. Continha aquele mesmo alimento azul.

Abriu outros pacotes e latas. Quaisquer que fossem os seus rótulos, o conteúdo era sempre o mesmo. Aparentemente sua dieta não seria muito variada. Como bebida disporia apenas de água. Encheu um copo na torneira da cozinha e começou a bebericurar cuidadosamente.

Ato contínuo cuspiu as primeiras gotas ingeridas. O gosto era horrível. Então, um tanto envergonhado, fez um esforço para beber o resto.

O primeiro gole fora o suficiente para identificar o líquido. Seu sabor era tão terrível exatamente porque não tinha gosto algum. O líquido que fluía da torneira era água destilada pura. Seus anfitriões desconhecidos certamente não quiseram pôr em risco a sua saúde.

Sentindo-se melhor, resolveu tomar um rápido banho de chuveiro. Não havia sabonete, o que era apenas um problema secundário, mas encontrou, em compensação, um secador de ar quente. Deliciou-se com ele por alguns instantes e, em seguida, foi experimentar as cuecas, uma camiseta e o *robe-de-chambre*. Vestido assim, deitou-se na cama, olhando para o teto e pensando em sua extraordinária situação.

As suas divagações foram interrompidas por outro pormenor que até então passara despercebido: bem acima da cama havia um aparelho de TV, desses que se encontram nos tetos de quase todos os hotéis de certa categoria. Imaginou que, a exemplo do telefone e dos livros, também ele não funcionava.

Porém o controle remoto ao lado da cama tinha um aspecto tão real que ele se sentiu irresistivelmente tentado a experimentá-lo. A tela iluminou-se assim que ele pressionou o botão que a ligava.

Girou ao acaso o seletor de canais e logo apareceu a primeira imagem.

Tratava-se de um conhecido comentarista africano narrando as tentativas que estavam sendo feitas em seu país no sentido de preservar os últimos remanescentes da vida selvagem. Bowman ficou ouvindo, embevecido com o

som da voz humana, sem dar qualquer importância ao conteúdo de suas palavras. Depois passou a trocar os canais.

Viu uma orquestra sinfônica que executava o *Concerto para Violino*, de Walton, uma discussão sobre a lamentável situação reinante nos meios teatrais, um *western*, uma demonstração de novo método para combater a dor de cabeça, um psicodrama, três noticiários, um jogo de futebol, uma conferência em russo, além de diversos sinais sintonizadores e transmissões de dados. Aparentemente, tratava-se de uma seleção perfeitamente normal dos programas da TV mundial. Todos eles serviram para dar-lhe um certo bem-estar psicológico, bem como para confirmar uma suspeita que se avolumava em sua mente.

Todos aqueles programas tinham pelo menos dois anos de idade. Essa época correspondia ao descobrimento da AMT-1 e parecia-lhe difícil admitir que se tratasse de mera coincidência. Alguma coisa controlara aquelas ondas de rádio. O bloco de ébano certamente estivera mais ocupado do que supunham os seus descobridores.

Continuou com os olhos fixos na tela e subitamente reconheceu uma cena familiar. Lá estava aquela mesma suíte em que ele agora se encontrava, porém, desta vez, ocupada por um ator célebre, furioso com sua amante infiel. Bowman olhou aterrorizado para o salão de onde viera e, quando a câmara acompanhou o casal em direção ao dormitório, olhou instintivamente em direção à porta, quase esperando que alguém entrasse.

Agora compreendia como fora preparada sua recepção. Seus anfitriões tinham formado sua idéia da vida terrestre em programas de TV. Invadiu-o uma sensação quase real de que se encontrava em meio a um cenário.

Não desejava saber mais nada, pelo menos por enquanto. Desligou o aparelho. "Que farei agora?", pensou, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e olhando para a tela escura.

Sentia-se física e emocionalmente exausto, porém parecia-lhe impossível conciliar o sono naquele ambiente fantástico. Mas o leito confortável e a sabedoria instintiva do corpo conspiraram contra a sua vontade.

Procurou o interruptor e logo o quarto ficou escuro. Decorridos apenas alguns segundos, mergulhava num sono profundo.

David Bowman dormia pela última vez.

45. Recapitulação

O mobiliário da suíte, não tendo mais utilidade, se desfez e retornou à mente do seu criador. Somente restaram a cama e as paredes que protegiam aquele frágil organismo das energias que ainda era incapaz de controlar.

David Bowman agitava-se em seu sono. Sem despertar, nem tampouco sonhar, não estava mais completamente inconsciente. Como uma neblina que invadisse a floresta, algo penetrava na sua mente. Era capaz de senti-lo apenas vagamente, já que o seu impacto total seria capaz de destruí-lo tal qual a labareda que havia além daquelas paredes. Não sentia mais esperança ou temor. Fora desprovido de qualquer espécie de emoção.

Parecia estar flutuando no espaço, enquanto ao seu redor se estendia, em todas as direções, uma vasta rede de linhas escuras ao longo das quais deslocavam-se pontos de luz — alguns lentamente, outros numa velocidade vertiginosa. Certa feita, ele tivera a oportunidade de contemplar, através de um microscópio, uma porção do cérebro humano. A sua rede de fibras nervosas possuía a mesma complexidade. Aquilo, porém, estava morto e estático, enquanto o presente transcendia a própria vida. Ele sabia — ou pensava saber — que estava assistindo ao funcionamento de uma mente gigantesca, contemplando o universo do qual ele era apenas uma parte insignificante.

A visão, ou ilusão, durou um breve instante. Tudo aquilo desapareceu, enquanto David Bowman penetrava nos domínios da consciência até então jamais experimentados por qualquer homem.

Inicialmente o próprio tempo pareceu começar a retroceder. Até mesmo esse fenômeno estava preparado para aceitar, antes de compreender a verdade realmente sutil que ele encerrava.

A sua memória aguçava-se e começava a reviver o passado. Lá estava a suíte do hotel — depois a cápsula — mais adiante o panorama sideral do sol vermelho — a galáxia resplandecente — a porta pela qual emergira. Não apenas a visão mas, também, as impressões sensitivas e todas as emoções que experimentara passavam por ele cada vez mais rápidas. Sua vida se desenrolava diante dele como se fosse a fita de um gravador tocada de trás para diante e em velocidade cada vez maior.

Agora encontrava-se de volta à nave e os anéis de Saturno ocupavam o céu.

Repetia seu último diálogo com HAL. Via Frank Poole partir para a sua última missão e ouvia as vozes da Terra assegurando-lhe que tudo estava em ordem.

Continuava retrocedendo no tempo. Seus conhecimentos e a sua experiência exauriam-se à medida que retornava à infância. Contudo, nada se perdia. Tudo aquilo que fora, a cada instante de sua existência, estava sendo transferido para lugar mais seguro. Enquanto um David Bowman deixava de existir, um outro tornava-se imortal.

Retrocedia cada vez mais rápido rumo aos anos esquecidos e a um mundo bem mais simples. Rostos que amara, que julgara perdidos no olvido, sorriam-lhe suavemente. Ele correspondia afavelmente e sem sofrimento.

Agora a longa regressão começava a diminuir. Os poços da memória estavam praticamente vazios. O tempo escoava-se cada vez mais lentamente, avizinando-se de um ponto-morto, como um pêndulo que, no limite do arco descrito, permanecesse paralisado por um instante aparentemente interminável antes de reiniciar um novo ciclo.

O instante passou e o pêndulo reiniciou sua marcha. Num quarto vazio, flutuando entre as chamas de uma dupla estrela, distante vinte mil anos-luz da Terra, uma criança abriu os olhos e começou a chorar.

46. Transformação

Logo, porém, se aquietou ao perceber que não estava sozinha.

Um retângulo fantasmagórico e brilhante se formara no vazio. Depois solidificou-se num tablete cristalino, perdendo sua transparência e tingindo-se de uma luminescência pálida e leitosa. Sombras indefinidas deslocavam-se em sua superfície com suas profundezas. Aglutinavam-se em listras de luz e sombra, formando desenhos entremeados que começavam a girar lentamente, num ritmo pulsante que agora parecia encher todo o espaço.

Aquele espetáculo seria capaz de prender a atenção de qualquer criança. Entretanto, assim como acontecera três milhões de anos antes, tratava-se apenas de manifestação exterior de forças demasiado sutis para serem percebidas conscientemente. Tratava-se de simples brinquedo, destinado a

distrair os sentidos, enquanto o verdadeiro processamento estava sendo feito nos níveis mais profundos da mente.

Desta vez, tal processamento era mais rápido e seguro. O material em que o desenho estava sendo tecido era de textura infinitamente melhor. Contudo, se poderia fazer parte de sua tapeçaria ainda em crescimento, era coisa que somente o futuro iria dizer.

Possuindo olhos então mais que humanos, a criança contemplou as profundezas do monólito cristalino, avistando — sem compreender ainda — os mistérios que ali se ocultavam. Sabia que estava de volta ao lar. Sabia que ali se encontravam as origens de muitas espécies, afora a sua própria. Sabia, também, que não poderia ficar. Além daquele instante haveria novo nascimento, mais estranho que qualquer outro ocorrido no passado.

O momento chegara. Os desenhos brilhantes desapareceram. Ao mesmo tempo, desfizeram-se as paredes protetoras, voltando ao nada de onde haviam emergido, enquanto o sol vermelho enchia o céu.

O metal e o plástico da cápsula abandonada, bem como o traje, certa vez usado por um ente chamado David Bowman, desapareceram em meio às chamas. O último elo com a Terra se fora, ficara reduzido aos seus átomos componentes.

Entretanto, a criança nem sequer o percebeu, ocupada que estava em ajustar-se ao brilho confortável que a cercava. Ainda necessitaria, por algum tempo, de sua matéria como centro de suas forças. Seu corpo indestrutível constituía a sua própria imagem mental. Apesar de todas as suas forças, sabia que era ainda um bebê. Permaneceria assim até decidir-se por uma nova forma ou ultrapassar as limitações da matéria.

Havia chegado agora o momento de partir, se bem que de certa forma jamais deixaria aquele lugar em que ressuscitara, fazendo parte daquele ente que utilizara a estrela dupla para os seus propósitos. Seu destino era claro, se bem que não o fosse a sua natureza. Não havia qualquer necessidade de esmiuçar as trajetórias que percorrera para chegar até ali. Com os instintos acumulados no decorrer de três milhões de anos, percebia, então, que havia inúmeras alternativas além do espaço. O antigo mecanismo do "Portal das Estrelas" fora útil, porém agora ele não mais o utilizaria.

A forma retangular, que certa vez lhe parecera não passar de uma laje de cristal, ainda flutuava diante dele, indiferente que era às chamas inofensivas do inferno existentes mais abaixo. Havia ainda segredos no espaço e no tempo, porém já os compreendia e era capaz de dominar alguns deles. Quão

óbvia e quão necessária era aquela proporção matemática de seus lados, a seqüência 1:4:9! E que ingenuidade imaginar que a série terminasse ali, em apenas três dimensões!

Focalizou a mente nessas elucubrações geométricas e, enquanto seus pensamentos as roçavam, a moldura vazia encheu-se com a escuridão da noite interestelar. O brilho do sol vermelho diminuiu, ou melhor, pareceu espalhar-se em todas as direções ao mesmo tempo. E ali, bem diante dele, estava o remoinho luminoso da galáxia.

Poderia não passar de maquete muito bem feita, com muitos pormenores, conservada no interior de um bloco de plástico. Tratava-se, porém, da realidade, englobada por sentidos agora mais sutis que a visão. Se o desejasse, seria capaz de focalizá-los sobre qualquer uma de suas centenas de bilhões de estrelas. É poderia ainda fazer muito mais.

Aí estava ele, à deriva nesse grande rio de sóis. E aí desejava permanecer, na extremidade desse abismo do céu, nessa faixa de escuridão sem estrelas. Sabia que esse caos informe, somente perceptível através dos seus contornos iluminados pelas neblinas flamejantes, era porção ainda não utilizada pela criação, a matéria-prima de evoluções futuras. Aí o Tempo ainda não começara e não começaria antes que os sóis atuais estivessem mortos. Só então a luz e a vida preencheriam aquele vazio.

Tinha feito aquela travessia uma vez; agora voltaria a fazê-la espontaneamente. Esse pensamento o encheu de um súbito terror, desorientando-o por instantes, enquanto sua nova visão do Universo estremecia e ameaçava despedaçar-se em mil fragmentos.

Não se tratava do temor dos precipícios galácticos, e sim de uma inquietação mais profunda, proveniente do futuro. Tinha deixado para trás as escalas do tempo de sua origem humana. Agora, ao contemplar aquela faixa de noite sem estrelas, sentia as primeiras insinuações da Eternidade que se abria diante dele.

Então, lembrou-se que jamais estaria sozinho e o seu pânico foi abandonando-o lentamente. A clara percepção do Universo retornou. Sabia que isso não era devido aos seus próprios esforços. Disporia desse auxílio sempre que necessitasse de apoio em seus primeiros passos incertos.

Novamente confiante, como um mergulhador que recupera a calma, lançou-se através dos anos-luz. A galáxia escapou da moldura em que ele a enquadrara. Estrelas e nebulosas ultrapassavam-no numa ilusão de velocidade infinita. Sóis explodiam e desapareciam enquanto ele deslizava

como sombra através de seus núcleos. A escura poeira cósmica, que certa vez chegara a temer, parecia não mais que o adejar das asas de um corvo sobre a face do Sol.

As estrelas escasseavam. O brilho da via-láctea transformava-se em pálido fantasma do esplendor que lhe fora dado conhecer e que voltaria a encontrar novamente, quando estivesse pronto.

Estava de volta exatamente ao lugar desejado, ao espaço que os homens chamavam de real.

47. O filho das estrelas

Diante dele, qual brinquedo brilhante e irresistível, flutuava o planeta Terra, com todos os seus povos.

Havia retrocedido no tempo. Lá embaixo, naquele globo superpovoado, os alarmas estariam surgindo nas telas de radar, os grandes telescópios de rastreamento estariam perscrutando os céus. A história — tal qual o homem a conhecera — estaria chegando ao fim. A mil e quinhentos quilômetros de distância uma carga letal inativa fora despertada e deslocava-se lentamente em sua órbita. Ele a percebeu. As frágeis energias que a mesma continha não constituíam qualquer ameaça para ele. Entretanto, agradavam-lhe céus mais limpos. Orientou-se nesse sentido a sua vontade e logo os megatons circulantes desabrocharam numa silenciosa detonação que ocasionaria uma alvorada breve e ilusória sobre a metade do globo que estava adormecida.

Ficou esperando e reorganizando os seus pensamentos. Meditava a respeito de suas forças que ainda não tivera oportunidade de testar. Se bem que fosse o senhor do mundo, não sabia ainda o que fazer a seguir.

Acabaria, porém, imaginando algo.

FIM

EPÍLOGO

Depois de 2001

O livro 2001: Odisséia no Espaço foi escrito durante os anos 1964-1968, e publicado em Julho de 1968, pouco depois da divulgação do filme. Como disse em *The Lost Worlds of 2001*, dei seguimento simultâneo a ambos os projetos, que se complementaram mutuamente. Assim, foi-me dado viver muitas vezes a estranha experiência de rever um manuscrito depois de ver cenas baseadas numa versão anterior — uma maneira de escrever uma história sem dúvida estimulante, mas bastante cara.

O resultado disto é que há um paralelo muito maior entre o livro e o filme do que normalmente acontece, mas existem também diferenças apreciáveis. No livro, o destino da nave espacial *Discovery* é Japeto (ou Iapetus), a mais enigmática das muitas luas de Saturno. O sistema saturniano é alcançado via Júpiter: a *Discovery* aproxima-se do gigantesco planeta, e usa o seu enorme campo gravitacional para produzir um efeito "estilingue", que a acelera para a segunda parte da viagem. Exatamente a mesma manobra foi feita pelas sondas espaciais *Voyager*, em 1979, a quando do primeiro reconhecimento pormenorizado dos gigantes exteriores.

No filme, no entanto, Stanley Kübrick evitou — e muito bem — qualquer confusão, estabelecendo o terceiro encontro entre Homem e Monólito no meio das luas de Júpiter. Saturno foi completamente riscado do argumento, mas Douglas Trumbull usou mais tarde a perícia que adquirira a filmar o planeta com anéis, na sua própria produção *Silent Running*.

Ninguém imaginava, nos anos sessenta, que a exploração das luas de Júpiter não se daria no próximo século, mas sim quinze anos depois. Nem ninguém sonhava com as maravilhas que aí seriam descobertas... mas podemos ter a certeza de que os achados dos *Voyagers* gêmeos serão, um dia, ultrapassados por descobertas ainda mais inesperadas. Quando o 2001 foi escrito, Io, Europa, Ganimedes e Calisto, não passavam de meros pontos de luz, mesmo quando observados ao telescópio mais potente; hoje, são mundos, cada um

deles único; e Io, o corpo mais vulcanicamente ativo do Sistema Solar.

No entanto, vistas bem as coisas, tanto o filme como o livro se agüentam bem à luz destas descobertas. Não tenho mudanças de maior a fazer ao texto, e é fascinante comparar as seqüências de Júpiter do filme, com as gravações reais da Voyager.

Não deve, também, ser esquecido, que 2001 foi escrito antes de uma das Grandes Divisórias da história humana; ficamos apartados dela para sempre no momento em que Neil Armstrong deu o primeiro passo na Lua. 20 de Julho de 1969 ficava ainda a meia década no futuro, quando eu e Stanley Kübrick começamos a pensar no "proverbal bom filme de ficção científica" (frase dele).

Agora, a história e a ficção entreligaram-se inextricavelmente. Os astronautas da Apollo já havia visto o filme quando partiram para a Lua. Os membros da tripulação da Apollo 8, que, no Natal de 1968, se tornaram os primeiros homens a ver o outro lado da Lua, disseram-me que se haviam sentido tentados a comunicar por rádio a descoberta de um grande monólito gigante: infelizmente, a discricão levou a melhor...

E houve mais, e quase misteriosos, exemplos da natureza a imitar a arte. O mais estranho de todos foi a saga da Apollo 13, em 1970.

Para começar, o Módulo de Comando, que abriga a tripulação no seu interior, foi batizado com o nome de Odisséia. Mesmo antes da explosão do tanque de oxigênio, que levou ao falhanço da missão, a tripulação pusera a tocar o tema de Zaratustra, de Richard Strauss, hoje universalmente identificado com o filme. Imediatamente a seguir à perda de energia, Jack Swigert enviou a seguinte mensagem ao Comando da Missão: "Houston, tivemos um problema". As palavras ditas por Hal a Frank Poole numa ocasião semelhante, foram: "Desculpem interromper as festividades, mas temos um problema".

Mais tarde, quando relatório da missão Apollo 13 foi publicado, o administrador da NASA Tom Paine mandou-me uma cópia, onde apontou, por baixo das palavras de Swigert: "Tal como você sempre disse que ia ser, Arthur." Ainda hoje tenho uma sensação estranha quando penso em toda esta série de acontecimentos como se também eu tivesse uma certa parte de responsabilidade...

Houve ainda uma outra ressonância que, apesar de menos grave, não deixa de ser impressionante. Uma das seqüências tecnicamente mais brilhantes do

filme é uma em que se vê o astronauta Frank Poole correndo à volta da trilha circular do centrifugador gigante, mantido no lugar pela "gravidade artificial" produzida pela sua rotação.

Quase uma década mais tarde, os membros da tripulação do enormemente bem sucedido Skylab, aperceberam-se de que os seus projetistas o haviam concebido com uma geometria semelhante; um anel de cabines de arrumações, formava uma faixa regular e circular em volta do interior da estação espacial. O Skylab, todavia, não estava em rotação... o que não deteve os seus engenhosos ocupantes. Estes descobriram que podiam correr à volta da trilha, como ratos na roda de uma gaiola, produzindo um resultado visualmente indistinto do de 2001. E enviaram as filmagens do exercício para a Terra (precisarei de nomear a música de fundo?), juntamente com o comentário: "Stanley Kübrick devia ver isto".

Como, a seu tempo, aconteceu, pois mandei-lhe uma gravação. (Nunca mais a recuperei; Stanley domesticou um Buraco Negro, que usa como arquivo.)

Há ainda a referir o estranho caso do "Olho de Japeto", descrito no Capítulo 35, onde Bowman descobre "uma brilhante Oval branca... de contornos tão bem definidos que parecia pintada na superfície da pequena lua", com um minúsculo ponto preto no centro, que acaba por se ver tratar-se do Monólito (ou de um dos seus avatares).

Bem... a Voyager I tirou as primeiras fotografias de Japeto, descobriu-se realmente uma enorme e bem definida oval branca, com um minúsculo ponto preto ao centro. Carl Sagan enviou-me imediatamente uma cópia, do Laboratório de Propulsão a Jato, com a seguinte anotação um tanto misteriosa: "Pensando em si...". Não sei se hei-de sentir-me aliviado, ou desapontado, por a Voyager 2 ainda ter deixado a questão em aberto.

Quando, há catorze anos, escrevi as palavras finais "Pois embora fosse senhor do mundo, não sabia bem o que fazer a seguir. Mas acabaria por descobrir alguma coisa", senti que fechara o circuito, e excluía as possibilidades de alguma seqüência. Aliás, na década seguinte, até ridicularizei tal idéia, por razões que me pareciam decisivas. Visto que 2001 discutia o próximo estágio da evolução humana, esperar que eu (ou mesmo Stanley) o descrevesse, seria tão absurdo como pedir o Amigo da Lua para falar de Bowman e do seu mundo.

Apesar dos meus protestos, é agora óbvio que o meu atarefado subconscientezinho se deitou ao trabalho, talvez em resposta aos montes de cartas de leitores que queriam saber "o que aconteceu a seguir". Finalmente,

e apenas como exercício intelectual, escrevi o resumo de uma seqüência possível na forma de um pequeno sumário filmado, e mandei cópias a Stanley Kübrick e ao meu agente, Scott Meredith. O meu ato, no respeitante a Stanley, não passava de uma mera cortesia, pois eu já sabia que ele nunca se repete (tal como eu nunca escrevo seqüências), mas esperava que Scott vendesse o resumo à revista Omni, que publicara recentemente um outro sumário, "As Canções da Terra Distante". Depois, esperava eu, o fantasma de 2001 seria finalmente exorcizado.

Stanley mostrou um interesse reservado, mas Scott foi Entusiástico e implacável. "Você tem que escrever o livro", disse. Com um gemido, percebi que ele tinha razão...

Por isso, amável leitor (parafraseando), pode saber o que acontece a seguir, em 2010: Segunda Odisséia. Estou muito grato à New American Library, detentora dos direitos de autor de 2001: Odisséia no Espaço, por me ter autorizado a usar o Capítulo 37 na nova história. Este, relaciona os livros um com o outro, servindo, portanto, de elo.

Finalmente, um comentário breve sobre as duas histórias, vistas de um ponto quase exatamente a meio caminho entre o ano 2001, e a altura em que eu e Stanley Kübrick começamos a trabalhar juntos. Ao contrário do que normalmente se pensa, os escritores de ficção científica raramente tentam predizer o futuro; como Ray Bradbury tão bem exprimiu, tentam mais freqüentemente precavê-lo. Em 1964, o primeiro período heróico da Era Espacial começava a vislumbrar-se; os Estados Unidos haviam decidido ir à Lua, e, uma vez tomada tal decisão, a conquista dos outros planetas seguir-se-ia inevitavelmente. Parecia bastante razoável pensar que, por volta de 2001, haveria estações espaciais gigantes em órbita à volta da Terra e — um pouco mais tarde — expedições tripuladas aos planetas.

Num mundo ideal, isso teria sido possível. A Guerra do Vietname teria pago tudo o que Stanley Kübrick mostrou na tela. Percebemos agora que demorará um pouco mais.

2001 não chegará com o ano 2001. No entanto — salvo atrasos acidentais —, quase tudo o que foi descrito no livro e no filme estará numa fase avançada de planeamento. Quase tudo, exceto a comunicação com inteligências extraterrestres: isso é algo que nunca pode ser planeado — só previsto.

Ninguém sabe se acontecerá amanhã... ou daqui a mil anos.

Mas, um dia, há-de acontecer.

ARTHUR C. CLARKE

Colombo, Sri Lanka

Novembro de 1982